

A arquitetura de uma refeição.
Palácios reais portugueses na aurora
do século XX
Caderno 3
Ana Sofia Pinto

D
2025



A arquitetura de uma refeição.
Palácios reais portugueses na aurora do século XX
Caderno 3
Ana Sofia Pinto



DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Ana Sofia de Matos Pinto, natural de Águeda, inscrita no **Programa de Doutoramento em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto** com o número de estudante 201304635 declaro, nos termos do disposto na alínea a) do artigo 14.º do Código Ético de Conduta Académica da U.Porto, que o conteúdo da presente **tese** "A arquitetura de uma refeição. Palácios reais portugueses na aurora do século XX" orientada pela Prof. Doutora Marta Rocha Moreira reflete as perspetivas, o trabalho de investigação e as minhas interpretações no momento da sua entrega.

Declaro, ainda, que a presente **tese** de investigação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição.

Mais declaro que todas as referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência.

Não são divulgados na presente **tese** quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor.

Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.



31 de janeiro de 2025

3. NO PALÁCIO REAL DA VILA DE SINTRA.

O ALMOÇO OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL
PORTUGUESA A ALEXANDRA DE INGLATERRA A
24 DE MARÇO DE 1905

ANA SOFIA DE MATOS PINTO

TESE DE DOUTORAMENTO EM ARQUITETURA

APRESENTADA À FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ÁREA CIENTÍFICA: ARQUITETURA

Orientação:

PROF. DOUTORA MARTA ROCHA MOREIRA

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Na página seguinte:

[Fig. 1] *Vista do Palácio Real da Vila de Sintra*, Eduardo Portugal (1900-1958), datação desconhecida. © AML, PT/AMLSB/POR/000077.



MENU

0. A ARQUITETURA DE UMA REFEIÇÃO.

PALÁCIOS REAIS PORTUGUESES NA AURORA DO SÉCULO XX

15	0.1	O CONVITE
29	0.2	'MISE EN PLACE'
53	0.3	O JANTAR ESTÁ SERVIDO
101	0.4	A ARQUITETURA DE UMA REFEIÇÃO
107	0.5	A IMPRESSÃO DA REFEIÇÃO
111	0.6	OS DIGESTIVOS

1. NO PALÁCIO REAL DA PENA.

O ALMOÇO OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A EDUARDO VII A 3 DE ABRIL DE 1903

III	1.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	1.2	O PALÁCIO REAL DA PENA EM 1903
04	1.3	EDUARDO VII EM PORTUGAL
08	1.4	UM ALMOÇO (INFORMAL) NA PENA
50	1.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 3 DE ABRIL DE 1903

2. NO PALÁCIO REAL DE VILA VIÇOSA.

O JANTAR OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A AFONSO XIII A 15 DE DEZEMBRO DE 1903

III	2.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	2.2	O PALÁCIO REAL DE VILA VIÇOSA EM 1903
04	2.3	AFONSO XIII EM PORTUGAL
08	2.4	JANTAR NO ALENTEJO
44	2.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 15 DEZEMBRO DE 1903

3. NO PALÁCIO REAL DA VILA DE SINTRA.

O ALMOÇO OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A ALEXANDRA DE INGLATERRA A 24 DE MARÇO DE 1905

III	3.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	3.2	O PALÁCIO REAL DA VILA DE SINTRA EM 1905
04	3.3	PELAS PORTAS DO MEDITERRÂNEO
08	3.4	UMA REFEIÇÃO ENTRE RAINHAS
62	3.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 24 DE MARÇO DE 1905

4. NO PALÁCIO REAL DA AJUDA.

O JANTAR E CEIA OFERECIDOS PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A GUILHERME II A 27 DE MARÇO DE 1905

III	4.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	4.2	O PALÁCIO REAL DA AJUDA EM 1905
04	4.3	GUILHERME II RUMO A ÁFRICA
08	4.4	JANTAR E CEIA PARA O IMPERADOR
76	4.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 27 DE MARÇO DE 1905

5. NO PALÁCIO REAL DA CIDADELA DE CASCAIS.

A CEIA OFERECIDA PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A ÉMILE LOUBET A 28 DE OUTUBRO DE 1905

III	5.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	5.2	O PALÁCIO REAL DA CIDADELA DE CASCAIS EM 1905
04	5.3	O REPUBLICANO EM PORTUGAL
08	5.4	DEPOIS DE BELÉM
54	5.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 28 DE OUTUBRO DE 1905

6. NO PALÁCIO REAL DAS NECESSIDADES.

O JANTAR OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A FREDERICO AUGUSTO A 8 DE MARÇO DE 1907

III	6.1	'HORS-D'ŒUVRE'
01	6.2	O PALÁCIO REAL DAS NECESSIDADES EM 1907
04	6.3	UMA LONGA ESTADA
08	6.4	REFEIÇÃO EM FAMÍLIA
56	6.5	A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 8 DE MARÇO DE 1907

3. NO PALÁCIO REAL DA VILA DE SINTRA.

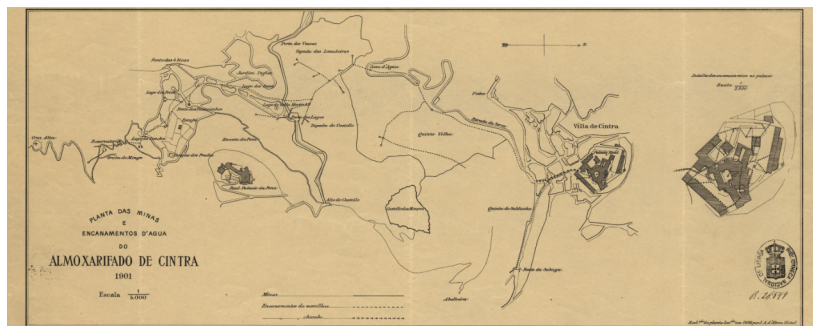
O ALMOÇO OFERECIDO PELA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA A
ALEXANDRA DE INGLATERRA A 24 DE MARÇO DE 1905

III	3.1 ‘HORS-D’ŒUVRE’
III	3.1.1 Um método
V	3.1.2 Dos desenhos
XI	3.1.3 Das imagens
XVII	3.1.4 Dos manuscritos
XXIII	3.1.5 Das publicações
01	3.2 O PALÁCIO REAL DA VILA DE SINTRA EM 1905
	Identificação geral dos espaços
04	3.3 PELAS PORTAS DO MEDITERRÂNEO
	Com um pé em Lisboa
08	3.4 UMA REFEIÇÃO ENTRE RAINHAS
	“No seu lindo palácio antigo”
14	3.4.1 Para além dos laranjais
22	3.4.2 Porque não mais perto?
26	3.4.3 O estranho caso desta cozinha-chaminé
40	3.4.4 A sorte na arte de bem localizar
46	3.4.5 Aqui também se come!
58	3.4.6 Pelo pátio, pelo tanque. Ou por toda a Sintra
62	3.5 A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 24 DE MARÇO DE 1905



Desenhos

Arquivo Nacional Torre do Tombo
Biblioteca Nacional Digital
Serviço de Informação para o Património Arquitetónico



[Fig. 2]

Imagens

Iconografia

Arquivo Municipal de Sintra
Arquivo Nacional Torre do Tombo
Biblioteca Nacional Digital
MatrizNet
Serviço de Informação para o Património Arquitetónico



[Fig. 3 e Fig. 4]

Fotografia

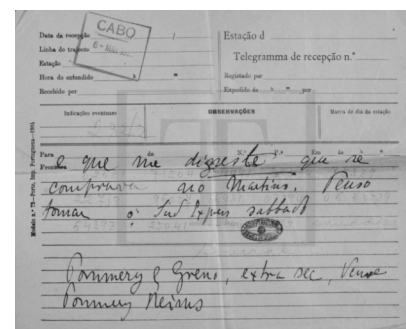
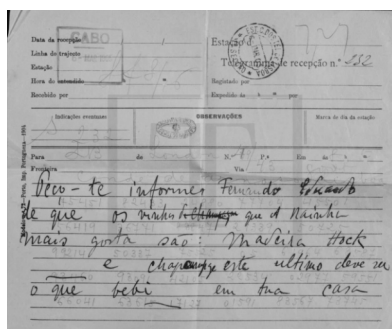
Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança
Arquivo Municipal de Lisboa
Arquivo Municipal de Sintra
Arquivo Nacional Torre do Tombo
Royal Collection Trust
Serviço de Informação para o Património Arquitetónico



[Fig. 5 e Fig. 6]

Manuscritos

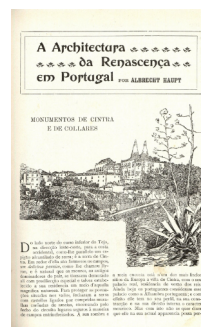
Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança
Arquivo Nacional Torre do Tombo
Biblioteca da Ajuda



[Fig. 7 e Fig. 8]

Publicações

Biblioteca Nacional
Biblioteca Nacional Digital
British Newspaper Archive
Hemeroteca Digital de Lisboa



[Fig. 9, Fig. 10 e Fig. 11]

3.1 ‘HORS-D’ŒUVRE’

3.1.1 Um método

A abordagem metodológica ao caso de estudo da rede alimentar do Palácio Real da Vila de Sintra implicou a consulta e recolha documental, digital e presencial, em doze unidades arquivísticas distintas, processo esse que se prolongou por diversos meses e antecedeu o período de escrita.

Numa primeira instância foram recolhidos e explorados digitalmente desenhos de levantamento do paço patentes no fundo da Casa Real do ANTT. Através destes pôde estudar-se a complexa arquitetura do edifício, simultaneamente preparando-se a visita de estudo ao palácio sintrense. Durante esta percorreram-se, entre outros, os espaços integrantes da rede alimentar, tendo sido dado especial ênfase aos percursos interiores e exteriores. Foram, ainda, efetuadas medições esporádicas de elementos considerados pertinentes, assim como registados fotograficamente os espaços visitados.

De seguida procedeu-se à recolha de documentos escritos, manuscritos e impressos. Os primeiros obtiveram-se junto de duas instituições diferentes, o ANTT (fundos da Casa Real, do Ministério das Finanças e do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria) e a BA, ao passo que os segundos foram consultados em grande parte na BN, instituição continuamente revisitada. Para além de obras sobre a vila de Sintra, o seu paço e a sua história, analisaram-se também trabalhos sobre outras temáticas consideradas pertinentes, como a da azulejaria. Documentos escritos complementares, desta vez digitais, foram acedidos através de outras plataformas, consultadas apenas pontualmente.

Também a cobertura jornalística – quer pela imprensa portuguesa, quer pela britânica – da visita da Rainha Alexandra de Inglaterra a Portugal em março de 1905 foi considerada uma potencial fonte de informação, capaz de elucidar sobre as refeições consumidas em terras lusas. Assim, e no sentido de consultar virtualmente jornais, revistas e periódicos nacionais recorreu-se às plataformas da BND e da HML e, para o seu contraponto britânico, àquela do BNA.

Igualmente relevante na construção desta investigação foi o contacto com registos fotográficos e iconográficos diversos ilustrativos, por um lado, da realidade do Paço da Vila de Sintra, da sua arquitetura e da sua envolvente e, por outro, da Rainha Alexandra de Inglaterra e da sua passagem por Portugal em 1905. Esta consulta por imagens, concretizada apenas digitalmente, fundeu-se num vasto leque de instituições portuguesas, nomeadamente o

Abreviaturas utilizadas:

AHFCB
Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança;

AML
Arquivo Municipal de Lisboa;

AMS
Arquivo Municipal de Sintra;

ANTT
Arquivo Nacional Torre do Tombo;

BA
Biblioteca da Ajuda;

BN
Biblioteca Nacional;

BNA
British Newspaper Archive;

BND
Biblioteca Nacional Digital;

HML
Hemeroteca Municipal de Lisboa;

MN
MatrizNet;

RCT
Royal Collection Trust;

SIPA
Serviço de Informação para o Património Arquitetónico.

AHFCB, o AML, o AMS, o ANTT, a BND, o MN e o SIPA. Todavia, há que ressaltar o relevante papel de uma outra instituição, desta vez britânica, enquanto unidade arquivística de excelência possuidora de um espólio digitalizado altamente significativo para esta investigação sobre a rede alimentar do Palácio Real da Vila de Sintra e a refeição neste oferecida a 24 de março de 1905 à Rainha Alexandra de Inglaterra: o RCT. Aqui, e para além de inúmeras fotografias ilustrativas do quotidiano da monarca, encontraram-se registos preciosos da sua passagem por Sintra e, consequentemente, por Portugal, assim como uma multitude de imagens dos espaços domésticos que a Família Real britânica vinha frequentando.

A totalidade da informação recolhida foi posteriormente selecionada e organizada, estruturando-se e hierarquizando-se os seus conteúdos e a sua pertinência. Este processo incluiu ainda o redesenho da arquitetura do Palácio Real da Vila de Sintra tendo por base os levantamentos de arquitetura recolhidos, assim como a sua anotação criteriosa. Apenas após a concretização desta fase de tratamento dos frutos do processo de recolha documental foi possível, então, passar à construção de uma narrativa.

3.1 ‘HORS-D’ŒUVRE’

3.1.2 Dos desenhos

O material desenhado recolhido encontra-se disperso por três unidades arquivísticas – ANTT, BND e SIPA. Será no ANTT e no SIPA, contudo, que se localiza a esmagadora maioria dos desenhos: no primeiro, aqueles de datação mais antiga – finais do século XIX e inícios do século XX; e no segundo, representações mais tardias, como as cópias retificadas do levantamento de 1902 possivelmente executadas na primeira metade do século XX.

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)

Fundo da Casa Real

Planta do Palácio Real da Vila de Sintra e da sua envolvente, Jozé António de Abreu, 1850.
PT/TT/CR/007-014/00317, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 317.

Planta do piso à cota do Jardim do Príncipe e da Capela do Palácio Real da Vila de Sintra, J. A. d'Abreu Victal, 1902.
PT/TT/CR/007-014/00324, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 324.

Planta do piso à cota do Pátio da Estufa, da Sala de Armas, da Sala do Bonet, e do piso térreo das Cavaleiras do Palácio Real da Vila de Sintra, J. A. d'Abreu Victal, 1902.
PT/TT/CR/007-013/00325, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 325.

Planta do piso à cota do Pátio do Leão e abaixo da cota do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, J. A. d'Abreu Victal, 1902. [Fig. 45]
PT/TT/CR/007-013/00326, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 326.

Planta do piso à cota do Jogo da Pela, dos Aposentos das Damas e da Casa do Almoxarife do Palácio Real da Vila de Sintra, J. A. d'Abreu Victal, 1902. [Fig. 44]
PT/TT/CR/007-013/00327, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 327.

Planta das Cavaleiras e Picadeiro do Palácio Real da Vila de Sintra, J. A. d'Abreu Victal, 1902.
PT/TT/CR/007-013/00328, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 328.

Planta do piso à cota do Pátio da Entrada Principal e do Jardim da Preta do Palácio Real da Vila de Sintra, J. A. d'Abreu Victal, 1902. [Fig. 43]
PT/TT/CR/007-013/00329, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 329.

[Fig. 13] *Planta e alçado do Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, c. 1836.
PT/TT/CR/007-014/00319, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 319.

Alçados de janelas do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1836.
PT/TT/CR/007-014/00320, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 320.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
PT/TT/CR/007-014/00321, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 321.

[Fig. 30] *Planta do Palácio Real da Vila de Sintra*, J. A. d'Abreu Victal, 1902.
PT/TT/CR/007-014/00322, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 322.

[Fig. 46] *Planta do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra*, J. A. d'Abreu Victal, 1902.
PT/TT/CR/007-014/00323, Casa Real, Plantas, Almoxarifado de Sintra, n.º 323.

Planta do piso à cota do Largo da Misericórdia do Palácio Real da Vila de Sintra, J. A. d'Abreu Victal, 1902.
PT/TT/CR/007-013/00330, Casa Real, Plantas,
Almoxarifado de Sintra, n.º 330.

Biblioteca Nacional Digital (BND)

[Fig. 29] *Planta do Palácio Real da Vila de Sintra e da sua Envolvente*, J. A. d'Abreu Victal, 1850.
C.C. 178 A.

[Fig. 2] *Planta das Minas e Encanamentos de Água do Almoxarifado de Sintra*, cópia de original de J. A. d'Abreu Victal, 1901.
C.C. 102 V.

Serviço de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA)

Planta do piso à cota do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00021739 FOTO.00542563.

Planta do piso à cota do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00021862 FOTO.00543123.

Planta do piso à cota do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00021874 FOTO.00543173.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra (projeto): Muralha para a Esplanada, Repartição dos Monumentos Nacionais, 1929 (?).
DOC.00035991 FOTO.00010267.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra: restauro de Sala do Corpo Manuelino, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00035992 FOTO.00010268.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra: pátio e corredor junto à Capela, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00035993 FOTO.00010269.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1983.
DOC.00036709 DES.00014373.

Secções (parciais) do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1983.
DOC.00036709 DES.00014374.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1986.
DOC.00036709 DES.00014375.

Alçado interior parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036711 FOTO.00014391.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036711 FOTO.00014392.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036711 FOTO.00014393.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036711 FOTO.00014394.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036711 FOTO.00014395.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036711 FOTO.00014396.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036711 FOTO.00014397.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1986.
DOC.00036714 FOTO.00014419.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00036714 FOTO.00014420.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00036714 FOTO.00014421.

Alçado parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00036714 FOTO.00014422.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036714 FOTO.00014423.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1984.
DOC.00036714 FOTO.00014424.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00036714 FOTO.00014425.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00036717 FOTO.00014452.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00036717 FOTO.00014453.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00036717 FOTO.00014454.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036717 FOTO.00014455.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra: Jogo da Pela e Sala dos Cisnes, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036717 FOTO.00014456.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036717 FOTO.00014459.

Detalhes construtivos do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00036717 FOTO.00014461.

[Fig. 12] *Planta do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, cópia de original de 1902.
DOC.00036718 FOTO.00014465.

Planta do piso à cota do Jardim do Príncipe e Capela do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, cópia retificada de original de 1902.
DOC.00036718 FOTO.00014466.

Planta do piso à cota do Pátio da Estufa, da Sala de Armas e do Bonet do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, cópia retificada de original de 1902.
DOC.00036718 FOTO.00014467.

Planta do piso à cota do Pátio do Leão e inferior ao piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, cópia retificada de original de 1902.
DOC.00036718 FOTO.00014468.

Planta do piso à cota do Jogo da Pela do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, cópia retificada de original de 1902.
DOC.00036718 FOTO.00014469.

Planta do piso à cota do Jardim da Preta e Picadeiro do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, cópia retificada de original de 1902.
DOC.00036718 FOTO.00014470.

Planta do piso à cota do Pátio da Entrada Principal e Jardim da Preta do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, cópia retificada de original de 1902.
DOC.00036718 FOTO.00014471.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra: Jogo da Pela Sala dos Cisnes e Tanque dos Cágados, autor desconhecido, cópia retificada de original de 1902.
DOC.00036718 FOTO.00014472.

Plantas parciais do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00037415 DES.00018417.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00037415 DES.00018418.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00037415 DES.00018419.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00037415 DES.00018420.

Planta do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra: instalação elétrica, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1981.
DOC.00037415 DES.00018421.

Planta do Palácio Real da Vila de Sintra: implantação, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1986.
DOC.00037415 DES.00018422.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra: instalação elétrica, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00037426 DES.00018499.

Planta do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, datação desconhecida.
DOC.00037811 DES.00020714.

Planta do piso à cota do Pátio do Leão e inferior ao piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1979.
DOC.00037811 DES.00020715.

Planta do piso à cota do Jogo da Pela do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1979.
DOC.00037811 DES.00020716.

Planta do piso à cota do Jardim do Príncipe e Capela do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1979.
DOC.00037811 DES.00020717.

Planta do piso à cota do Jardim da Preta e Picadeiro do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1979.
DOC.00037811 DES.00020718.

Planta do piso à cota do Pátio da Estufa, da Sala das Armas e do Bonet do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1979.
DOC.00037811 DES.00020719.

Planta do Andar nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1979.
DOC.00037811 DES.00020720.

Planta do piso à cota do Pátio da Entrada Principal e Jardim da Preta do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1979.
DOC.00037811 DES.00020721.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra: Jogo da Pela, Sala dos Cisnes e Tanque dos Cágados, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1979.
DOC.00037811 DES.00020722.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00037973 DES.00021828.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00037973 DES.00021829.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.
DOC.00037973 DES.00021830.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1987.

DOC.00037973 DES.00021831.

Pormenores construtivos do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00037991 DES.00021956.

Planta e secção parciais do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, datação desconhecida.
DOC.00037991 DES.00021957.

Planta do Palácio Real da Vila de Sintra: implantação, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1986.
DOC.00037991 DES.00021958.

Planta do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00037992 FOTO.00021960.

Planta do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1965.
DOC.00037992 FOTO.00021962.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra: aposentos de D. Luís, autor desconhecido, 1908.
DOC.00040069 FOTO.00047764.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra: esplanada, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00040069 FOTO.00047766.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra: esplanada, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00040069 FOTO.00047767.

Planta do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00040069 FOTO.00047768.

Secção parcial do Palácio Real da Vila de Sintra: capela, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00040069 FOTO.00047773.

Planta parcial do Palácio Real da Vila de Sintra: capela, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00040069 FOTO.00047774.

Planta do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1902.
DOC.00059233 FOTO.00131315.

Planta do piso à cota do Jardim do Príncipe e da Capela do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1902.
DOC.00059233 FOTO.00131316.

Planta do piso à cota do Pátio da Estufa, da Sala das Armas e do Bonet do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1902.
DOC.00059233 FOTO.00131317.

Planta à cota do Pátio do Leão e inferior ao piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1902.
DOC.00059233 FOTO.00131318.

Planta à cota do Jogo da Pela, dos Aposentos das Damas e da Casa do Almojarife do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1902.
DOC.00059233 FOTO.00131319.

Planta da Cavalaria e Picadeiro do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1902.

DOC.00059233 FOTO.00131320.

Planta do piso à cota do Pátio da Entrada Principal e Jardim da Preta do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1902.
DOC.00059233 FOTO.00131321.

Planta do piso à cota do Pátio do Leão e inferior ao piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, cópia retificada de original de 1902.
DOC.00061284 DES.00302300.

Planta do piso à cota do Jogo da Pela do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, cópia retificada de original de 1902.
DOC.00061284 DES.00302301.

Planta do piso à cota do Jogo da Pela, da Sala dos Cisnes e do Tanque dos Cágados do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, cópia retificada de original de 1902.
DOC.00061284 DES.00302302.



[Fig. 14] Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, António Passaporte (1901-1983), datação desconhecida. © ANTT, PT/AMLSB/PAS/001243.

[Fig. 15] Visita da Rainha Alexandra de Inglaterra, Augusto Bobone (1852-1910), 1905. © ANTT, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/BOB/000001.

3.1 ‘HORS-D’ŒUVRE’

3.1.3 Das imagens

Para além das habituais unidades arquivísticas nas quais se tem vindo a recolher imagens, e por tratar-se da vinda a Portugal da Rainha Alexandra de Inglaterra, achou-se por bem recorrer ao RCT. Nesta coleção britânica acessível digitalmente foi possível contactar com o álbum pessoal da monarca, ilustrativo do seu cruzeiro pelo Mediterrâneo, o qual provou ser um instrumento útil à caracterização da sua passagem por Portugal.

ICONOGRAFIA

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)

[Fig. 32] *Vista exterior do Palácio Real da Vila de Sintra*, Duarte de Armas, 1509-1510.
PT/TT/CF/159_m0134, Códices e documentos de proveniência desconhecida, n.º 159.

[Fig. 47] *Vista exterior do Palácio Real da Vila de Sintra*, Duarte de Armas, 1509-1510.
PT/TT/CF/159_m0135, Códices e documentos de proveniência desconhecida, n.º 159.

Vista exterior do Palácio Real da Vila de Sintra, Duarte de Armas, 1509-1510.
PT/TT/CF/159_m0136, Códices e documentos de proveniência desconhecida, n.º 159.

MatrizNet (MN)

Sala dos Cisnes do Palácio Real da Vila de Sintra, Enrique Casanova, 1889-1895.
Inv. 55450/15.

[Fig. 55] *Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra*, Enrique Casanova, 1889-1895.
Inv. 55450/16.

Gabinete de trabalho de D. Luís no Palácio Real da Vila de Sintra, Enrique Casanova, 1889-1895.
Inv. 55450/18.

Sala do Despacho do Palácio Real da Vila de Sintra, Enrique Casanova, 1889-1895.
Inv. 55450/19.

Quarto de D. Luís no Palácio Real da Vila de Sintra, Enrique Casanova, 1889-1895.
Inv. 55450/17.

Biblioteca Nacional Digital (BND)

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, António Correia Barreto, 1830-1852.
E. 2278 V.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, William H. Burnett, [Fig. 3] c. 1834.
E. 963 V.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, William H. Burnett, c. 1834.
E. 955 V.

Vista da Vila de Sintra, William H. Burnett, c. 1834.
E. 958 V.

Vista da Vila de Sintra, William H. Burnett, c. 1834.
E. 959 V.

Vista da Vila de Sintra, Domingos Schiopetta, 1829.
E. 1385 A.

Vista da Vila de Sintra, Domingos Schiopetta, 1829. [Fig. 26]
E. 3567 P.

[Fig. 4] *Vista da Vila de Sintra*, William Clarkson Stanfield, 1832. E. 1893 V.

FOTOGRAFIA

Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança (AHFCB)

[Fig. 24] *Visita da Rainha Alexandra de Inglaterra ao Palácio Real da Vila de Sintra*, António Novais, 1905. UI 5189.

[Fig. 56] *Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra*, autoria presumível de Enrique Casanova, datação desconhecida. UI 0072.

Arquivo Municipal de Lisboa (AML)

Comitiva aquando da visita da Rainha Alexandra de Inglaterra, Joshua Benoliel, 1905. PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/JBN/002660.

Visita da Rainha Alexandra de Inglaterra ao Palácio Real da Vila de Sintra, António Novais, 1905. PT/AMLSB/ANV/000952.

[Fig. 25] *Comitiva aquando do almoço oferecido à Rainha Alexandra de Inglaterra no Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, 1905. PT/AMLSB/BPI/000358.

Rainha Alexandra de Inglaterra, Rainha D. Amélia e Rainha D. Maria Pia no Palácio Real da Vila de Sintra, Joshua Benoliel, 1905. PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/JBN/002608.

Visita da Rainha Alexandra de Inglaterra, Joshua Benoliel, 1905. PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/SER/012715.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida. PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/ACU/000300.

[Fig. 35] *Arcobotantes do Palácio Real da Vila de Sintra*, Eduardo Portugal, 1924. PT/AMLSB/POR/000068.

Sala dos Brasões do Palácio Real da Vila de Sintra, Eduardo Portugal, 1924. PT/AMLSB/POR/000069.

Sala dos Cisnes do Palácio Real da Vila de Sintra, Eduardo Portugal, 1924. PT/AMLSB/POR/000070.

[Fig. 1] *Vista do Palácio Real da Vila de Sintra*, Eduardo Portugal, datação desconhecida. PT/AMLSB/POR/000077.

[Fig. 63] *Sala do Banho do Palácio Real da Vila de Sintra*, António Passaporte, datação desconhecida. PT/AMLSB/PAS/001112.

[Fig. 14] *Vista do Palácio Real da Vila de Sintra*, António Passaporte, datação desconhecida. PT/AMLSB/PAS/001243.

Vista da vila de Sintra e do Palácio Real da Vila de Sintra, Artur Pastor, 195-. PT/AMLSB/ART/000915.

Largo D. Amélia com neve, António Passaporte, datação desconhecida. PT/AMLSB/PAS/001459.

Visita da Rainha Alexandra de Inglaterra, Augusto Bobone, 1905. PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/BOB/000001. [Fig. 15]

Ornamentação na Rua Garret em Lisboa, por ocasião da visita da Rainha Alexandra de Inglaterra, autor desconhecido, 1905. PT/AMLSB/JAM/000001. [Fig. 20]

Pátio do Leão do Palácio Real da Vila de Sintra, Ernesto de Sousa, c. 1970. PT/AMLSB/ESO/000603. [Fig. 52]

Arquivo Municipal de Sintra (AMS)

Visita da Rainha Alexandra de Inglaterra ao Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1906. PT/AMSNT/FTG/007940.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida. PT/AMSNT/BPI /02015.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida. PT/AMSNT/BPI /000092.

Cozinha principal do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida. PT/AMSNT/BPI /01482.

Pórtico de entrada do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida. PT/AMSNT/BPI /01450.

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida. PT/TT/SNI/ARQF/DO-012-001/73644, Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Documental, XII-1, doc. 73644.

Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra, Santos de Almeida, datação desconhecida. PT/TT/SNI/ARQF/DO-012-001/73658, Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Documental, XII-1, doc. 73658.

Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra, Santos de Almeida, datação desconhecida. PT/TT/SNI/ARQF/DO-012-001/73659, Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Documental, XII-1, doc. 73659.

Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra, F. Dantas, datação desconhecida. PT/TT/SNI/ARQF/DO-012-001/73660, Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Documental, XII-1, doc. 73660..

Quarto de D. Sebastião no Palácio Real da Vila de Sintra, Santos de Almeida, datação desconhecida.
PT/TT/SNI/ARQF/DO-012-001/73662, Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Documental, XII-1, doc. 73662.

Quarto de D. Sebastião no Palácio Real da Vila de Sintra, Santos de Almeida, datação desconhecida.
PT/TT/SNI/ARQF/DO-012-001/73663, Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Documental, XII-1, doc. 73663.

Sala dos Cisnes do Palácio Real da Vila de Sintra, Santos de Almeida, datação desconhecida.
PT/TT/SNI/ARQF/DO-012-001/73665, Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Documental, XII-1, doc. 73665.

Sala dos Cisnes do Palácio Real da Vila de Sintra, Santos de Almeida, datação desconhecida.
PT/TT/SNI/ARQF/DO-012-001/73667, Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Documental, XII-1, doc. 73667.

Sala das Sereias do Palácio Real da Vila de Sintra, Santos de Almeida, datação desconhecida.
PT/TT/SNI/ARQF/DO-012-001/73670, Secretariado Nacional de Informação, Arquivo Fotográfico, Documental, XII-1, doc. 73670.

Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
PT/TT/FTV/002/000199/006037, Foto Vasques, Negativos, cx. n.º 000199, doc. 006037.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
PT/TT/FTV/002/000203/006097, Foto Vasques, Negativos, cx. n.º 000203, doc. 006097.

[Fig. 6] *Vista do Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, datação desconhecida.
PT/TT/FTV/002/000256/006682, Foto Vasques, Negativos, cx. n.º 000256, doc. 006682.

Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (BAFCG)

Sala dos Árabes do Palácio Real da Vila de Sintra, J. M. dos Santos Simões, António Passaporte e Eduardo Portugal, datação 1960-1970.
CFT009.1911-1935n.

Eirado da Audiência do Palácio Real da Vila de Sintra, J. M. dos Santos Simões, António Passaporte e Eduardo Portugal, datação 1960-1970.
CFT009.1911-1935n.

Casa dos Repuxos do Palácio Real da Vila de Sintra, J. M. dos Santos Simões, António Passaporte e Eduardo Portugal, datação 1960-1970.
CFT009.1911-1935n.

Janela do Palácio Real da Vila de Sintra, J. M. dos Santos Simões, António Passaporte e Eduardo Portugal, datação 1960-1970.
CFT009.1911-1935n.

Pátio de Diana do Palácio Real da Vila de Sintra, J. M. dos Santos Simões, António Passaporte e Eduardo Portugal, datação 1960-1970.
CFT009.1911-1935n.

Quarto de D. Sebastião no Palácio Real da Vila de Sintra, J. M. dos Santos Simões, António Passaporte e Eduardo Portugal, datação 1960-1970.
CFT009.1911-1935n.

Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra, J. M. dos Santos Simões, António Passaporte e Eduardo Portugal, datação 1960-1970.
CFT009.1911-1935n.

Sala das Sereias do Palácio Real da Vila de Sintra, J. M. dos Santos Simões, António Passaporte e Eduardo Portugal, datação 1960-1970.
CFT009.1911-1935n.

Sala dos Brasões do Palácio Real da Vila de Sintra, J. M. dos Santos Simões, António Passaporte e Eduardo Portugal, datação 1960-1970.
CFT009.1911-1935n.

Sala dos Árabes do Palácio Real da Vila de Sintra, Estúdio Mário Novais, datação desconhecida.
CFT003.120873.

Quarto de D. Sebastião no Palácio Real da Vila de Sintra, Estúdio Mário Novais, datação desconhecida.
CFT003.120874.

Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra, Estúdio Mário Novais, datação desconhecida.
CFT003.120875.

Royal Collection Trust (RCT)

Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra (p. 8), Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.
RCIN 2923726.

Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra, Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.
RCIN 2513353.

Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra (p. 9), Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.
RCIN 2923727.

Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra (p. 10), Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.
RCIN 2923728.

Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra (p. 11), Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.
RCIN 2923729.

Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra (p. 14), Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.
RCIN 2923732.

[Fig. 21]

Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra (p. 15) com fotografia da comitiva aquando do almoço realizado no Palácio Real da Vila de Sintra a 24 de março de 1905, Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.
RCIN 2513352.

Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra (p. 17), Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.
RCIN 2923733.

[Fig. 22] *Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra (p. 18), Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.*
RCIN 2923734.

[Fig. 62] *Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra com fotografia da comitiva no Pátio dos Cágados do Palácio Real da Vila de Sintra, Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.*
RCIN 2513352.b.

Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra (p. 19), Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.
RCIN 2923735.

[Fig. 23] *Fotografia da Rainha Alexandra de Inglaterra na companhia da Rainha D. Amélia e da Rainha D. Maria Pia patente no Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo, autor desconhecido, 1905.*
RCIN 2513352.a.

Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra com fotografia da mesma na companhia da Rainha D. Amélia e da Rainha D. Maria Pia, Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.
RCIN 2513352.f.

Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra com fotografia da comitiva que assistiu ao almoço realizado no Palácio Real da Vila de Sintra a 24 de março de 1905, Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905.
CIN 2513352.c.

Serviço de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA)

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00000013 FOTO.00500035.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, c. 1920.
DOC.00000014 FOTO.00500036.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Eduardo Portugal, c. 1880.
DOC.00000015 FOTO.00500037.

Pináculo Manuelino no Jardim da Preta do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00000017 FOTO.00500039.

Pátio da Entrada do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00000018 FOTO.00500040.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1951.
DOC.00000019 FOTO.00500041.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, António Ferrugento Gonçalves, datação desconhecida.
DOC.00000020 FOTO.00500042.

Comitiva na escadaria exterior do Palácio Real da Vila de Sintra, Eduardo Portugal, datação desconhecida.
DOC.00000021 FOTO.00500043.

Teto da Sala dos Brasões do Palácio Real da Vila de Sintra, Analide Óscar, 1961.
DOC.00000023 FOTO.00500045.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1965.
DOC.00000024 FOTO.00500046.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1965.
DOC.00000024 FOTO.00500047.

Capela do Palácio Real da Vila de Sintra, Vaz Martins, 1968.
DOC.00000025 FOTO.00500048.

Espaço interior no Palácio Real da Vila de Sintra, Nuno Beirão, 1973.
DOC.00000030 FOTO.00500072.

Quarto no Palácio Real da Vila de Sintra, Nuno Beirão, 1973.
DOC.00000030 FOTO.00500073.

Quarto no Palácio Real da Vila de Sintra, Nuno Beirão, 1973.
DOC.00000030 FOTO.00500074.

Quarto no Palácio Real da Vila de Sintra, Nuno Beirão, 1973.
DOC.00000030 FOTO.00500075.

Sala dos Cisnes do Palácio Real da Vila de Sintra, Nuno Beirão, 1973.
DOC.00000030 FOTO.00500076.

Sala dos Cisnes do Palácio Real da Vila de Sintra, Nuno Beirão, 1973.
DOC.00000030 FOTO.00500076.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00000031 FOTO.00500078.

Coluna no Palácio Real da Vila de Sintra, Nuno Beirão, 1975.
DOC.00000032 FOTO.00500079.

Janela manuelina no Palácio Real da Vila de Sintra, Nuno Beirão, 1975.
DOC.00000032 FOTO.00500082.

Coluna no Palácio Real da Vila de Sintra, Nuno Beirão, 1975.
DOC.00000032 FOTO.005000510.

Arcada no Palácio Real da Vila de Sintra, Nuno Beirão, 1975.
DOC.00000032 FOTO.00500511.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00003127 FOTO.00513178.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00003127 FOTO.00513180.

Porta manuelina do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00003127 FOTO.00513181.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Luís Pavão, 1995.
DOC.00005656 FOTO.00521285.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Luís Pavão, 1995.
DOC.00005656 FOTO.00521286.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Luís Pavão, 1995.
DOC.00005656 FOTO.00521287.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Luís Pavão, 1995.
DOC.00005656 FOTO.00521288.

Momento da entrada do Palácio Real da Vila de Sintra, Analide Óscar, 1961.
DOC.00006931 FOTO.00527056.

Sala dos Cisnes do Palácio Real da Vila de Sintra, Analide Óscar, 1961.
DOC.00006931 FOTO.00527057.

Passagem no Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecido.
DOC.00009644 FOTO.00006545.

Teto da Sala dos Cisnes do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecido.
DOC.00009644 FOTO.00006547.

Fachada do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecido.
DOC.00009644 FOTO.00006549.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecido.
DOC.00009644 FOTO.00006551.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecido.
DOC.00009644 FOTO.00006552.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecido.
DOC.00009644 FOTO.00006546.

Janela manuelina do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecido.
DOC.00009644 FOTO.00006548.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Nuno Paulo C. Sevelas, 2000.
DOC.00015529 FOTO.00536589.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Joaquim Manuel Teixeira e Duarte de Sousa Novais, 2000.
DOC.00016115 FOTO.00538241.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Joaquim Manuel Teixeira e Duarte de Sousa Novais, 2000.
DOC.00016115 FOTO.00538242.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Joaquim Manuel Teixeira e Duarte de Sousa Novais, 2000.
DOC.00016115 FOTO.00538243.

Janela manuelina do Palácio Real da Vila de Sintra, Joaquim Manuel Teixeira e Duarte de Sousa Novais, 2000.
DOC.00016115 FOTO.00538244.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Hugo Filipe Lopes Rascão, 2000.
DOC.00016192 FOTO.00538341.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00021662 FOTO.00542283.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00021662 FOTO.00542284.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00021801 FOTO.00542888.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00021801 FOTO.00542890.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00022018 FOTO.00544326.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00022018 FOTO.00544327.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00023378 FOTO.00546634.

Janela manuelina do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
DOC.00025320 FOTO.00183078.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Joaquim Gonçalves, 2003.
DOC.00026909 FOTO.00557714.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Joaquim Gonçalves, 2003.
DOC.00027643 FOTO.00563803.

Vista do Palácio Real da Vila de Sintra, Joaquim Gonçalves, 2003.
DOC.00027643 FOTO.00563810.

8

Assinatura do Real Pôr de Sintra.

Almoço dado a S. M. a Imperatriz da Alemanha em 29 de Março de 1905.

Folha de pessoal extraordinário empregado em diversos serviços neste Almoço no dia 26 de Março a 1.ª de Abril de 1905.

N.º	Nome	Dias	Horas	Preço	Import.ª
1	José Teixeira	1	1	500	14000
2	José Pinel	1	-	"	21000
3	José Moniz	7	-	"	31500
4	Joaquim Mafra	7	-	"	31500
5	António Pereira	6	6	"	61000
6	Domingos Francisco	7	3	"	51000
7	José Nunes	7	3	"	51000
8	Francisco da Silva	7	3	"	51000
9	Alfredo Cardoso	5	3	"	11000
10	José António	7	3	"	51000
11	Francisco Lapaiva	-	3	"	11500
12	Polycarpo Neves	1	1	"	21500
<i>Summa</i>				<i>10.</i>	<i>141000</i>

Recebi do Sr. e Sr.ª Sr. Joaquim Teodoro da Silva, Almoço do Real Pôr de Sintra, a quantia de quarenta e quatro mil reis, importância d'esta folha. Assinatura do Real Pôr de Sintra em 1.ª de Abril de 1905.

Jorge da Silva Reis
Alm.ª

Carvalho

[Fig. 16] Relação do pessoal extraordinário que prestou serviço no Palácio Real da Vila de Sintra entre 15 e 25 de março de 1905 a propósito do almoço em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra, Jorge da Cruz Reis (-), 25 de março de 1905. © ANTT, PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 8.

3.1 ‘HORS-D’ŒUVRE’

3.1.4 Dos manuscritos

A recolha de manuscritos de relevo deu-se em duas unidades arquivísticas, o ANTT e a BA. Ao contrário do que vem sendo costume, no AHFCB não se localizaram os habituais registos dos pedidos da cozinha e das mesas. Ainda assim, considera-se ter sido recolhida informação signficante, em especial no arquivo da BA, fértil em registos sobre a Rainha D. Maria Pia e, consequentemente, alusivos aos paços habitados pela monarca, um dos quais o da vila de Sintra.

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)

Fundo da Casa Real

Relação dos operários que trabalharam no Palácio Real das Necessidades para a receção à Rainha Alexandra de Inglaterra durante a semana finda a 8 de março de 1905.

António Carlos Viegas, 8 de março de 1905.

PT/TT/CR/E/001E/001/6120, Casa Real, caixa 6120.

Relação dos operários que trabalharam no Palácio Real das Necessidades para a receção à Rainha Alexandra de Inglaterra durante a semana finda a 13 de março de 1905.

António Carlos Viegas, 13 de março de 1905.

PT/TT/CR/E/001E/001/6120, Casa Real, caixa 6120.

Relação dos ordenados e gratificações dos empregados e criados da Casa Real referentes à Mordomia-Mor, Joaquim Jacintho, março de 1905.

PT/TT/CR/E/001E/001/6121, Casa Real, caixa 6121, n.º 1.

Relação dos ordenados e gratificações dos empregados e criados da Casa Real referentes ao Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, Joaquim Jacintho, março de 1905.

PT/TT/CR/E/001E/001/6121, Casa Real, caixa 6121, n.º 4.

Relação dos ordenados e gratificações dos empregados e criados da Casa Real referentes ao Almoxarifado do Palácio Real da Vila de Sintra, Joaquim Jacintho, março de 1905.

PT/TT/CR/E/001E/001/6121, Casa Real, caixa 6121, n.º 9.

Recibo relativo à aquisição de barcos de areia a Miguel José de Oliveira para a obra do Palácio Real da Ajuda, Miguel José de Oliveira, 30 de março de 1905.

PT/TT/CR/E/001E/001/6121, Casa Real, caixa 6121.

Relação do pessoal da Real Manutenção que venceu compensação de mesa no Palácio Real das Necessidades de 16 a 31 de Março de 1905, Augusto Maria de Carvalho, 31 de março de 1905.

PT/TT/CR/E/001E/001/6121, Casa Real, caixa 6121.

Recibo relativo à aquisição de materiais diversos à Estância de Madeiras de Casquinha e da Vieira de Jacintho Soares da Silva Pereira & C.ª para a receção à Rainha Alexandra de Inglaterra e ao Imperador alemão Guilherme II, autor desconhecido, 11 de março de 1905.

PT/TT/CR/E/001E/001/6121, Casa Real, caixa 6121.

Recibo relativo à aquisição de ferragens a António Teixeira, autor desconhecido 27 de março de 1905.

PT/TT/CR/E/001/6121, Casa Real, caixa 6121.

Recibo relativo à aquisição de materiais de construção a João da Cruz e Silva & C.ª, João da Cruz e Silva, 9 de março de 1905.

PT/TT/CR/E/001/6121, Casa Real, caixa 6121.

Relação das despesas do Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda no mês de março de 1905 com as festas dadas em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra e do Imperador alemão Guilherme II no Palácio Real da Vila de Sintra em 24 e 29 de Março de 1905, Joaquim de Souza, março de 1905.

PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123.

Recibo relativo ao pagamento do trabalho efetuado por Vincenzo Caetano ao serviço da Rainha Alexandra de

Ingllaterra no Palácio Real da Vila de Sintra, Vicenzo Caetano, 4 de abril de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 1.

Recibo relativo ao pagamento dos serviços prestados pelo Batalhão de Caçadores da Rainha D. Maria Pia no Palácio Real da Vila de Sintra, Comandante Nunes Pinto, 24 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 3.

Relação das gratificações ao pessoal que prestou serviço extraordinário na mesa de Estado por ocasião do almoço em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra no Palácio Real da Vila e Sintra, Joaquim de Souza, março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 4.

Relação da despesa do Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda com a compensação de mesa do pessoal em serviço no Palácio Real da Vila de Sintra de 21 a 26 de março de 1905, Joaquim de Souza, março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 7.

[Fig. 16] *Relação do pessoal extraordinário que prestou serviço no Palácio Real da Vila de Sintra entre 15 e 25 de março de 1905 a propósito do almoço em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra*, Jorge da Cruz Reis, 25 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 8.

Relação da despesa do Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda com o pessoal extraordinário que serviu a mesa de Estado no almoço em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra a 24 de março de 1905 no Palácio Real da Vila de Sintra, Joaquim de Souza, março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 9.

Recibo relativo à aquisição de carvão a O. Herold & C.ª para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, autor desconhecido, 14 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 10.

Recibo relativo à aquisição de pão à Padaria Flor de Cintra de José Pereira da Costa, José de Mello, 25 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 13.

Recibo relativo à aquisição de mercearias e outros itens a António José Soares para o Palácio Real da Vila de Sintra, António José Soares, 25 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 25.

Recibo relativo à aquisição de vinho branco ao Depósito de Vinhos de Henri Dupuy para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, José Marques Pereira, 15 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 31.

Recibo relativo à aquisição de vinho da madeira a José Raphael Pinto Pessoa para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, Manuel da Silva, 16 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 32.

Recibo relativo à aquisição de peneiros às Oficinas de Peneiros e Gaiolas de Alfredo Pereira da Rocha para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, Alfredo Pereira da Rocha, 16 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 34.

Recibo relativo à aquisição de doces à Maison de Comestibles de Pierre Gadel para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, Pierre Gadel, 20 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 37.

Recibo relativo à aquisição de bens alimentares a Jerónimo Martins & Filho para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, autor desconhecido, 20 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 38.

Recibo relativo à aquisição de carne ao Talho de Cintra de Augusto Maria da Cunha para a cozinha do Palácio Real da Vila de Cintra, Augusto Maria da Cunha, 24 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 39.

Recibo relativo à aquisição extraordinária de carnes de aves e ovos a José Maria Tildes para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, José Maria Tildes, março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 41.

Recibo relativo à aquisição de bens alimentares à Conservaria Italiana para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, autor desconhecido, 24 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 44.

[Fig. 17]

Recibo relativo ao fornecimento de lenha por parte da Real Propriedade da Pena ao Palácio Real da Vila de Cintra por ocasião do almoço em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra a 24 de Março de 1905, Cândido Lourenço, 24 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 48.

Relação das despesas diversas do Palácio Real da Ajuda com as festas dadas em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra e do Imperador alemão Guilherme II em 22 e 27 de março de 1905, Joaquim de Souza, março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123.

Relação da despesa do almoxarifado no Palácio Real da Ajuda no mês de março de 1905, Joaquim de Souza, 31 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 19.

Recibo relativo à aquisição de itens diversos à antiga casa José Alexandre para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, J. Carvalho, 20 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 28.

Recibo relativo aos serviços prestados pelo armador e estofador José Ferreira para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, José Ferreira, 15 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 34.

Relação das contas dos fornecedores da ucharia real por ocasião das visitas da Rainha Alexandra de Inglaterra e do Imperador alemão Guilherme II a Lisboa, Augusto Maria de Carvalho, junho de 1905.
PT/TT/CR/D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Relação das despesas da Real Manutenção realizadas por ocasião das visitas da Rainha Alexandra de Inglaterra e do Imperador alemão Guilherme II a Lisboa, Augusto Maria de Carvalho, junho de 1905.
PT/TT/CR/D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Distribuição da despesa do Almojarifado do Palácio Real das Necessidades, Inspector Geral do Real Palácio das Necessidades, 6 de março de 1905.
PT/TT/CR/D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Pedido de esclarecimento e orçamentação relativa à publicação na imprensa de anúncio pela Antiga Agência Bastos & Gonçalves, Bastos (?), 17 de março de 1905.
PT/TT/CR/D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

[Fig. 7] *Telegrama a solicitar esclarecimento face aos vinhos preferidos da Rainha Alexandra de Inglaterra*, autor desconhecido, 6 de março de 1905.
[Fig. 8] PT/TT/CR/D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Planta de mesa do jantar oferecido pela Família Real portuguesa à Rainha Alexandra de Inglaterra a 23 de março de 1905 no Palácio Real das Necessidades, autor desconhecido, 1905.
PT/TT/CR/D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Levantamento de presenças para o jantar dado no Palácio Real da Ajuda em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra a 22 de março de 1905, autor desconhecido, 1905.
PT/TT/CR/E/001D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Relação dos convidados da Casa Civil de Suas Majestades para o jantar dado em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra no Palácio Real da Ajuda a 22 de março de 1905, autor desconhecido, 1 de Julho de 1904.
PT/TT/CR/E/001D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Relação dos convidados da Casa Militar Efetiva de Sua Majestade El-Rei para o jantar dado em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra no Palácio Real da Ajuda a 22 de março de 1905, autor desconhecido, 15 de Maio de 1902.
PT/TT/CR/E/001D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Relação dos convidados do Conselho de Estado para o jantar dado em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra no Palácio Real da Ajuda a 22 de março de 1905, autor desconhecido, 12 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Relação dos convidados do Ministério para o jantar dado em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra no Palácio Real da Ajuda a 22 de março de 1905, autor desconhecido, 12 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Relação dos convidados do Corpo Diplomático da Grã-Bretanha para o jantar dado em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra no Palácio Real da Ajuda a 22 de março de 1905, autor desconhecido, 12 de março de 1905.
PT/TT/CR/E/001D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Relação de convidados diversos para o jantar dado em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra no Palácio Real da Ajuda a 22 de março de 1905, autor desconhecido, 12 de março de 1905.
, *Diversos*, autor desconhecido, 12 de março de 1905.

PT/TT/CR/E/001D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Planta de mesa do jantar oferecido pela Família Real portuguesa à Rainha Alexandra de Inglaterra a 22 de março de 1905 no Palácio Real da Ajuda, autor desconhecido, 1905.
PT/TT/CR/D-A/014/0090, Casa Real, Cartório da Nobreza, maço 90.

Fundo do Ministério das Finanças

Arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra.
PT/TT/MF-DGFP/F/026/00001, Ministério das Finanças, Direção-Geral da Fazenda Pública 1840/1958, Repartição do Património, Relação dos bens pertencentes à extinta Casa Real Portuguesa, Arrolamento do Paço de Sintra.

Fundo do Ministério das Obras Públicas Comércio e Indústria

Nota dando conhecimento da aprovação, por parte do Rei D. Carlos, do projeto e orçamento para as obras de reparação a executar nos aposentos dos camaristas no Palácio Real da Vila de Sintra, Luís Carlos (?), 16 de agosto de 1901.
PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-02-02.01/494, Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Direção de Edifícios Públicos e Fornecimento de Materiais, Paços e Palácios, maço 469.

Ordem para se proceder aos arranjos indispensáveis nas dependências do Palácio Real da Vila de Sintra, onde se achavam instalados os quartéis dos destacamentos, P. R. Folque, 25 de maio de 1896.
PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-02-02.01/494, Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Direção de Edifícios Públicos e Fornecimento de Materiais, Paços e Palácios, maço 494.

Biblioteca da Ajuda (BA)

Orçamento da receita e despesa provável dos Paços Reais da Ajuda e de Sintra no mês de agosto de 1892, autor desconhecido, 1892.
APNA 3.1.1, doc. 66.

Relação dos objetos que saíram da arrecadação do Tesouro para o Palácio Real da Vila de Sintra em julho e agosto de 1903 (inclui: mobília, tapetes, roupa, biombos, espelho para vestir, toalheiro, cestos para iluminação, bacia para cama, semicúpio, barraca de campanha, molduras, pote para água para aposentos da rainha, genuflexórios, balde de 'toilette', etc), autor desconhecido, 31 de julho de 1903.
APNA 6.1.2, doc. 63.

Inventário geral do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
APNA 8.6.1, doc. 16.

Inventário, sala a sala, de todos os objetos, com os respectivos valores, do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
APNA 8.6.1, doc. 17.

Inventário, sala a sala, de todos os objetos, com os respectivos valores, do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, datação desconhecida.
APNA 8.6.1, doc. 18.

Relação da mobília, louças, panos e mais artigos pertencentes à Rainha D. Maria Pia: sala de jantar do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1894.
APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 20.

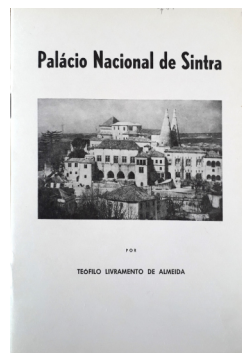
Relação da mobília, louça e mais artigos pertencentes a à Rainha D. Maria Pia: Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1894.
APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 28.

Relação da mobília, louça e mais artigos pertencentes a à Rainha D. Maria Pia: Sala de D. Sebastião do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1894.
APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 29.

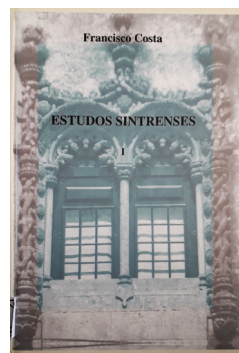
Relação da mobília, louças, panos e mais artigos pertencentes à Casa Real e existentes no Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1894.
APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 34.

Relação da mobília, louças, panos e mais artigos pertencentes à Casa Real e existentes no Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, 1894.
APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 34 a.

Relação das obras projetadas para o Palácio Real da Vila de Sintra por ocasião de um jantar oferecido pela Rainha D. Maria Pia, autor desconhecido, fevereiro de 1900.
APNA 9.5.1 caixa 2, doc. 1.



[a]



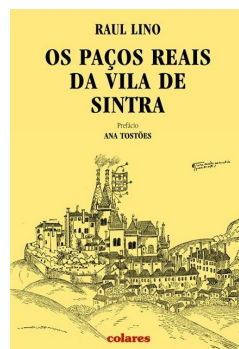
[b]



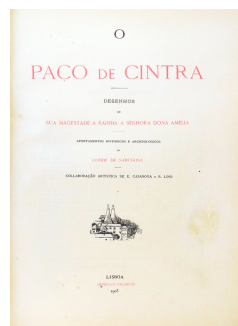
[c]



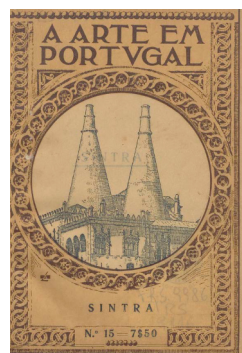
[d]



[e]



[f]



[g]



[h]



[i]

[Fig. 18] Capas das principais obras consultadas relativas ao Palácio Real da Vila de Sintra: a – Almeida, T. L. (1980). *Palácio Nacional de Sintra*. S.I.. BN, B.A. 7041 V; b – Costa, F. (2000). *Estudos Sintrenses*. Câmara Municipal de Sintra. BN, H. G. 48783 V; c – Franco, M. S. (1987). *O Palácio Nacional de Sintra, Residência Querida de D. João I e de D. Filipa de Lencastre*. Palácio Nacional de Sintra; The British Historical Society of Portugal, Lloyds Banks. BN, B.A. 10020 V; d – Lino, R.; Rodrigues, A. P. (Ed. lit.) e Parreira, M. C. (Ed. lit.). (1973). *O Palácio Real de Sintra. Royal Palace in Sintra. Le Palais Royal de Sintra*. Secretaria de Estado da Informação e Turismo. BN, B.A. 1311 A; e – Lino, R. (2014). *Quatro Palavras sobre os Paços Reais da Vila de Sintra*. D. L.. (1.ª ed. de 1948). BN, B.A. 38298 V; f – Sabugosa, C. (1903). *O Paço de Sintra: apontamentos históricos e archeológicos do Conde de Sabugosa*. Imprensa Nacional. BND, F. 3679; g – Pessanha, J. (1932). *A Arte em Portugal: Sintra*. Marques Abreu. BND, C.G. 9297 P; h – Burnay, M. J.; Montesinos, F.; Correia, C. N.; Ferro, I. (Dir. ed.), Pereira, A. N. (Dir. ed.), et al. (2019). *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905*. Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A.; i – Fernandes, J. A. (Ed.). (1888). *Cintra. Collares e seus arredores*. Oficina de J. A. Rodrigues Fernandes.

3.1 ‘HORS-D’ŒUVRE’

3.1.5 Das publicações

Apesar de dispersas por diversas instituições, cerca de metade das obras recolhidas e consultadas para a construção da narrativa sobre a arquitetura e história do Palácio Real da Vila de Sintra foi acedida virtualmente, através de digitalizações disponibilizadas pela BND e por outras fontes diversas, como o ‘Internet Archive’. A consulta de periódicos, sem surpresa, efetuou-se também digitalmente, em duas instituições nacionais – a BND e a HML –, e uma inglesa – o BNA.

OBRAS IMPRESSAS E DIGITAIS

Biblioteca Nacional (BN)

[Fig. 18 a] Almeida, T. L. (1980). *Palácio Nacional de Sintra*. S.I.. B.A. 7041 V..

Correia, A. M.; Dias, F. A. (Fotog.) e Palma, M. J. (Fotog.). (1993). *Palácio Nacional de Sintra*. Elo. B.A. 13273 V..

Castro, A.. (1838). *Descrição do Palácio Real na Villa de Cintra, que alli teem os ses Reis de Portugal*. Typographia de A. S. Coelho. F.R. 816.

[Fig. 18 b] Costa, F. (2000). *Estudos Sintrenses*. Câmara Municipal de Sintra. H. G. 48783 V..

Ferreira, H. C. (1995). *Palácio Real de Sintra*. Heliópolis. B.A. 14473 V..

Ferro, I.; Encarnação, A. (Ed. Lit.) e Monteiro, C. P. (2011). *Palácio Nacional de Sintra*. QuidNovi. P. 34428 V..

[Fig. 18 c] Franco, M. S. (1987). *O Palácio Nacional de Sintra, Residência Querida de D. João I e de D. Filipa de Lencastre*. Palácio Nacional de Sintra; The British Historical Society of Portugal, Lloyds Banks. B.A. 10020 V..

Lino, R.; Rodrigues, A. P. (Ed. lit.) e Parreira, M. C. (Ed. lit.). (1973). *O Palácio Real de Sintra. Royal Palace in Sintra. Le Palais Royal de Sintra*. Secretaria de Estado da Informação e Turismo. B.A. 1311 A.. [Fig. 18 d]

Lino, R. (2014). *Quatro Palavras sobre os Paços Reais da Vila de Sintra*. D. L.. (1.^a ed. de 1948). B.A. 38298 V.. [Fig. 18 e]

Roche, T. W. (1971). *Philippa: Dona Filipa of Portugal*. Chichester. H.G. 31100 V..

Silva, C. G. (1964). *O Palácio Nacional de Sintra*. S. I.. H.G. 23801 V..

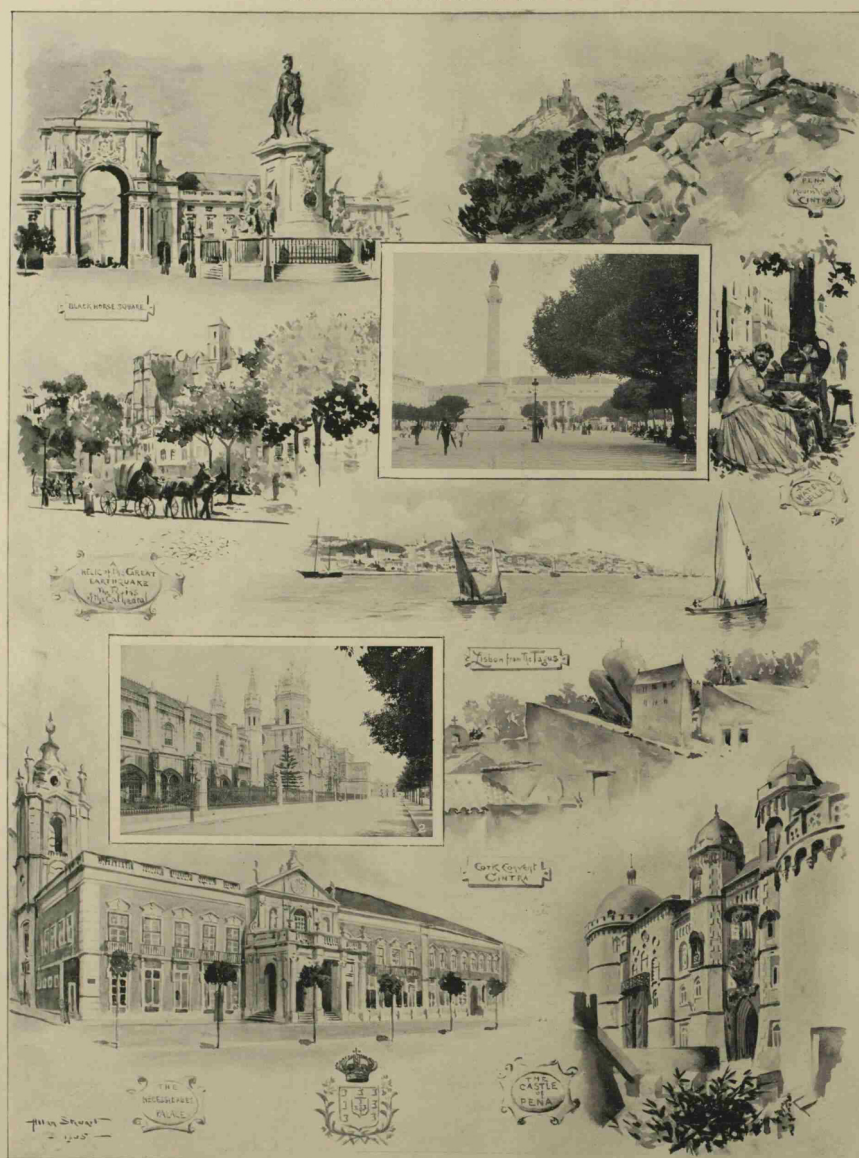
Biblioteca Nacional Digital (BND)

Juromenha, J. A. L. e Cunha, A. A. R. (1905). *Cintra Pinturesca ou Memoria descriptiva das villas de Cintra e Collares e seus arredores*. Empreza da historia de Portugal.

Pessanha, J. (1932). *A Arte em Portugal: Sintra*. Marques Abreu. C.G. 9297 P. [Fig. 18 f]

Sabugosa, C. (1903). *O Paço de Sintra: apontamentos históricos e archeológicos do Conde de Sabugosa*. Imprensa Nacional. F. 3679. [Fig. 18 g]

THE RETURN OF ROYAL HOSPITALITY BY PORTUGAL: SCENES OF QUEEN ALEXANDRA'S VISIT.
 SKETCHES BY ALLAN STEWART, RECENTLY OUR SPECIAL ARTIST IN PORTUGAL.



1. THE SCENE OF A STRANGE OPTICAL ILLUSION IN LISBON: ROLLING MOTION SQUARE. 2. A GREAT SHOW-PLACE JUST OUT OF LISBON: BILSEN CATHEDRAL.

Black Horse Square, in Lisbon, was the scene of King Edward's reception on his visit to Dom Carlos, and there also Queen Alexandra will be welcomed. It is an ideal square for such ceremonies. Three of its sides are closed by fine buildings, and the fourth is open to the Tagus, so that the landing can take place in the finest part of the city. The general view of Lisbon bears a curious record of the great earthquake, the depression between the hills marking a subsidence at the time of the catastrophe. The cathedral was never rebuilt after the earthquake, and still lies in ruins. The Necessidades Palace is the favourite residence of Dom Carlos in Lisbon. It stands close to the trees shown in our general view of the town. On the hill is the Royal Palace proper—an ugly building which the King never uses. He has also a country residence—Pena Castle—at Oeiras. One of the curiosities of the Portuguese capital is Rolling Motion Square, where the curving mosaic defudes the foot-passenger into the idea that he is walking among heights and hollows.

Registos digitais de fontes diversas

[Fig. 18 h] Burnay, M. J.; Montesinos, F.; Correia, C. N.; Ferro, I. (Dir. ed.), Pereira, A. N. (Dir. ed.), et al. (2019). *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905*. Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A..

Carapinha, A. (2014). The guardian of the Mediterranean matrix – the Portuguese garden. *Gardens & Landscapes of Portugal*, 2, maio de 2014. Mediterranean Garden Society, pp. 6-15.

[Fig. 18 i] Fernandes, J. A. (Ed.). (1888). *Cintra. Collares e seus arredores*. Oficina de J. A. Rodrigues Fernandes.

Harvey, J. (1944). Side-Lights on Kenilworth Castle. *Archaeological Journal*, 101(1), pp. 91-107.

Melo, A. S. e Ribeiro, M. C. (2013). O processo construtivo dos paços régios medievais portugueses nos séculos XV-XVI: O Palácio Real de Sintra. In A. S. Melo e M. C. Ribeiro (Coord.), *História da Construção. Arquiteturas e Técnicas Construtivas* (pp. 213-244). CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” e LAMOP – Laboratoire de Médiévisique Occidentale de Paris.

Moreira, M. R. (2017). *O Valor do tempo. O Programa intelectual e arquitectónico de Raul Lino*. [Unpublished doctoral dissertation]. Universidade do Porto.

S. I. (1838). *Cintra Pinturesca, ou Memória Descritiva da Villa de Cintra, Collares e seus arredores*. Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

PERIÓDICOS

Biblioteca Nacional Digital (BND)

Campos, A. (Red. principal). *Diário Ilustrado*, 11513, 23 de março de 1905. Impr. de Souza Neves.

Campos, A. (Red. principal). *Diário Ilustrado*, 11514, 24 de março de 1905. Impr. de Souza Neves.

Campos, A. (Red. principal). *Diário Ilustrado*, 11515, 25 de março de 1905. Impr. de Souza Neves.

Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML)

Caetano, A. (Dir. publ.); Macedo, M. (Dir. publ.) e Azevedo, G. (Dir. publ.). *O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, 944, 20 de março de 1905. Empresa do Occidente.

Caetano, A. (Dir. publ.); Macedo, M. (Dir. publ.) e Azevedo, G. (Dir. publ.). *O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, 945, 30 de março de 1905. Empresa do Occidente.

Chaves, J. J. (Ed. lit.). *Illustração Portuguesa*, 72, 20 de março de 1905. Empresa do Jornal “O Século”.

Chaves, J. J. (Ed. lit.). *Illustração Portuguesa*, 73, 27 de março de 1905. Empresa do Jornal “O Século”.

Pinheiro, R. B. e Pinheiro, M. *A Paródia*, 111, 17 de março de 1905. Cândido Chaves.

Pinheiro, R. B. e Pinheiro, M. *A Paródia*, 112, 24 de março de 1905. Cândido Chaves.

Pinheiro, R. B. e Pinheiro, M. *A Paródia*, 113, 31 de março de 1905. Cândido Chaves.

Pinheiro, R. B. e Pinheiro, M. *A Paródia*, 114, 7 de abril de 1905. Cândido Chaves.

Mathias, T. R. (Ed.). *Serões, Revista Mensal Illustrada*, IV(23), fevereiro de 1904. S. I..

British Newspaper Archive (BNA)

Armstrong, G. E. (Ed.). *The Globe*, 34258, 25 de março de 1905. S. I..

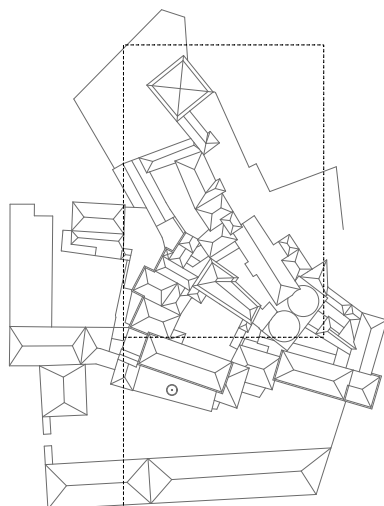
Cadbury, G. (Ed.). *The Daily News*, 18414, 25 de março de 1905. S. I..

Ingram, B. (Ed.). *The Illustrated London News*, 426, 25 de março de 1905. Illustrated London News Group. [Fig. 19]

Spender, J. A. (Ed.). *The Westminster Gazette*, XXI(3130), 3 de abril de 1903. S.I..

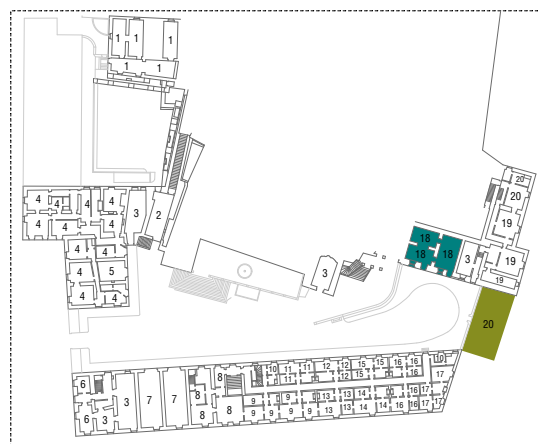
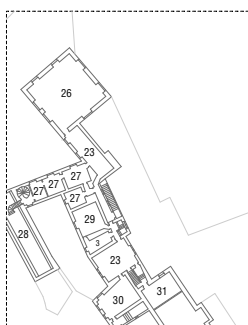
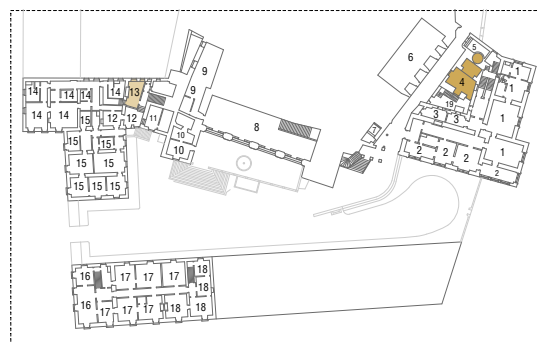
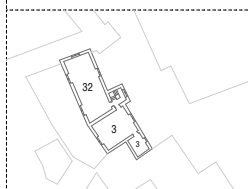
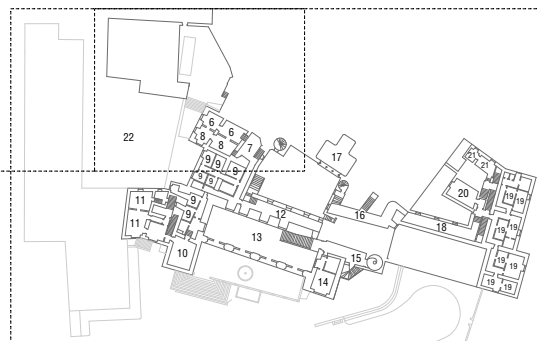
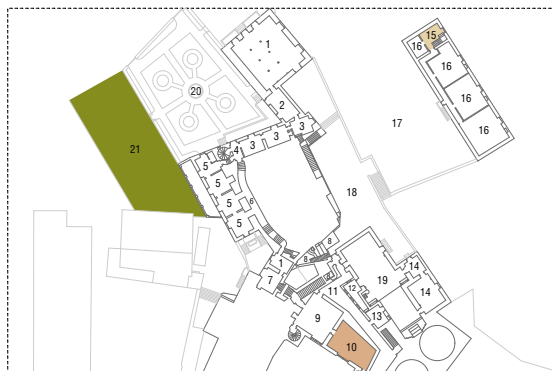
The Daily Record & Mail, 18142, 25 de março de 1905. S. I..

The Graphic, S. I., 1 de abril de 1905. Illustrated Newspapers Ltd..



Legenda dos espaços da rede alimentar

- Espaços de abastecimento
 - Horta
 - Jardim
 - Tapada
 - Curral / Galinheiro
- Espaços de confeção
 - Cozinha principal
 - Cozinha secundária
 - Cozinha de aposento
 - Cozinha de pessoal afeto ao paço
- Espaços de apoio
 - Ucharia
 - Mantearia
 - Arrecadação (afeta à refeição)
 - Terraço / Pátio (afeto à refeição)
- Espaços de consumo
 - Sala de refeições principal
 - Sala de refeições secundária
 - Sala de banquetes
 - Sala / área utilizada para refeições
 - Sala de refeições de pessoal afeto ao paço
- Espaços de serviço
 - Copa ou sala equiparada
 - Casa de lavagem
 - Sala de música
- Espaços de digestão
 - Sala de bilhar
 - Sala de café
 - Sala / área utilizada para concertos
 - Sala / área utilizada para bailes
 - Terraço / Pátio
 - Jardim



3.2 O PALÁCIO REAL DA VILA DE SINTRA EM 1905

IDENTIFICAÇÃO GERAL DOS ESPAÇOS

Notas sobre as plantas:

1. Plantas à escala 1/1600, desenhadas tendo por base o levantamento da autoria de J. A. d'Abreu Victal (1902) patente no ANTT.
2. As legendas numéricas apresentadas não constituem uma cópia integral daquelas anotadas nos desenhos originais de J. A. d'Abreu Victal, mas sim uma apropriação trabalhada pela autora.

[Planta 1] Piso ao nível do Jardim do Príncipe e capela

1. Sala das Colunas	11. Corredor da capela	21. Horta de Cipriano
2. Quarto dos criados	12. Pátio	
3. Aposentos do oficial às ordens do Príncipe Real D. Luís Filipe	13. Quarto de criados	
4. Passagem	14. Sacristia	
5. Aposentos do Infante D. Afonso	15. Cozinha por cima das cavalariças	
6. Túnel	16. Quarto do pessoal das cavalariças	
7. Passagem	17. Picadeiro	
8. Depósito da água	28. Adro da capela	
9. Sala dos Árabes	19. Capela	
10. Casa de jantar da família	20. Jardim do Príncipe	

[Planta 2] Piso nobre

1. Aposentos da Rainha D. Maria Pia	9. Pátio	16. Pátio da Carranca
2. Antigos aposentos do Rei D. Luís	10. Sala das Pegas	17. Cozinha
3. Aposentos da Rainha D. Maria Pia	11. Sala de jantar da Rainha D. Maria Pia (antigo Quarto de D. Sebastião)	18. Dependências da cozinha
4. Sala de entrada	12. Sala das Sereias (antigo Guarda-roupa)	19. Pátio do Esguicho
5. Sala dos Arqueiros	13. Casa de Trinchar (antiga Sala de César e atual Camarim)	20. Tanque dos Cágados
6. Sala do café	14. Sala da Coroa	21. Pátio da cozinha
7. Sala dos Cisnes	15. Passagem	
8. Sala de D. Sebastião		

[Planta 3] Piso ao nível do Pátio do Leão e inferior ao piso nobre

1. Quartos do Leão	8. Passagem	17. Casa da Água
2. Mantearia	9. Quartos de criados	18. Corredor
3. Elevador monta-pratos	10. <i>Toilette</i> das damas	19. Quartos das retretas
4. Arrecadação da louça	11. Aposentos do vedor de serviço	20. Guarda-roupa novo
5. Pátio do Leão	12. Corredor dos Cabides	21. Quartos de criados
	13. Vestíbulo da entrada principal	22. Jardim da Preta
	14. <i>Toilette</i> dos cavalheiros	
	15. Entrada dos visitantes	
	16. Corredor da cozinha	

Piso inferior ao piso nobre

6. Casa das luzes
7. Quartos dos moços das luzes

[Planta 4] Piso ao nível do jogo da pela, aposentos das damas e casa do almoxarife

1. Aposentos do Rei D. Carlos	10. Quarto do oficial da guarda	19. Pátio com elevador
2. Aposentos do Infante D. Afonso	11. Quarto do Carvalho	
3. Entrada para o elevador	12. Passagem	
4. Copa	13. Cozinha	
5. Casa da Lenha	14. Aposentos antigos do vedor	
6. Casa da Cal	15. Aposentos das damas	
7. Casa das Linhas	16. Quartos do administrador geral	
8. Vestíbulo da entrada principal	17. Casa do almoxarife	
9. Casa da guarda do paço	18. Quartos do capelão e farmacêuticos	

[Planta 5] Piso ao nível do patio da entrada principal e jardim da preta, e outros menores

1. Arrecadação do jardim	13. Cabeleireira	24. Primeira tribuna da capela
2. Passagem	14. Quartos de Pedro Dias	25. Tribuna real
3. Arrecadação	15. Quartos dos moços da ucharia	
4. Casa do pessoal	16. Quartos dos moços do palácio	
5. Casa da Bomba	17. Casa do Italiano	
6. Escritório do almoxarife	18. Ucharia	
7. Cocheiras	19. Quartos de criados	
8. Quartos dos ministros	20. Quarto do particular de S. A.	
9. Quartos do intendente	21. Horta da Canteira	
10. Casa de banho		
11. Rouparia		
12. Quartos dos moços do palácio		

Piso ao nível do pátio da estufa

22. Casa da distribuição da água
23. Passagem

Piso ao nível da sala das armas

26. Sala das Armas
27. Quartos de empregados
28. Sótão da Sala das Galeras
29. Prisão de El-Rei D. Afonso VI
30. Casa do Fogo
31. Segunda tribuna da capela

Piso ao nível da sala do bonet

32. Sala do Bonet



[Fig. 20] Ornamentação na Rua Garret em Lisboa, por ocasião da visita da Rainha Alexandra de Inglaterra, autor desconhecido, 1905. © AML, PT/AMLSB/JAM/000001.

3.3 PELAS PORTAS DO MEDITERRÂNEO

Com um pé em Lisboa

“Após os três dias mais encantadores deixámos Lisboa no sábado, dia 25 de março. Eu nunca tendo tido tamanha ovação e receção entusiástica em toda a minha vida!! Que me tocou profundamente.”¹

Cerca de dois anos volvidos desde a visita do Rei Eduardo VII de Inglaterra a Portugal entre os dias 2 e 7 de abril de 1903, desembarcou em Lisboa a Rainha Alexandra, sua consorte. Esta paragem da soberana em Lisboa [Fig. 20] marcou o início do cruzeiro pelo Mediterrâneo da Família Real inglesa [Fig. 21 e Fig. 22] a bordo do iate *Victoria and Albert*, durante o qual foram sendo visitados familiares e amigos.

Março de 1905 parecia destinado a assistir ao reencontro entre as Famílias Reais Inglesa e Portuguesa, prometido aquando da visita de D. Carlos e de D. Amélia a Inglaterra e da sua estada em Windsor em novembro de 1904. Nos primeiros dias do mês, contudo, fez saber Luís Pinto de Soveral (1851-1922), Ministro Plenipotenciário e enviado extraordinário de Portugal em Londres que, por motivos de negócios de Estado o Rei Eduardo VII se via impossibilitado, para sua grande e franca tristeza, de se deslocar a Portugal.² A ausência do soberano inglês em nada parece ter diminuído a relevância, pompa e simbolismo desta visita, tendo Alexandra de Inglaterra – na companhia de suas filhas, as Princesas Victoria (1868-1935) e Maud (1869-1938), do primo e marido desta última, o Príncipe Carl da Dinamarca (1872-1957) e do filho de ambos, Alexander (1903-1991) – sido recebida com o maior dos entusiasmos e elogios, evocados nas páginas da imprensa. A bem sucedida aliança entre as monarquias portuguesa e inglesa neste período do pós-Ultimato de 11 de janeiro de 1890, porventura mais enraizada em laços de amizade do que familiares, encabeçou a era dourada da atividade diplomática de D. Carlos. Lisboa, muitíssimo engalada e seduzida pela figura gentil e sempre elegante da Rainha Alexandra, vibrou entre os dias 22 e 25 de março com a sua presença, numa clara demonstração das boas relações anglo-lusas.

O iate *Victoria and Albert*, no qual viajava a Família Real inglesa, fundeu nas águas lusas do Tejo pouco depois das quatro da tarde do dia 22. Após o cortejo fluvial que atracou no Cais das Colunas e da receção no pavilhão temporário montado no Terreiro do Paço que se seguiu, as comitivas portuguesa e inglesa rumaram em cortejo solene até ao Palácio Real das Necessidades.³ As atividades que se sucederam ao longo dos dias seguintes integraram um plano

¹ No original: “After the most charming three days at Lisbon we left Saturday March 25th. I never having had such an ovation and enthusiastic reception in all my life!! Which touched me greatly.”

Nota manuscrita da Rainha Alexandra de Inglaterra. *Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da rainha Alexandra de Inglaterra* (p. 19), Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905. RCT, RCIN 2923735.

² Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905.* Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., p. 27.

³ Caetano, A. (Dir. publ.); Macedo, M. (Dir. publ.) e Azevedo, G. (Dir. publ.). *O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, 945, 30 de março de 1905. Empreza do Occidente, p. 66.

bem delineado entre o Ministério dos Negócios Estrangeiro, o Ministério do Reino e D. Carlos que incluiu um jantar de gala no Palácio Real da Ajuda, uma visita a Sintra com almoço no paço da Vila, um cortejo noturno por Lisboa para observação das iluminações elétricas e duas récitas no Teatro de S. Carlos para assistir a óperas de Puccini.⁴

Na imprensa nacional, deliciada com a passagem da Família Real inglesa por Portugal, muitos foram os detalhados relatos dos acontecimentos e das impressões que foram sendo deixadas pela monarca. No periódico *O Occidente* de 30 de março de 1905, não é poupada a elogios a soberana inglesa:

*“Esposa e mãe exemplaríssima a hoje Rainha de Inglaterra e Imperatriz das Índias, soube granjear o amor do povo inglês e por isso em volta do seu nome há como que uma auréola que a diviniza como mulher e como rainha. A reputação da sua beleza foi quase lendária; e vê-se que os anos não conseguiram destruir essa formosura com que a natureza tão pródiga foi para ela. Em qualidades de coração ninguém a excede.”*⁵

Também o jornalista e historiador Rocha Martins (1879-1952), na habitual crónica de abertura da *Ilustração Portuguesa* de dia 20 de março de 1905, enaltece Alexandra de Inglaterra, parecendo o anúncio da sua visita ter exercido a melhor das influências sobre as hostes lisboetas:

*“Nunca em Portugal o elemento propriamente particular se dedicou tanto à receção de um soberano como agora: o comércio jamais pôs tantos cuidados nas suas manifestações de simpatia como ao anunciar-se a visita da Rainha Alexandra. A rainha de Inglaterra com a sua presença conseguiu o que raramente se consegue entre nós: interessar a cidade pelo mesmo fim!”*⁶

Menos exuberante nas descrições apresentadas dos acontecimentos em Portugal, a imprensa inglesa, ainda assim, não deixou de dar nota das “boas vindas entusiásticas” à sua soberana⁷; das multidões que, carinhosamente, aplaudiram as pessoas reais nos seus passeios pela capital⁸ e do discurso realizado por D. Carlos em honra da ilustre convidada após o almoço no Palácio Real da Vila de Sintra, este último citado por diversas publicações.⁹

À visita da Rainha Alexandra de Inglaterra sucedeu-se, de imediato, a do Imperador alemão Guilherme II, que esteve em Lisboa entre os dias 27 e 30 de março. Apesar de enaltecere a imagem e postura nacionais, as passagens por Lisboa dos Chefes de Estado estrangeiros e a reverberação que daí adveio em nada parecem ter contribuído, à época, para a suavização de algumas questões da política interna, a mais aguda das quais em torno dos Tabacos. Nas palavras de Rocha Martins:

*“O mundo tomava em consideração essa série de visitas a Lisboa e parecia ter chegado o momento da entrada na vida nova, de tornar mais positiva e fomentadora a política interna. Porém a tremenda questão dos Tabacos a tudo sobrelevava e quando se podia trabalhar na sombra larga do êxito internacional preparado pelo Rei, os jornais e os partidos só tinham ânsias de batalhas pela questão do concurso e da arrematação do formidável negócio.”*¹⁰

A Questão dos Tabacos (e dos Fósforos), resolvida somente em 1906, foi apenas um entre tantos outros assuntos fraturantes – adiantamentos à Casa Real, remodelações ministeriais, eterno rotativismo partidário – das esferas política e da opinião pública nacionais, de quando em vez aliviadas pelas festividades de uma visita estrangeira.

⁴ Caetano, A. (Dir. publ.); Macedo, M. (Dir. publ.) e Azevedo, G. (Dir. publ.). *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, 945, 30 de março de 1905. Empresa do Occidente, pp. 66-70.

⁵ *Idem*, p. 70. Grafia atualizada.

⁶ Chaves, J. J. (Ed. lit.). *Ilustração Portuguesa*, 72, 20 de março de 1905. Empresa do Jornal “O Século”, p. 306. Grafia atualizada.

⁷ *The Graphic*, S. I., 1 de abril de 1905. Illustrated Newspapers Ltd., p. 370.

⁸ Armstrong, G. E. (Ed.). *The Globe*, 34258, 25 de março de 1905. S. I., p. 6.

⁹ A tom de exemplo, veja-se *The Daily Record & Mail*, 18142, 25 de março de 1905. Glasgow: S. I..

¹⁰ Martins, R. (1926). *D. Carlos, História do seu reinado*. Oficinas do ABC, p. 462.



[Fig. 23] Fotografia da Rainha Alexandra de Inglaterra na companhia da Rainha D. Amélia e da Rainha D. Maria Pia patente no Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo, autor desconhecido, 1905. © RCT, RCIN 2513352.a.

3.4 UMA REFEIÇÃO ENTRE RAINHAS

“No seu lindo palácio antigo”

“A Rainha Alexandra e todos os membros da Família Real Portuguesa chegaram a Cintra ao meio-dia e meia de ontem, e almoçaram no Palácio com a Rainha Maria Pia. (...) Depois de um passeio através dos parques e nos montes nos arredores da vila, dos quais se alcança uma bela vista, a comitiva Real regressou a Lisboa. O céu estava nublado, e via-se um ligeiro nevoeiro no horizonte.”¹¹

Foi em maio de 1892 que D. Carlos, conhecido o gosto de sua mãe pelo Palácio Real da Vila de Sintra, cede à Rainha D. Maria Pia o usufruto desta habitação régia.¹² Para além do paço da Ajuda, que habitava desde a sua chegada a terras lusas em 1862, D. Maria Pia passa a dividir o seu tempo, especialmente na época de veraneio, entre Sintra e o Estoril, onde vem a adquirir um ‘chalet’. O seu gosto pelas artes decorativas e pela materialização de ambiências confortáveis e elegantes denota-se na apropriação que fez do Palácio Real da Vila de Sintra, em especial aquando da receção de convidados.

Se ao seu marido, cerca de dois anos antes, fora reservado um almoço no masculino no alto do palácio da Pena, à gentil rainha Alexandra coube o convite de D. Maria Pia e de D. Carlos para um almoço no paço da Vila, adorada casa da mãe do monarca no centro da urbe sintrense. Ainda que não tenha sido uma refeição integralmente no feminino, não deixou de ser um momento associado à reunião das três Rainhas – Amélia, Maria Pia e Alexandra [Fig. 23] – e aos laços de amizade por si nutridos e amplamente captados pelas lentes de Joshua Benoliel (18873-1932) e A. Salgado (-).

Assim, no dia 24 de março de 1905, véspera da partida da convidada de honra, saiu pelas 11h15 da estação de Alcântara Terra o comboio real, onde seguia a nobre comitiva – à exceção da Rainha D. Maria Pia e dos seus dignitários de serviço, que viajaram antecipadamente – e outros vinte criados da Casa Real. A chegada a Sintra parece ter sido esplêndida, com a Rainha Alexandra de Inglaterra a ser recebida por multidões de gente, tendo o percurso entre a estação e o paço da Vila sido embelezado com *“bandeiras portuguesas e inglesas, palmeiras e fetos em grandes vasos, cameleiras floridas, tapetes de flores de urze e arcos de verdura em abundância (...)”*¹³

O almoço, a quarenta e nove talheres¹⁴, divididos entre mesa de Estado e Segunda Mesa, tomou lugar em três das salas do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra – Sala dos Cisnes,

¹¹ Armstrong, G. E. (Ed.). *The Globe*, 34258, 25 de março de 1905. S. I., p. 6.

¹² Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905. Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A.*, p. 43.

¹³ *Idem*, pp. 46-47.

¹⁴ *Idem*, p. 173.



[Fig. 24] *Visita da Rainha Alexandra de Inglaterra ao Palácio Real da Vila de Sintra*, António Novais (1854-1940), 1905. © AHFCB, UI 5189.

[Fig. 25] *Comitiva aquando do almoço oferecido à Rainha Alexandra de Inglaterra no Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, 1905. © AML, PT/AMLSB/BPI/000358.

Sala das Pegas e Sala de D. Sebastião, tendo sido acompanhado por um momento musical da responsabilidade da Banda do Corpo de Marinheiros da Armada Portuguesa, instalada no Pátio do Esguicho [Planta 2, 19].¹⁵

Ao encargo da Rainha D. Maria Pia, anfitriã principal, ficou a decoração da sua casa [Fig. 24] e da mesa, num gosto que se entende condizente com a materialidade do próprio paço, imbuída de azulejaria mudéjar de geometrias vivas e coloridas:

*“(...) algumas salas do Paço da Vila beneficiaram do gosto da rainha pelos objectos sumptuosos e pelas flores. Assim acontece, de modo especial, nos ambientes decorativos dos vários almoços oferecidos por D. Maria Pia na Sala das Pegas, com mesas de Estado cintilantes e coloridas, suporte de decorações florais cativantes e sofisticados serviços de prata, porcelana e cristal (...).”*¹⁶

Sem que nada fosse deixado ao acaso, acautelou-se a presença predominante de camélias e de violetas na mesa de Estado – algumas das flores de eleição da monarca britânica –, deduzindo-se ter sido intencional o diálogo entre a decoração vegetal e o serviço Haviland Limoges com motivo de *florinhas* escolhido para servir a refeição.¹⁷ A efusiva, colorida e vistosa decoração que se vem referindo, imagina-se, terá permitido a materialização de uma atmosfera natural e de carácter orgânico no interior do edifício, estabelecendo-se uma ponte para com o exterior do construído: o centro da vila, envolvido no bucolismo das camadas verdes que se estendiam até onde a vista alcançava. Porventura uma das mais belas e fidedignas descrições da vila e da sua paisagem, alguns anos antes de serem observadas por Alexandra de Inglaterra, será aquela redigida por Lord Byron (1788-1824) em *Childe Harold's Pilgrimage*, obra de poesia publicada entre 1812 e 1818:

*“Mosteiros suspensos de hórridos penedos; sobros seculares em volta de precipícios vestidos de musgo, que o ardor do sol crestou; arbustos gotejando à sombra no vale profundo ; o azul suave de um mar tranquilo; áureos pomos em viridentes ramos; torrentes que se despenham das cristas da serra; no alto as vinhas, cá em baixo as ramas dos salgueiros... Forma tudo um quadro maravilhoso de variada beleza!”*¹⁸

Após o almoço – terminado cerca das 14h00 – e a sessão fotográfica que habitualmente o sucedia [Fig. 25], Alexandra de Inglaterra visitou ainda algumas das salas do paço, dirigindo-se depois para o palácio da Pena, à época residência de veraneio de D. Carlos e de D. Amélia.

A passagem da Rainha Alexandra de Inglaterra por Sintra, que parece ter impresso na convidada de honra as melhores memórias, foi avidamente documentada pela monarca – como, aliás, o foi toda a passagem por Portugal – no álbum de fotografias e recortes ilustrativo do cruzeiro pelo Mediterrâneo. *“Fizemos uma maravilhosa expedição a Cintra. Almoçámos com a Rainha Maria Pia no seu lindo palácio antigo”*¹⁹, ou então *“Finalmente estou em Cintra!! Castelo da Pena!”*²⁰ são algumas das referências escritas por Alexandra no seu diário ilustrado, demonstrando o sentido de entusiasmo e agrado que tal deslocação potenciou.

*“A impressão da visita foi tão positiva que, em pouco tempo, os jornais britânicos informaram sobre o planeamento de uma nova viagem da família real a Portugal, no ‘próximo’ mês de maio. E de facto assim aconteceu, pois a rainha Alexandra regressou a Lisboa numa segunda e última visita, com carácter privado, em 18 de maio de 1906, porém, de novo, sem o seu marido.”*²¹

¹⁵ Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905.* Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., p. 43.

¹⁶ *Idem, ibidem.*

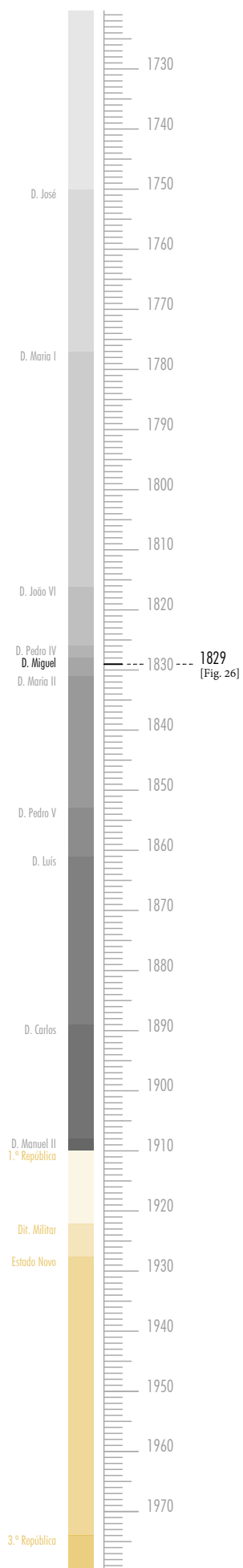
¹⁷ Correia, C. N. (2019). *Lunching with flowers. Porcelanas nos almoços reais da Primavera de 1905, em Sintra.* In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *Op. Cit.*, p. 123.

¹⁸ Lord Byron (1788-1824) traduzido e citado por Fernandes, J. A. (Ed.). (1888). *Cintra. Colares e seus arredores.* Oficina de J. A. Rodrigues Fernandes, p. 12.

¹⁹ *Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra (p. 14),* Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905. RCT, RCIN 2923732.

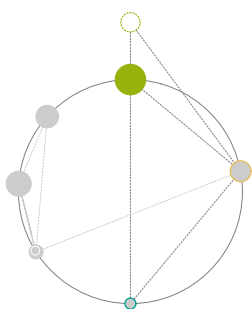
²⁰ *Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra (p. 17),* Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905. RCT, RCIN 2923733.

²¹ Montesinos, F. *Op. Cit.*, p. 74.



[Fig. 26]





[Fig. 26 – p. 11-12] *Vista da vila de Sintra*, Domingos Schiopetta (1788-c. 1835), 1829. © BND, E. 3567 P.

[Fig. 27] *Debaixo da laranjeira*, Virginie Demont-Breton (1859-1953), datação desconhecida. Óleo sobre tela (614 x 533 mm). Coleção particular, imagem obtida em: «https://en.wikipedia.org/wiki/File:Under_the_Orange_Tree_by_Virginie_Demont-Breton.jpg», consultado a 13/02/2024.

3.4 UMA REFEIÇÃO ENTRE RAINHAS

3.4.1 Para além dos laranjais



[24 de março de 1905, pelas seis da manhã: a vila de Sintra amanhece por entre o nevoeiro, e pelas ruas e vielas circulam já aqueles cujos ofícios não lhes permitem maior descanso. Um orvalho que adivinha a Primavera cobre os jardins do paço, tão solene e serenamente implantado no centro da urbe. Pelo portal da entrada, apeado numa carroça, o padeiro dá entrada no terreiro, vindo das suas instalações ali tão perto. Subindo a rampa pelo lado do nascente, segue em direção ao pátio da cozinha, nas imediações do picadeiro, a norte.]

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeção
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

O gosto da monarquia portuguesa pela vila de Sintra [Fig. 26], em especial na estação estival, parece ter sido preconizado pelo Rei D. Duarte (1391-1438), quando este terá afirmado “(...) *vymos a esta villa de Ssintra muytas veses ter alguuns verãos. E assi cremos o farão os Rex que depoes nos vierem, por acharmos a terra de mui boos ares e aguas (...)*”²². As qualidades deste território incluíam ainda, de acordo com a opinião de D. Duarte, “*folganças e desenfadamentos de montes e caças*”, “*nobre paços de mui espaçadas vistas*” e a “*grande avondança de mantimentos de mar e de terra*”²³, não estivesse a vila de Sintra implantada num momento de desafogada verdejância entre Lisboa e o mar. Quando se indaga sobre a abundância alimentar da paisagem sintrense e, de forma mais particular, sobre os espaços de produção interna do paço, verifica-se ser incontornável o tema dos seus jardins e da forma como estes, à semelhança da arquitetura, se foram gerando e modificando ao longo dos séculos.

O paço visitado pela monarca inglesa em 1905 constituía um conjunto arquitetónico distinto do visitável nos dias de hoje mas, ainda mais, do paço mouro apropriado primeiramente por D. Afonso III (1210-1279). Terá sido D. Dinis (1261-1325), contudo, aquele que encetou um conjunto de intervenções significativas no construído que, deduz-se, “*deveria corresponder à tipologia que (...) esses edifícios apresentavam, isto é, a um conjunto de dependências agrupadas em torno de um ou dois lados das muralhas existentes, ficando livre o terreiro (...)*”²⁴. À reformulação de D. Dinis, que terá incluído a ampliação dos espaços e, muito possivelmente, a construção da capela, seguiu-se uma outra, levada a cabo por D. João I (1357-1433), traduzida na construção daquele que ficaria conhecido como *paço joanino*.²⁵

²² Carta de D. Duarte (1391-1438) datada de 1433 confirmando privilégios à vila de Sintra citada por Silva, J. C. da. (2002). *Paços Medievais Portugueses*. IPPAR – Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico, p. 201.

²³ *Idem, Ibidem*.

²⁴ *Idem*, p. 205.

²⁵ *Idem*, p. 206.



[Fig. 28] Pormenor de banco no Pátio do Leão [Planta 3, 5] do Palácio Real da Vila de Sintra: revestimento a azulejaria verde e branca *exaqueteada* (esquema de composição azulejar em que o padrão axadrezado de ladrilhos quadrados é disposto em diagonal) e azulejaria relevada com motivo de parras. Imagem obtida em Sabo, R. e Falcato, J. N. (1998). *Azulejos, Arte e História. Azulejaria de Palácios, Jardins e Igrejas em Lisboa e Arredores*. Edições Inapa, p. 67.

“O paço joanino foi concebido de forma bastante distinta do dionisino, refletindo a importância que a casa de habitação nobre conhece desde meados do século XIV. A estrutura do novo edifício, conhecida pela descrição pormenorizada realizada pelo filho de D. João I, D. Duarte²⁶, desenvolve-se em torno de um pátio central – o Pátio do Esguicho –, sendo constituída por uma grande sala [Sala dos Cisnes], e por um conjunto de câmaras privadas e oratórios (...).”²⁷

Também da responsabilidade de D. João I é a característica e simbólica silhueta que se reconhece ao paço, fruto da dimensão e geometria das chaminés da sua cozinha, parte integrante do paço joanino que mais adiante se explorará em detalhe. É verosímil pensar-se que já existiriam, à época do reinado de D. João I, algumas laranjeiras nos terrenos adjacentes ao palácio [Fig. 27]. Todavia, terá sido entre os anos de 1507 e 1508 *“que muitos dos laranjais, de que há memória no paço de Sintra, são plantados”*²⁸. Este período de abundância vegetal, correspondente ao reinado de D. Manuel I (1469-1521), encontra-se documentado no *Livro Truncado da Receita e Despeza* da autoria do Almoxarife de Sintra André Gonçalves (-), replicado na íntegra pela mão do Conde de Sabugosa em *O Paço de Cintra*.

“Dá-nos o precioso e velho livro nomes de muitos locais d’este Paço, taes como: a estrebaria da meca, o laranjal do sol, o cerco dos coelhos [Fig. 30], os quartos dos infantes, a casa da fazenda, a varanda da Rainha, o patim das Damas, o pomar da Rainha, o jogo da pella, a casa da syssa e a çoteia do soll.”²⁹

D. Manuel I, nas duas campanhas de obras por si levadas a cabo – uma primeira concluída até 1510, e uma segunda, posterior –, dotou o palácio já existente de melhoramentos diversos e de novas construções.³⁰ Se até 1510 a atenção recaiu na beneficiação do construído, com a modificação de vãos e a valorização estética através da aplicação azulejar, num segundo momento optou-se pela ampliação do paço com a construção de uma nova ala³¹ e da afamada Sala dos Brasões.

O registo efetuado por André Gonçalves permite aferir a existência de múltiplos espaços exteriores dedicados à produção alimentar, não apenas do foro vegetal, mas também animal. Uma das intervenções registadas neste livro do almoxarife, integrante da primeira campanha de obras, refere precisamente a abertura de um portal no cerco dos coelhos, de forma a torná-lo acessível a partir do palácio. Também o laranjal do sol e o pomar da rainha foram beneficiados, tendo-se lajeado e substituído as laranjeiras secas do primeiro, e plantado *“28 laranjeiras, 41 pessegueiros, durázios, 14 cidreiras e 3 pereiras pardas”* no segundo, que se haveria de delimitar com uma caniçada.³² Esta informação permite construir uma imagem da arquitetura do palácio aquando das reformas manuelinas enquanto elemento envolto em verdejância e cor, compreendendo-se uma atitude de valorização quer da arquitetura, quer da paisagem.

“A importância do pomar na definição de uma área rural adstrita ao paço ganha um relevo acrescido (...), pela quantidade e variedade das árvores de fruto nele plantadas e de que se destacam, como espécies preferidas, o pessegueiro e a laranjeira. Está-se em presença ainda do horto medieval, utilitário mas também simbólico e organizando-se em odorífero jardim de recreio, como a caniçada e o archetes que nele se dispunham deixam perceber.”³³

Também o emprego do azulejo [Fig. 28] – obtido através da aplicação de técnicas diversas – em alguns dos espaços exteriores do Palácio Real da Vila de Sintra permitiu à envolvência vegetal o adquirir de uma beneficiação cromática, ao mesmo tempo construindo-se um diálogo vibrante entre as formas, geometrias e padrões do azulejo, e aquelas da própria natureza.

²⁶ D. Duarte (1391-1438) deixou alguns apontamentos capazes de elucidar sobre a morfologia do Palácio Real da Vila de Sintra seu contemporâneo: *“As medições das casas de Sintra, no chamado Livro [dos Conselhos] de el-Rei D. Duarte, que pertenceu ao mosteiro da Cartuxa de Évora, importante para nos dar a conhecer as medidas das principais divisões do paço (...)”*. Lino, R. (2014). *Quatro Palavras sobre os Paços Reais da Vila de Sintra*. D. L.. (1.ª ed. de 1948), p. 44.

²⁷ Melo, A. S. e Ribeiro, M. C. (2013). O processo construtivo dos paços régios medievais portugueses nos séculos XV-XVI: O Palácio Real de Sintra. In A. S. Melo e M. C. Ribeiro (Coord.), *História da Construção. Arquiteturas e Técnicas Construtivas*. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” e LAMOP – Laboratoire de Médiévistique Occidentale de Paris, p. 219.

²⁸ Carapinha, A. (1995). *Da essência do Jardim Português* – Volume 1. [Unpublished doctoral dissertation]. Universidade de Évora, p. 98.

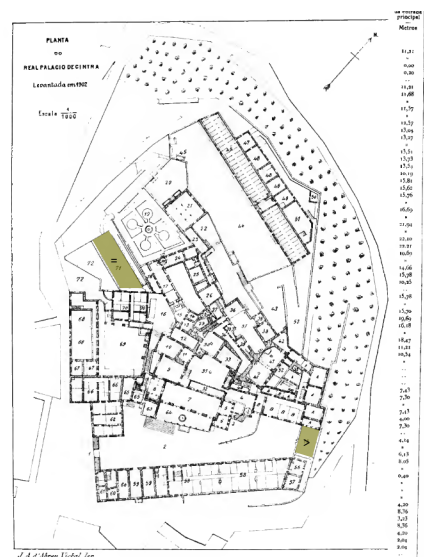
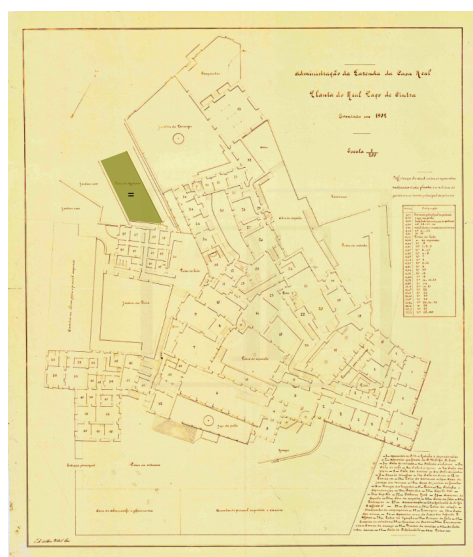
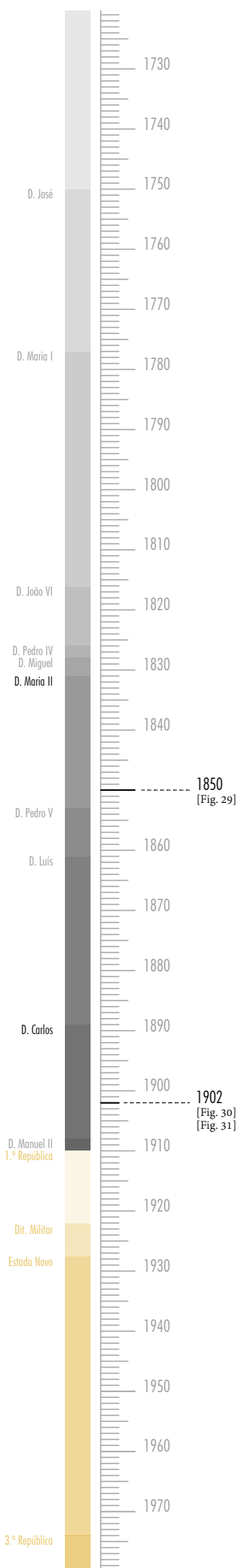
²⁹ Sabugosa, C. (1903). *O Paço de Sintra: apontamentos históricos e arqueológicos do Conde de Sabugosa*. Imprensa Nacional, p. 61.

³⁰ Silva, J. C. da. (2002). *Paços Medievais Portugueses*. IPPAR – Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico, p. 217.

³¹ *“A nova ala manuelina em Sintra parece corresponder a um fenómeno que, ao longo do século XV, se vai vulgarizando, isto é, a existência de áreas diferenciadas, dentro dos paços régios, para os seus ocupantes: um paço para a rainha, um outro para o rei e, finalmente, um terceiro para os infantes.”* Silva, J. C. da. *Op. Cit.*, p. 238.

³² *Idem*, p. 218.

³³ *Idem*, *ibidem*.



[Fig. 29] *Planta do Palácio Real da Vila de Sintra e da sua Envolvente* (editado), J. A. d'Abreu Victal (-), 1850. © BND, C.C. 178 A.

[Fig. 30] *Planta do Palácio Real da Vila de Sintra* (editado), J. A. d'Abreu Victal (-), 1902. © ANTT, PT/TT/CR/007-014/00322, Casa Real, Plantas, Almojarifado de Sintra, n.º 322.

[Fig. 31] *Cópia de planta do Palácio Real da Vila de Sintra* (editado), J. A. d'Abreu Victal (-), 1902. Desenho patente na obra Sabugosa, C. (1903). *O Paço de Sintra: apontamentos históricos e archeológicos do Conde de Sabugosa*. Imprensa Nacional.

Para a manutenção dos laranjais, do pomar e de todos os restantes espaços verdes do palácio destinados, ou não, à produção alimentar, terá desempenhado um papel de suma importância a água, proveniente de nascentes no interior da serra de Sintra. Um registo do padre jesuíta Amador Rebello (1532-1622), companheiro do mestre de D. Sebastião (1554-1578), apresenta-se elucidativo face à abundância deste elemento e ao seu papel, também lúdico:

“O segundo era em Cintra no tempo do Estio, por ter perto e á vista o mar oceano, onde tem suas virações frescas e muitas hortas e frutas, e fontes de agoa de que ha ali tão grande copia e abundância que vam ao mais alto dos Passos, e dali corre e se divide por todos elles em tanques, e com esguichos, e outras invenções d’agoa, que no tempo das calmas os fas não pouco aprazíveis e lhes dá muita graça. (...)”³⁴

Por alturas do século XIX, estas águas – e como anotado por J. A. d’Abreu Victal (-) na *Planta das Minas e Encanamentos d’Água do Almoxarifado de Cintra*, datada de 1898 [Fig. 2] – seriam conduzidas em manilhas e/ou tubos de chumbo desde a sua origem até ao paço, onde eram depois distribuídas através de uma rede de encanamentos própria.



[Feito chegar o pão à cozinha, o padeiro segue o mesmo caminho para fora do palácio que havia percorrido apenas uns minutos antes, tão despreocupado e afoito como se os meandros que pisava fossem pertença de um seu qualquer outro freguês. Entretanto, alguns moços extraordinários saem pelo pátio da cozinha [Planta 2, 21] na direção da grande horta a poente [Planta 1, 21], e são rapidamente engolidos pelo nevoeiro que teima em não dissipar.]

Para além desta planta das minas e encanamentos foram recolhidos três desenhos também da autoria de J. A. d’Abreu Victal que, com algum detalhe, ilustram a morfologia do palácio da Vila. O mais antigo, elaborado em 1850³⁵ [Fig. 29], não permite, por si só, situar quer os espaços de produção interna da época quinhentista mencionados – o *laranjal do sol*, o *cercos dos coelhos*, a *çoteia do sol* ou o *pomar da rainha* –, quer identificar, através da legendagem dos espaços anotados, a existência de qualquer outra horta, pomar ou área de cultivo afeta ao palácio (apesar de ser notória a existência de múltiplas zonas munidas de vegetação³⁶).

Um segundo desenho, com data de 1902 [Fig. 30], permite já aferir a existência de uma *Horta do Cypriano* [Fig. 30 A] nas imediações do Jardim da Lindaraya ou do Príncipe [Planta 1, 20], único espaço de produção claramente reconhecível neste levantamento. Curiosamente, o terceiro desenho recolhido [Fig. 31] data também deste ano de 1902 possuindo, contudo, uma legenda ligeiramente diferente da do seu contemporâneo. Dado tratar-se de um desenho integrante da obra *O Paço de Cintra* do Conde de Sabugosa (1851-1923), editada em 1903, é verosímil supôr-se que a nomenclatura atribuída aos diversos espaços do palácio reflita não só a sua apropriação à data da edição, como também traduza a visão e opinião pessoais do autor. Para além da *Horta do Cypriano* [Fig. 31 A], que mantém a sua posição, é anotada uma outra, de muito reduzidas dimensões, posicionada junto à cozinha – a *Horta da Canteira* [Fig. 31 B]. Simultaneamente, a investigação sobre a história do Palácio Real da Vila de Sintra realizada pelo Conde permitiu-lhe formular algumas conclusões no que concerne o posicionamento dos espaços de produção interna quinhentistas. Na sua opinião, o *laranjal do sol* havia-se situado no terreno daquele que em 1902 (e 1903) era o Pátio dos Tanquinhos [Fig. 30 A], adjacente ao Jardim de Lindaraya ou do Príncipe. Isto porque este pátio, para além de ter cariz de terraço, se encontra lajeado, tal como faz menção o *Livro Truncado da Receita e Despesa* de André

³⁴ Sabugosa, C. (1903). *O Paço de Sintra: apontamentos históricos e archeológicos do Conde de Sabugosa*. Imprensa Nacional, p. 124.

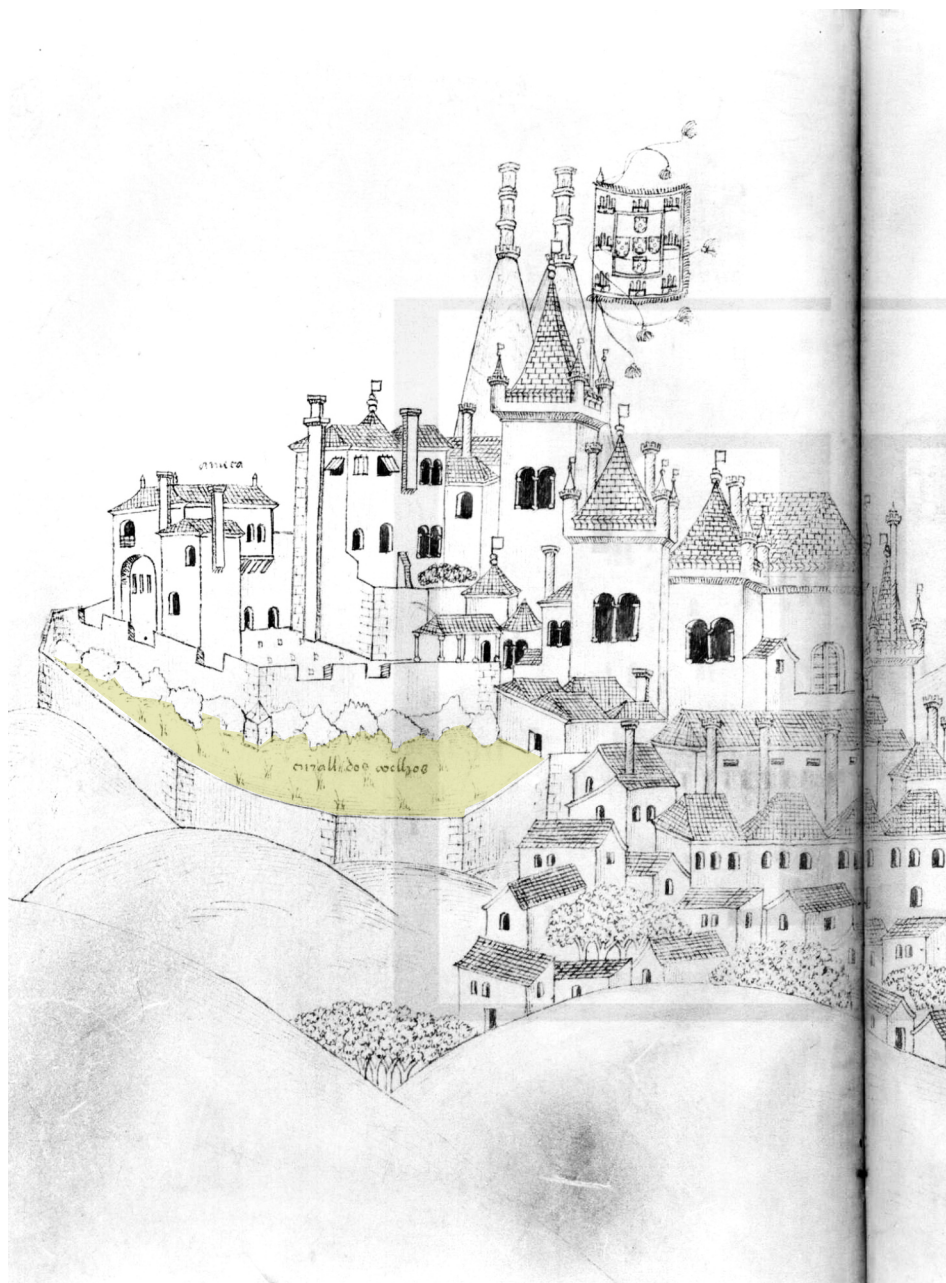
³⁵ Recolheram-se duas versões deste mesmo levantamento, em tudo semelhantes exceto na sua coloração. Uma delas foi recolhida na BND, e conta com o código de referência C.C. 178 A. [Fig. 29], a outra no ANTT referenciada com PT/TT/CR/007-014/00317.

³⁶ Deverá atentar-se nas tramas – infelizmente não legendadas – utilizadas por J. A. d’Abreu Victal nas quais se reconhecem diferentes tipos de espécies vegetais.

³⁷ (página 20) “*Dos documentos antigos até hoje descobertos sobre estes paços [da Vila de Sintra], os mais interessantes são: (...) Três desenhos do Duarte de Armas, que embora aqui não se trate de uma fortaleza, fazem parte da coleção que tem por título: ‘Livro das fortalezas’ etc. ‘feyto per duarte darmas ecudeyro’ etc. que se guarda na Torre do Tombo.*” Lino, R. (2014). *Quatro Palavras sobre os Paços Reais da Vila de Sintra*. D. L.. (1.ª ed. de 1948), p. 44.

³⁸ (página 20) De forma a facilitar-se o entendimento sobre a correspondência entre espaços, optou-se por representar a mesma na planta de 1850, ao invés de naquelas de 1902, pela maior qualidade da sua reprodução digital e de forma a evitarem-se sobreposições das tramas adicionadas. Sabugosa, C. *Op. Cit.*, p. 179.

³⁹ (página 20) *Relação das despesas do Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda no mês de março de 1905 com as festas dadas em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra e do Imperador alemão Guilherme II no Palácio Real da Vila de Sintra em 24 e 29 de Março de 1905*, Joaquim de Souza, março de 1905. ANTT, PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123.



[Fig. 32] Vista exterior do Palácio Real da Vila de Sintra (detalhe editado), Duarte de Armas (1465-?), 1509-1510. © ANTT, PT/TT/CF/159_m0134, Códices e documentos de proveniência desconhecida, n.º 159.

Nesta vista do Palácio Real da Vila de Sintra ilustrada por Duarte de Armas e patente no seu *Livro das Fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela* é possível identificar uma nota através da qual o autor situa, à época, o cerco dos coelhos (colorido a verde). Este espaço de produção seria limitado por um muro e, confiando na acuidade da representação de Duarte de Armas, possuiria alguma vegetação de carácter arbustivo. Através dos elementos representados, nomeadamente a torre e as chaminés da cozinha, conclui-se que este cerco dos coelhos se localizaria nos terrenos a norte do complexo palaciano.

Gonçalves. Por sua vez, o *cerco dos coelhos* deverá ter-se situado no espaço correspondente à *Horta do Cypriano* e ao *Jardim Novo* [Fig. 29 B], conclusão retirada após a análise de uma das representações do Palácio Real da Vila de Sintra da autoria de Duarte de Armas (1465-?) [Fig. 32], patente no seu *Livro das Fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela*^{37, 38}

Assim, não parece rebuscado pensar-se que, por alturas da visita da Rainha Alexandra de Inglaterra nos inícios de 1905, poderiam existir duas hortas no paço de Sintra – a de Cipriano [Planta 1, 21] e a da Canteira [Planta 5, 21] –, espaços de produção interna com um papel porventura ativo na construção do almoço servido à monarca. É sabido, todavia, que a produção interna de um palácio real português, por alturas do início do século XX, não seria suficiente para permitir a confeção de refeições de grandes dimensões, como aquelas de Estado, e que aquisições adicionais a merceiros e comerciantes diversos eram uma realidade necessária. Um registo do Almoxarifado do paço da Ajuda intitulado *Relação das despesas do Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda/Festas dadas em honra de Suas Magestades A Rainha d'Inglaterra e Imperador d'Allemanha no Paço de Cintra em 24 e 29 de Março de 1905*³⁹ informa sobre as diversas compras extraordinárias, destacando-se os fornecimentos de alimentos e de outros bens relacionados com a esfera alimentar. Não se tendo contactado com os habituais formulários descritivos dos pedidos da cozinha e das mesas para o dia 24 de março de 1905, convocar-se-á este documento em sua vez.

A partir da sua análise constata-se que o carvão de pedra, adquirido ao quilo, foi providenciado pela empresa O. Herold & C.^a, sediada na Rua da Prata, em Lisboa.⁴⁰ O pão, esse, parece ter sido produzido localmente na vila de Sintra pela Padaria Flor de Cintra de José Pereira da Costa (-).⁴¹ Também da vila, mais propriamente da mercearia e tabacaria de António José Soares (-), vieram itens variados, como alguidares, tigelas, piaçabas e, até, dois quilos de azeitonas de Elvas.⁴² O fornecimento da carne neste dia 24 de março de 1905 – vinte e cinco quilos de alcatra, vinte e seis quilos de ‘roast-beef’, quinze quilos de ganso, treze quilos de lombo limpo, dez quilos de peito, trinta e três quilos de vitela, um quilo e meio de tutano e dois quilos de sebo –, igualmente garantido por um negócio local, ficou a cargo do Talho em Cintra de Augusto Maria da Cunha (-), com sede no Largo da Rainha D. Amélia, precisamente defronte do palácio.⁴³ A carne de aves, como vinha sendo costume, terá sido providenciada por José Maria Tildes (-)⁴⁴, ao passo que outros bens de mercearia diversos, entre eles muitas bebidas, ficaram à responsabilidade da empresa Jerónimo Martins & Filho⁴⁵. Um recibo da Conservaria Italiana [Fig. 17], “*casa fundada em 1846 por M. Ferrari*”, revela ainda que a ‘pâtisserie’ servida no almoço de dia 24 de março não terá sido produzida *in loco* no paço, mas sim comprada. Por esta casa fornecedora de Suas Majestades foram entregues, entre outros, dois quilos de canelões de chocolate, um quilo de ‘la reines’, vinte e quatro madalenas, quatro quilos de doces de ovos, quatro quilos de macarrões, três quilos de ‘petit-fours’, brioches e bolos de canela.⁴⁶ Para além destes fornecedores externos, sabe-se ter sido providenciada lenha pela Real Propriedade da Pena⁴⁷, e vinho e azeite pelo Almoxarifado do paço de Mafra⁴⁸, perfazendo-se, assim, uma cadeia de produção alimentar deveras diversificada e dispersa, com os seus elos intersetados sobre a mesa.



[À saída do recinto do paço, o padeiro cruza-se com Augusto da Cunha, seu vizinho. Este, num estado de azáfama, apressa-se rampa acima sem proferir palavra, absorto a tudo e todos ao seu redor. Não reparou na azáfama pouco habitual, no corrupio de gentes e de bens, nos ruídos que ecoavam do interior do paço. Na cozinha já se esperava pelas carnes, e isso era tudo o que naquele momento realmente lhe interessava!!]

⁴⁰ Recibo relativo à aquisição de carvão a O. Herold & C.^a para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, autor desconhecido, 14 de março de 1905. ANTT, PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 10.

⁴¹ Recibo relativo à aquisição de pão à Padaria Flor de Cintra de José Pereira da Costa, José de Mello, 25 de março de 1905. ANTT, PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 13.

⁴² Recibo relativo à aquisição de mercearias e outros itens a António José Soares para o Palácio Real da Vila de Sintra, António José Soares, 25 de março de 1905. ANTT, PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 25.

⁴³ Recibo relativo à aquisição de carne ao Talho de Cintra de Augusto Maria da Cunha para a cozinha do Palácio Real da Vila de Sintra, Augusto Maria da Cunha, 24 de março de 1905. ANTT, PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 39.

⁴⁴ Recibo relativo à aquisição extraordinária de carnes de aves e ovos a José Maria Tildes para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, José Maria Tildes, março de 1905. ANTT, PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 41.

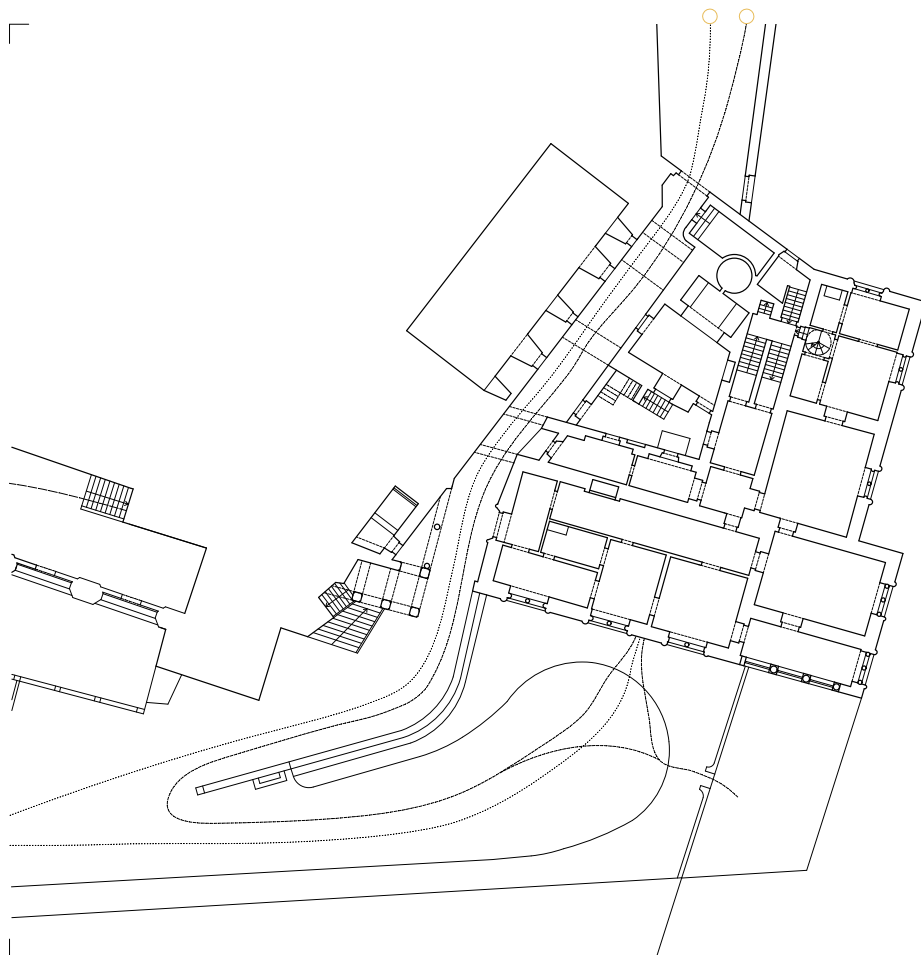
⁴⁵ Recibo relativo à aquisição de bens alimentares à Jerónimo Martins & Filho para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, autor desconhecido, 20 de março de 1905. ANTT, PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 38.

⁴⁶ Recibo relativo à aquisição de bens alimentares à Conservaria Italiana para o Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda, autor desconhecido, 24 de março de 1905. ANTT, PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 44.

⁴⁷ Recibo relativo ao fornecimento de lenha por parte da Real Propriedade da Pena ao Palácio Real da Vila de Cintra por ocasião do almoço em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra a 24 de Março de 1905, Cândido Lourenço, 24 de março de 1905. ANTT, PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123, n.º 48.

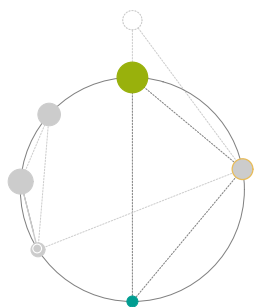
⁴⁸ Relação das despesas do Almoxarifado do Palácio Real da Ajuda no mês de março de 1905 com as festas dadas em honra da Rainha Alexandra de Inglaterra e do Imperador alemão Guilherme II no Palácio Real da Vila de Sintra em 24 e 29 de Março de 1905, Joaquim de Souza, março de 1905. ANTT, PT/TT/CR/E/001E/001/6123, Casa Real, caixa 6123.

..... Percurso dos fornecedores
 ----- Percurso dos funcionários
 ----- Percurso dos comensais



[Fig. 33] Planta parcial do piso à cota do Pátio da Entrada Principal e do Jardim da Preta do Palácio Real da Vila de Sintra (c. 1905). Escala 1/500. Desenho da autora.

[Fig. 34] Planta parcial do piso à cota do Jogo da Pela, dos Aposentos das Damas e da Casa do Almojarife do Palácio Real da Vila de Sintra (c. 1905). Escala 1/500. Desenho da autora.





3.4 UMA REFEIÇÃO ENTRE RAINHAS

3.4.2 Porque não mais perto?



[24 de março de 1905, pelas sete e um quarto da manhã: da cozinha saem, em direção à ucharia no extremo norte do pátio da entrada, quatro moços encarregues de ir buscar batatas, cebolas e mais uns quantos itens. Não é tarefa que agrade especialmente. Se a ida ainda se faz bem, com a leveza das mãos vazias, o esforço necessário ao regresso esmorece qualquer um...]

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeção
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

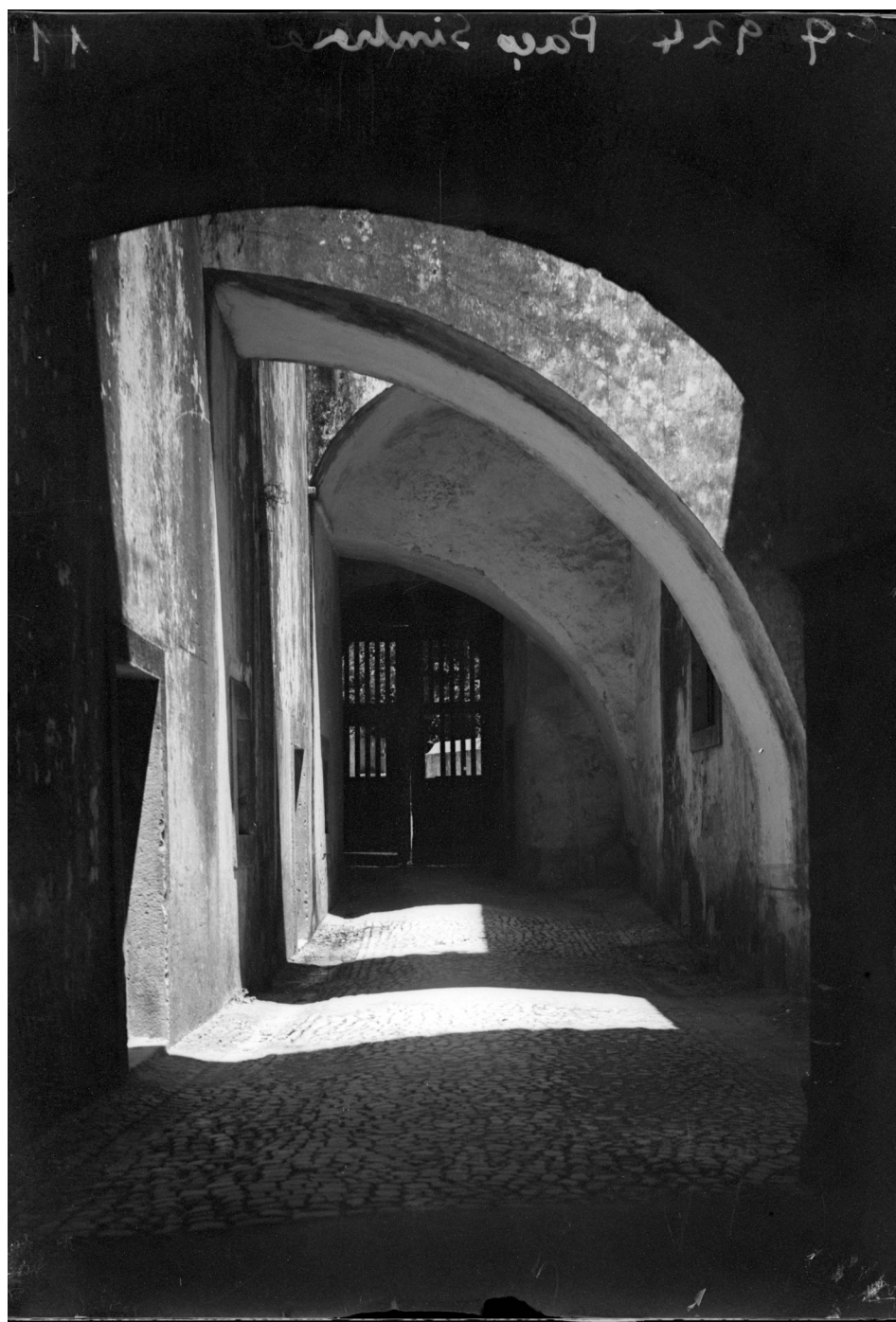
É a partir do levantamento desenhado do Palácio Real da Vila de Sintra efetuado por J. A. d'Abreu Victal (-) em 1902 [Fig. 43] que se contacta com o posicionamento, à época, da ucharia [Fig. 34]. Estranhamente, este espaço de apoio – que de acordo com a lógica da eficiência se costuma implantar em diálogo de proximidade com a cozinha –, repartia-se por três generosas divisões acessíveis a partir do limite norte do pátio da entrada, algo distante do principal espaço de confeção do palácio.

Um estudo atento do conjunto de plantas que constitui o levantamento mencionado não permite senão deduzir que a ligação entre esta ucharia e a cozinha principal do palácio se efetuará através de um percurso exterior parcialmente coberto e ascendente. Ainda que existam outros caminhos alternativos pelo interior do paço⁴⁹, a sua adequabilidade para servirem de meio à passagem de alimentos apresenta-se limitada e altamente questionável, reforçando-se a hipótese de um diálogo alimentar exterior entre ucharia e cozinha. Assim, parece esta localização da arrecadação de alimentos beneficiar, em particular, os fornecimentos de bens vindos do exterior, já que o trajeto a efetuar entre o portal da entrada do núcleo palaciano e a ucharia era deveras curto e de nível.⁵⁰ Imagina-se que, após acondicionados neste espaço de apoio, os géneros seriam, quando necessário, encaminhados para o espaço de confeção através da rampa sul [Fig. 33] e da passagem semi coberta por arcobotantes [Fig. 35], desaguardo no acesso ao pátio da cozinha [Planta 2, 21], do lado do norte, e chegando, a partir deste, à cozinha principal e às suas dependências.

O grau de dificuldade e a morosidade associados a este percurso – como já referido, de cariz acentuadamente ascendente –, parecem indiciar que na base do mesmo não estará um pensamento que vise a agilização e a otimização da rede alimentar do paço, mas sim um outro,

⁴⁹ Estes implicavam o atravessamento do volume manuelino e, consequentemente, de uma série de quartos de pessoal afeto ao paço, assim como a subida de vários lanços de escadas até alcançar o nível do corredor da cozinha, a uma cota superior àquele da ucharia.

⁵⁰ Para além da proximidade à entrada do paço, pode adivinhar-se uma outra vantagem advinda da localização da ucharia neste local, relacionável com a sua proximidade à Horta da Canteira. É verosímil pensar-se, por conseguinte, que alguns dos alimentos produzidos naquele terreno pudessem ser acondicionados neste espaço de apoio, de forma rápida e eficiente. Claro está que a sua confeção implicaria, invariavelmente, o transporte dificultoso até à cozinha.



[Fig. 35] Arcobotantes do Palácio Real da Vila de Sintra, Eduardo Portugal (1900-1958), 1924. © AML, PT/AMLSB/POR/000068.

porventura inerente ao crescimento faseado do edificado e à mutação das necessidades humanas de quem ali habitava. Não se sabe ao certo quando terá sido instalada nestas câmaras a ucharia do Palácio Real da Vila de Sintra, apenas que tal parte do palácio foi edificada por iniciativa de D. Manuel I (1469-1521)⁵¹, posteriormente face à obra joanina da cozinha principal. Curiosamente, o posicionamento desta ucharia parece dialogar de forma mais próxima e eficiente com a cozinha secundária do paço [Planta 4, 4] – adiante explorada em maior detalhe – que, segundo alguns autores⁵², superará em antiguidade a cozinha principal.⁵³



[À chegada ao pátio da cozinha, saem da dependência que para ali dá outros dois rapazes novos, que prontamente ajudam a levar para o interior a mercadoria. Uma voz potente, vinda da grande câmara das chaminés, ressoa com urgência. Estavam sem açúcar. Alguém tem de voltar lá abaixo.]

Se Bartolomeu Scappi, já no século XVI, defendia que um espaço de apoio ou arrecadação como uma ucharia deveria ser implantado na contiguidade de um pátio e munido de duas janelas opostas de forma a potenciar-se a ventilação cruzada⁵⁴, Urbain Dubois, em pleno século XIX, vai ainda mais longe ao sugerir um espaço de geometria circular, munido de múltiplas janelas, altas e largas, passíveis de, sem perigo, ficarem abertas até durante a noite⁵⁵. Perante tal conhecimento, apenas pode concluir-se que o que faltaria em arejamento à ucharia do Palácio Real da Vila de Sintra nos inícios do século XX – repare-se nos dois diminutos vãos de janela de que dispõe, abertos ao longo de um mesmo pano de parede [Fig. 34] –, seria compensado por aquela que se adivinha ser uma eficaz capacidade de isolamento térmico. O facto de se encontrar implantada no piso térreo do corpo manuelino do paço e, para todos os efeitos, semi-enterrada e protegida por grossas paredes, poderá ter permitido aos alimentos guardados nestes compartimentos o usufruto de um ambiente fresco e afastado da luz solar – ainda que não se possam ter certezas quanto à inexistência de humidades naquelas três divisões, capazes de afetar negativamente a conservação dos bens.

Desconhece-se, de igual modo, como estaria mobilada esta ucharia, isto por alturas da visita da Rainha Alexandra de Inglaterra ao paço, e de que forma o mobiliário aqui existente à época poderia ajudar a contornar os potenciais problemas levantados pela desadequação espacial. Ainda assim, a informação patente nos Autos de Arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra parece fornecer algumas pistas, apesar de retratar uma realidade posterior. Segundo este registo existiriam na ucharia, em 1910, somente cinco mesas de casquinha, um armário completo com seis meias portas, duas cadeiras e um banco⁵⁶. Há que notar que a sazonalidade e esporadicidade com que era habitado este palácio poderão ter contribuído para a redução do mobiliário em permanência nas suas instalações, imaginando-se, ainda assim, uma ucharia mais composta em 1905 que aquela que o arrolamento de 1910 deixa transparecer.⁵⁷



[De volta à ucharia, o mais novo dos moços segue na direção da casa mais profunda, guiando-se pela luz de uma candeia. Estava naquelas casas tanto frio e breu. Se lho perguntassem, diria que ali não gostava de ir e que, podendo, não mais ali punha os pés. Muito menos sozinho. Rapidamente encontrou o que procurava, pôs ao ombro e saiu num ápice, trancando a porta e começando a correr rampa acima. Nem se apercebeu que o saco tinha um pequeno furo, e que pelo caminho se ia perdendo a razão da sua vinda.]

⁵¹ “A intervenção de D. Manuel no paço de Sintra foi (...) a mais profunda (...), processando-se em dois momentos (...) a segunda fase acrescentou, ao lado do corpo de entrada correspondente à Sala dos Cisnes, um novo paço (...).” Silva, J. C. da. (2002). *Paços Medievais Portugueses*. IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, p. 217.

⁵² Pereira, A. M. (2007). *Cozinhas. Espaço e Arquitectura*. Edições Inapa, p. 27.

⁵³ Ainda que se possa desconfiar da apropriação de algumas das dependências da cozinha principal como se de ucharias se tratasse, não se encontrou qualquer referência desenhada ou escrita capaz de suportar esta hipótese.

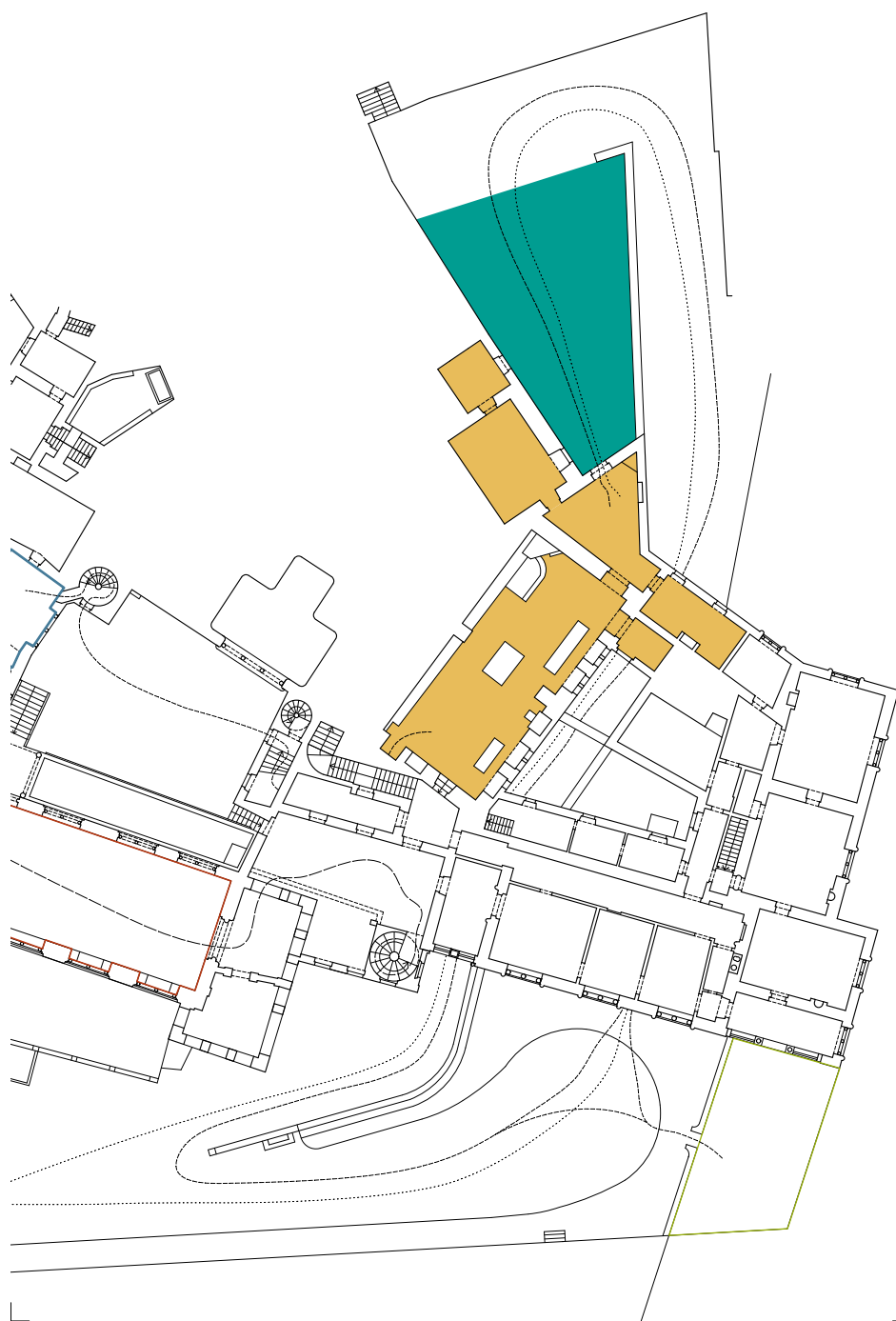
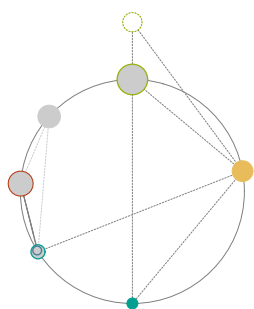
⁵⁴ “Também considere que, no dito pátio, um pequeno compartimento seria apropriado, onde pudessem ser guardado azeite, gordura, manteiga e outros itens de sabor forte, e fazer neve de leite, e conservar no verão o gelo, e o manjar branco. Acima de tudo, este pequeno compartimento é um local fresco, com duas janelas, uma de um lado e a outra do outro, para que o ar ajude a conservar os bens.” Scappi, B. (1570). *Opera di M. Bartolomeo Scappi, cuoco secreto di Papa Pio V. Divisa in Sei Libri*. Michele Tramezzino, fl. 4. Tradução da autora.

⁵⁵ “A divisão (...) é de forma oval; é iluminada por diversas janelas altas e largas; algumas das quais possuem uma malha, de forma a poderem estar abertas durante a noite sem perigo, e permitir a entrada do ar fresco.” Dubois, U. (1872). *Cuisine Artistique. Études de l'École Moderne*. Librairie E. Dentu, p. 35. Tradução da autora.

⁵⁶ Arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra, fl. 93 v.. ANTT, PT/TT/MF-DGFP/F/026/00001, Ministério das Finanças, Direção-Geral da Fazenda Pública 1840/1958, Repartição do Património, Relação dos bens pertencentes à extinta Casa Real Portuguesa, Arrolamento do Paço de Sintra.

⁵⁷ Existe a possibilidade, ainda que pouco provável, da descrição patente neste arrolamento tratar de uma ucharia alocada noutra câmara do palácio que não aquela indicada por J. A. d'Abreu Vical (-) no seu levantamento de 1902.

..... Percurso dos fornecedores
 Percurso dos funcionários
 Percurso dos comensais



[Fig. 36] Planta parcial do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra (c. 1905). Escala 1/500. Desenho da autora.



3.4 UMA REFEIÇÃO ENTRE RAINHAS

3.4.3 O estranho caso desta cozinha-chaminé



[24 de março de 1905, pelas oito e meia da manhã: na cozinha reina uma azáfama que faz lembrar tempos de outrora. No compartimento principal, dividido em duas partes comunicantes, uma panóplia de ruídos e cheiros preenche a atmosfera. No fogão posicionado sob o arco quebrado entre as duas chaminés alguns tachos de cobre emanam vapores, supervisionados por dois moços. Ali perto, numa bancada de pedra, outros tantos preparam salmão num dos extremos, partilhando o lioz com um terceiro rapaz que, com desenvoltura, apara espargos⁵⁸.]

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeção
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

O principal espaço de confeção do Palácio Real da Vila de Sintra [Fig. 36] tem levantado diversas indagações por entre os interessados na matéria, principalmente devido à morfologia e dimensão das chaminés que integram a sua câmara principal. Sobre a possibilidade de estas terem origem mourisca, Raul Lino (1879-1974) esclarece em *Os Paços Reais da Vila de Sintra*:

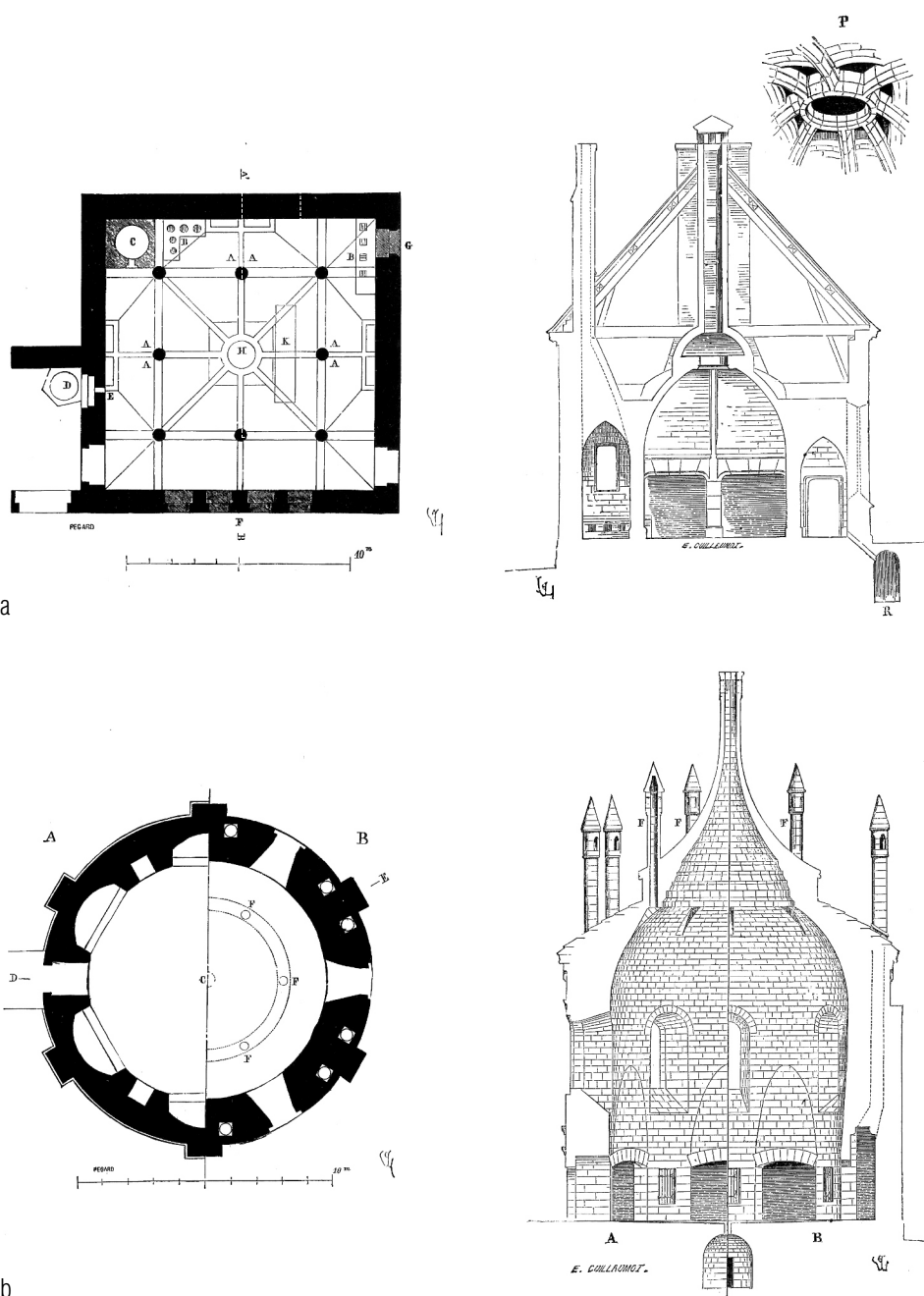
“(…) Tem-se escrito que a forma dada a esta parte da construção seria de tradição árabe. Diz-se e repete-se esta indicação. Parece-nos que há aqui também um dos tais estribilhos. É possível que tenha havido alguma vez um exemplo parecido em terras do Moghreb. Mas nem encontrámos nas cidades de Marrocos que percorremos sinal algum que lembrasse disposições desta ordem, nem nos foi dada notícia, pelas pessoas mais autorizadas, sobre semelhante modo de construção. O mouro não é dado a grandes comidas, sendo sóbrio e na grande maioria abstémio; e nem nas cidades caracteristicamente marroquinas, nem nas pequenas povoações jamais avultam as chaminés de qualquer feitio (...).”⁵⁹

Sobre a câmara principal da atual cozinha do paço de Sintra ter sido edificada no reinado de D. João I (1357-1433) não parece haver grandes dúvidas⁶⁰. Desenvolvido em torno do Pátio do Esguicho, o palácio erigido por este monarca seria limitado a norte pelo volume retangular que, à época, constituiria a câmara principal da cozinha palaciana. Este volume, numa já conhecida atitude preventiva contra a propagação de incêndios, jazia isolado, apenas contactante com a capela palatina pelo lado do seu altar-mor.

⁵⁸ De acordo com o menu do jantar de 24 de março de 1905 [Fig. 54] (AHFCB, NNG 3705/1), foram servidos ‘Saumon à la Genevoise’ e ‘Asperges glacée sauce Tartare’.

⁵⁹ Lino, R. (2014). *Quatro Palavras sobre os Paços Reais da Vila de Sintra*. D. L.. (1.ª ed. de 1948), p. 114.

⁶⁰ “O distinto architecto allemão Haupt, depois da publicação da sua importante obra ‘Die Baitkunst der Renaissance in Portugal’, de cujas opiniões nos havemos de socorrer, visitando connosco o Palácio no verão de 1901 (...) outro vestígio da fundação árabe parece ser a parede do fundo da cozinha, que pela sua argamassa e maneira como os tijolos se acham sobrepostos indica, segundo o comunicou Haupt, a origem mourisca.” Sabugosa, C. (1903). *O Paço de Sintra: apontamentos históricos e archeológicos do Conde de Sabugosa*. Imprensa Nacional, p. 2.



[Fig. 37] a – Planta e secção do volume da cozinha do Palácio dos Duques de Borgonha; b – Planta e secção do volume da cozinha da Abadia de Vendôme. Gravuras patententes na obra Espinet, M. (1984). *El Espacio Culinario. De la taberna romana a la cocina profesional y doméstica del siglo XX*. Tusquets Editores, pp. 55-57 e pp. 38-39, respetivamente.

Mais do que um espaço de confeção munido de duas monumentais chaminés, a cozinha medieval do Palácio Real da Vila de Sintra é, em si mesma, uma dupla cozinha-chaminé. Isto porque, pelo interior, existe uma clara desmaterialização faseada das paredes que delimitam a forma retangular deste espaço de confeção: primeiramente, o retângulo base, ao ser dividido ao meio, origina dois espaços de cariz quadrangular comunicantes; de seguida, e através de múltiplos chanframentos, estes dois espaços quadrangulares adquirem cada um uma volumetria octogonal irregular que, por fim, se vê transformada num cone – construindo-se a imagem tipicamente associada a estas duas chaminés. Ao dar-se a apropriação do espaço desta cozinha, é incontornável a sensação de se estar a operar dentro de duas chaminés dialogantes, sendo por vezes estabelecido um paralelo com o que acontece na cozinha medieval do Palácio dos Duques de Borgonha, em Dijón.

“A corte de Borgonha ligava muita importância ao serviço de mesa; no século XV, em todo o Ocidente, era ali que se comia e se bebia melhor, e tornava-se então necessário dispor as cozinhas e seus anexos de maneira grandiosa (...).”⁶¹

“Os Duques de Borgonha, amantes epicúrios da boa cozinha, tratadistas de temas gastronómicos e fiéis guardiões das leis analógicas, fizeram instalar no seu palácio de Dijon uma sofisticada cozinha segundo todos os princípios conhecidos até então (...).”⁶²

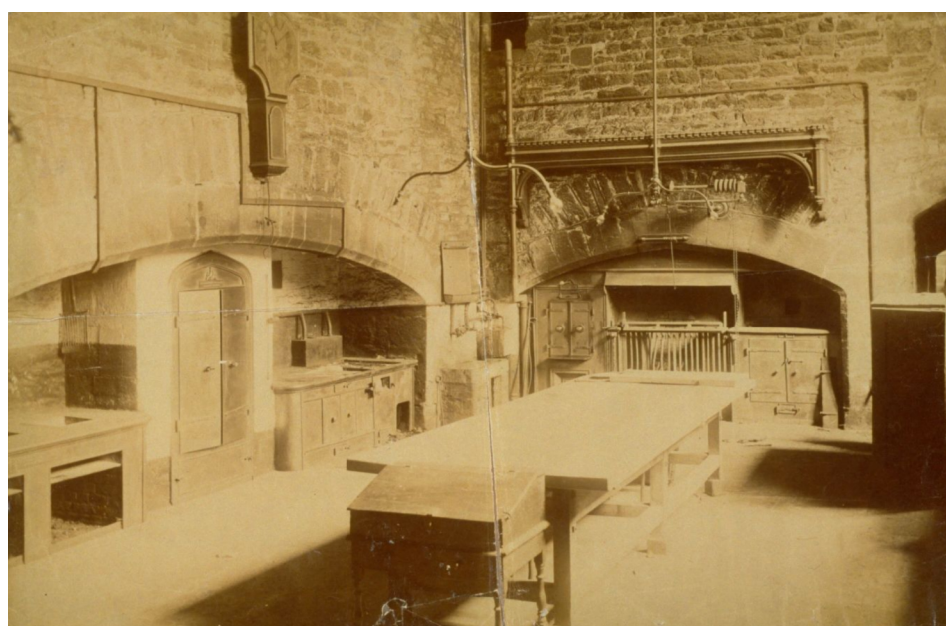
Ao inscrever-se num quadrado com cerca de dez metros de lado, e ao ser servida por uma grande chaminé central, a cozinha do século XV deste palácio borgonhês [Fig. 37 a] apresenta algumas correspondências, em termos da volumetria interior, com cada um dos dois espaços quadrangulares servidos por chaminé que constituem a cozinha do paço de Sintra. Claro está que a cozinha dos Duques de Borgonha apenas possui uma chaminé monumental, ao contrário das duas de Sintra, e que para além desta está munida de um corredor concêntrico que quebra a continuidade entre a superfície parietal delimitadora da forma e a cúpula da chaminé. Contudo, a maior diferença para com o caso sintrense surge com a definição do próprio conceito de cozinha-chaminé, em oposição ao de cozinha munida de chaminé central.

Ao tratar exemplos de cozinhas-chaminé da época medieval são incontornáveis os espaços de confeção de cariz circular das abadias francesas de Marmoutier, de Vendôme [Fig. 37 b] e de Fontevrault, e quadrangular do mosteiro espanhol de Santa Maria de Pamplona, nos quais a existência de condutas satélite de desenfumagem complementa o funcionamento da chaminé central. Nestas quatro cozinhas-chaminé, e contrariamente ao que acontece em outros espaços de confeção medievais religiosos e civis munidos de chaminé central – como os da Abadia de Saint Pierre de Chartres e do Palácio dos Duques de Borgonha [Fig. 37 a] acima referido –, existe uma correspondência clara entre a morfologia interna da grande chaminé e o aspeto exterior da cobertura da cozinha – ou, em alguns casos mais raros, de todo o seu volume. Esta característica, reconhecível na cozinha do Palácio Real da Vila de Sintra, é tida como fundamental à classificação de um espaço de confeção como cozinha-chaminé.

Alguns autores, como Raul Lino em *Os Paços Reais da Vila de Sintra* ou Matilde Sousa Franco (1943-) em *Palácio Nacional de Sintra. Residência querida de D. João I e D. Filipa de Lencastre* convergem ao mencionar o exemplo da cozinha do Mosteiro de Santa Maria de Iranzu, no norte de Espanha, aquando de reflexões sobre aquela que é entendida como a congénere de Sintra. Todavia, não se poderia discordar mais com esta leitura. Apesar de esta ser uma cozinha medieval religiosa de planta quadrangular e com uma chaminé central – a única, aliás – de dimensões consideráveis, a mesma não constitui exemplo de uma cozinha-chaminé. Tal pensamento advém do facto de, neste caso particular, a chaminé central da cozinha estar

⁶¹Lino, R. (2014). *Quatro Palavras sobre os Paços Reais da Vila de Sintra*. D. L.. (1.ª ed. de 1948), p. 115.

⁶²Espinet, M. (1984). *El Espacio Culinario. De la taberna romana a la cocina profesional y doméstica del siglo XX*. Tusquets Editores, p. 55. Tradução da autora.



[Fig. 38] Cozinha medieval da Abadia de Glastonbury, The Photochrom Co., Ltd., C. 1890-1906. © Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C., LOT 14184, no. 116.

[Fig. 39] Interior da cozinha de João de Gante em Canford Manor, J. Valentine & Sons, 1894. © Courtesy of the University of St Andrews Libraries and Museums, ID: JV-20607.

enclausurada num volume quadrangular, formulando o espaço sobrance um corredor abobadado. Por conseguinte, considera-se que não é possível fazer uma leitura da cozinha do Mosteiro de Santa Maria de Iranzu como se todo o seu interior existisse dentro de uma chaminé quando, em boa verdade, é a chaminé central que irrompe pelo interior deste espaço de confeção, dividindo-o.



[Os vapores, os cheiros e as vozes vão acumulando-se no compartimento principal da cozinha, sob as aberturas, lá no alto, das duas chaminés. Pelas janelas do nascente entram alguns raios de sol tímidos que, em contacto com os azulejos não faz muitos anos colocados, vibram e reverberam, simultaneamente avisando que as horas estão a passar. Da câmara mais para norte, contígua, passa-se para uma outra com uma janela aberta para o pátio onde, sobre uma mesa com o tampo revestido a metal, estão a preparar-se os turnedós de novilho⁶³, cuidadosamente cortados e enrolados.]

O casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre (1360-1415), nobre inglesa filha de João de Gante (1340-1399), leva a que se indague sobre uma possível relação entre as opções arquitetónicas joaninas na obra do Palácio Real da Vila de Sintra e os ideais que marcavam o desenho de espaços alimentares na Inglaterra medieval dos séculos XIV e XV. Porventura será a cozinha medieval da Abadia de Glastonbury [Fig. 38] o mais bem conservado e interessante exemplo de uma cozinha-chaminé inglesa de base quadrangular que, à semelhança do que acontece nas duas câmaras do espaço de confeção principal do paço de Sintra, se vê transformada num octógono.⁶⁴ Para além da desenfumagem central, a cozinha da Abadia de Glastonbury está ainda munida com outras quatro saídas de fumo secundárias – uma em cada esquina do quadrado base –, coroadas pelo arranque da cúpula octogonal que constitui a chaminé central. Não se imagina, claro está, que esta obra de inícios do século XIV tenha vertido sobre a empreitada de D. João I a sua influência no que concerne os moldes de execução de um espaço de confeção ideal medievo. Todavia, não apontar as semelhanças entre tal cozinha religiosa inglesa e aquela civil joanina poderá ser uma omissão desnecessária.

Apesar de não se lhe reconhecerem características de cozinha-chaminé, parece existir um outro espaço de confeção inglês intimamente ligado à figura da Rainha D. Filipa de Lencastre: a cozinha da casa de seu pai, João de Gante, em Canford Manor [Fig. 39], Dorset. Esta, de características retangulares, parece aproximar-se da cozinha do paço de Sintra somente na geometria da sua implantação.

“As cozinhas da tardo Idade Média parecem ter sido quadradas ou oblongas em planta. Ao começarem a ser integradas no edifício principal, como acontece em South Wingfield (1440-59), esta seria uma forma conveniente. Mas ainda poderia dar-se o caso de terem a forma de uma torre e serem quase separadas, como a magnífica cozinha de pedra que resta em Stanton Harcourt (Oxfordshire), construída no reinado de Eduardo IV (...).”⁶⁵

Com a sua cobertura de duas águas executada com recurso a uma estrutura de madeira, e as suas lareiras laterais, a cozinha de João de Gante não parece estabelecer com a do palácio de Sintra uma relação de similitude que vá além da base retangular e do facto de o espaço se ver amplamente iluminado por uma correnteza de vãos abertos numa das paredes laterais mais compridas do volume.⁶⁶

⁶³ De acordo com o menu do jantar de 24 de março de 1905 [Fig. 54] (AHFCB, NNG 3705/1), foram servidos ‘Tournedos à la Bordelaise’.

⁶⁴ Um outro exemplo de uma quase cozinha-chaminé religiosa sita em terras inglesas, contemporânea à da Abadia de Glastonbury, é aquela do complexo religioso de Durham. Construída entre 1366 e 1371 pelo mestre pedreiro John Lewyn (-), esta possui uma forma octogonal regular, albergando nas suas paredes laterais diversas lareiras. Wood, M. (1965). *The English Medieval House*. Phoenix House, p. 250.

⁶⁵ *Idem*, p. 251.

⁶⁶ Ainda em torno da figura do pai de D. Filipa de Lencastre e das obras por si levadas a cabo, talvez suscite um interesse mais inusitado o caso da cozinha principal do Castelo de Kenilworth, implantado nos arredores da cidade inglesa de Birmingham.



[Fig. 40] Chaminés da cozinha do Palácio dos Condes de Almada em Lisboa (Palácio da Independência), autor desconhecido, datação desconhecida. © SIPA, DOC.00009406 FOTO.00005765.

[Fig. 41] Volume da cozinha do Casal de Pedro Teixeira sito na freguesia da Ajuda, em Lisboa, autor desconhecido, datação desconhecida. © SIPA, DOC.00001005 FOTO.00504709.

[Fig. 42] A cozinha do palácio de Vila Viçosa, autor desconhecido, c. 1940. © CPF, Depósito Frio, Estante 02, Prateleira 29, PT/CPF/ALV/010675.

Por terras lusas parecem identificar-se somente dois exemplos de cozinha-chaminé, ambos possuidores, curiosamente, de uma silhueta comparável à do Palácio Real da Vila de Sintra – ainda que a uma escala deveras mais contida. O primeiro insere-se no Palácio dos Condes de Almada [Fig. 40], em Lisboa, e é de origem medieval, remontando a sua edificação ao ano de 1467. Sobre o interior desta dupla cozinha-chaminé, Ana Marques Pereira (-) dispõe:

*“O espaço das cozinhas (...) duas áreas de idênticas dimensões, quadradas, que comunicam entre si por uma porta central. (...) As espessas paredes de suporte apresentam nos seus cantos quatro trompas que permitem a adaptação do espaço quadrado para a cúpula oitavada das chaminés. Estas chaminés (...) foram adaptadas aquando das obras de 1509 e apresentam uma base octogonal e exteriormente uma forma piramidal.”*⁶⁷

O segundo exemplo é o de um edifício – em algumas instâncias chamado de *Pavilhão de Caça* – pertencente ao Casal de Pedro Teixeira [Fig. 41]. Construído algures no século XVII, este possui, de igual modo, um espaço de confeção munido com duas grandes chaminés. Estas, que se deduz⁶⁸ erigidas sobre dois compartimentos de base quadrangular ou octogonal, deverão ser lidas como exemplo de uma dupla cozinha-chaminé, complementada por outras câmaras contíguas, mas já de carácter secundário. Não será de todo inverosímil a comparação entre aquele que se imagina ser o interior de cada uma das duas partes desta dupla cozinha-chaminé e o da segunda câmara da cozinha do palácio de Vila Viçosa [Fig. 42]. Esta, ao integrar um espaço de confeção tripartido que compreende outras duas câmaras de notória dimensão e relevância, não poderá ser lida como exemplo de uma cozinha-chaminé porque, efetivamente, constitui apenas uma parcela do espaço de confeção principal do paço.

Também o espaço de confeção principal do Palácio Real da Vila de Sintra integraria, à data da refeição em estudo – 24 de março de 1905 – diversos compartimentos, notoriamente secundários, desconhecendo-se quando se terá dado a sua edificação. Estes, contudo, não interferem na leitura deste espaço de confeção como cozinha-chaminé, denotando-se uma clara hierarquia entre a câmara principal, dupla, e os demais compartimentos anexos a noroeste.

Para além desta compartimentação, reconhece-se na câmara principal desta cozinha uma atitude de segmentação espacial, potenciada pela existência de diversos elementos fixos espalhados ao longo, ou na proximidade, das paredes que a delimitam: fornalhas e fornos em alvenaria, estufa encastrada, balcões de pedra e pequeno tanque com acesso a água. Claro está que ao espaço desimpedido deixado no interior desta dupla câmara terá cabido a função, em tempos de outrora quando tal era costume, de nele serem colocadas a assar as grandes peças de carne suportadas por espetos de ferro. Esta prática foi, contudo, trocada pelo cómodo, mais eficiente e higiénico uso do fogão.⁶⁹

*“As cozinhas, depois da de Rumford, foram assumindo pouco a pouco, complicados avanços. Na maioria dos casos tratavam-se de carcaças metálicas de ferro fundido, posteriormente realizadas em ferro forjado, nas quais se distinguem pelo menos três compartimentos, segundo a complexidade do desenho: chaminé ou câmara de combustão, caldeira ou depósito de água e forno ou caixa de calor para assar e cozer alimentos. O fogo ou lugar onde se produzia a chama, isto é, a câmara de combustão, situava-se ao centro ou numa lateral da estrutura metálica (...).”*⁷⁰

Se o levantamento desenhado da autoria de J. A. d’Abreu Victal (-) [Fig. 46] deixa alguma margem para dúvida no que diz respeito à natureza do retângulo representado sob o arco central da cozinha, pode deduzir-se, com auxílio de alguma documentação manuscrita, que o mesmo

⁶⁷ Pereira, A. M. (2006). *Cozinhas. Espaço e Arquitectura*. Edições Inapa, p. 28.

⁶⁸ Apesar das diversas tentativas de contacto com a Câmara Municipal de Lisboa no sentido de solicitar autorização para visitar este edifício, não foi obtida qualquer resposta por parte desta entidade.

⁶⁹ Desde o século XIX, o fogão de ferro parece ter tomado um lugar de destaque nas cozinhas palacianas da monarquia portuguesa. As cozinhas dos palácios da Pena e de Vila Viçosa – e também, noutro âmbito, a do Palácio de Monserrate – usufruíam de fogões produzidos na Serralharia Lisboense.

⁷⁰ Espinet, M. (1984). *El Espacio Culinario. De la taberna romana a la cocina profesional y doméstica del siglo XX*. Tusquets Editores, pp. 90-91. Tradução da autora.



[Fig. 44 - página 33] Anotações esquemáticas sobre excerto de planta do piso à cota do Jogo da Pela, dos Aposentos das Damas e da Casa do Almojarife do Palácio Real da Vila de Sintra, J. A. d'Abreu Victal (-), 1902. © ANTT, PT/TT/CR/007-013/00327, Casa Real, Plantas, Almojarifado de Sintra, n.º 327.

De acordo com este desenho de J. A. d'Abreu Victal verifica-se existirem no piso em questão, em 1902, duas cozinhas posicionadas em extremos opostos do edifício. A primeira, a nordeste, é anotada pelo engenheiro como tratando-se de uma *Copa*. Todavia, a sua morfologia, dimensão e história revelam tratar-se, efetivamente, de uma cozinha secundária. Já o segundo espaço de confeção referido foi apenas legendado com o termo *Cozinha*. Este, por se encontrar posicionado junto aos aposentos das damas e de funcionários do palácio, deverá ser entendido, sim, como cozinha de pessoal afeto ao paço.

[Fig. 45] Anotações esquemáticas sobre excerto de planta do piso à cota do Pátio do Leão e abaixo da cota do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra, J. A. d'Abreu Victal (-), 1902. © ANTT, PT/TT/CR/007-013/00326, Casa Real, Plantas, Almojarifado de Sintra, n.º 326.

No piso ao nível do Pátio do Leão e inferior ao andar nobre localizavam-se alguns espaços alimentares de apoio, posicionados sob as principais salas onde eram consumidas refeições no palácio. O primeiro destes é a *Mantieiria*, que ocupa uma área generosa e se divide por três compartimentos, acessíveis a partir do Pátio do Leão. Na sua contiguidade encontra-se a *arrecadação da louça* que, curiosamente, se posicionava imediatamente por cima da casa das luzes, representada nesta planta somente através da anotação *Casa das luzes e por cima arrecadação da louça*.

Legenda dos espaços da rede alimentar

Espaços de abastecimento

- Horta
- Jardim
- Tapada
- Curral / Galinheiro

Espaços de confeção

- Cozinha principal
- Cozinha secundária
- Cozinha de aposento
- Cozinha de pessoal afeto ao paço

Espaços de apoio

- Ucharia
- Mantieiria
- Arrecadação (afeta à refeição)
- Terraço / Pátio (afeto à refeição)

Espaços de consumo

- Sala de refeições principal
- Sala de refeições secundária
- Sala de banquetes
- Sala / área utilizada para refeições
- Sala de refeições de pessoal afeto ao paço

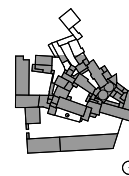
Espaços de serviço

- Copa ou sala equiparada
- Casa de lavagem
- Sala de música

Espaços de digestão

- Sala de bilhar
- Sala de café
- Sala / área utilizada para concertos
- Sala / área utilizada para bailes
- Terraço / Pátio
- Jardim

Nota de leitura: para facilitar a sua leitura em coordenação com a sequência de legendas, apresentam-se os desenhos das [Fig. 43, Fig. 44 e Fig. 45] segundo uma ordem iniciada no piso térreo.



pode representar um fogão em planta. Um primeiro registo, datado do ano de 1900, elucidativo sobre as obras projetadas para o Palácio Real da Vila de Sintra a propósito de um jantar oferecido pela Rainha D. Maria Pia, informa sobre a necessidade de se efetuar “*arranjo e limpeza do fogão grande*” da cozinha do palácio.⁷¹ Alguns anos mais tarde, já aquando do Arrolamento dos bens existentes neste edifício, e de acordo com o auto elaborado pelo escrivão João Guerreiro (-), é referida a existência não somente de um fogão, mas sim de dois: um grande, com duas fornalhas, seis fornos e duas caldeiras – entregue à Casa Pia de Lisboa –, e um segundo mais singelo em tamanho, munido de duas fornalhas, quatro fornos e uma caldeira.⁷²

A vivência sazonal e não contínua da Família Real neste palácio implicou, ao que parece, que a sua cozinha principal não dispusesse, de forma permanente, de todos os meios necessários à confeção alimentar. Ao virem para o paço, os habitantes reais faziam-se acompanhar, por conseguinte, dos mais diversos objetos e itens de mobiliário, necessários à manutenção dos padrões inerentes à sua vivência quotidiana. Num documento manuscrito no qual se expõe a *Relação dos objetos que saíram da arrecadação do Tesouro para Sintra em julho e agosto de 1903*⁷³ constata-se terem sido trazidos para o Palácio Real da Vila de Sintra, para além de secretárias, cadeiras, mesas, biombos e até um lavatório – entre outros bens –, louça de cozinha, uma panela, dois tachos com asas e nove caçarolas completas. Não é de estranhar, por conseguinte, que o arrolamento de 1910 revele um espaço de confeção sumário em termos do seu conteúdo, ao contrário de outros arrolados pela mesma altura, como é o caso das cozinhas principais dos palácios da Ajuda e das Necessidades. Em Sintra, para além dos dois fogões supramencionados, existiam na cozinha, por alturas da implantação da República, duas mesas grandes de casquinha com seis gavetas cada uma, outras duas mesas mais pequenas, também de casquinha mas sem gaveta, dois armários pequenos com quatro meias portas, um armário grande também com quatro meias portas, três mochos e duas cadeiras em mau estado. Repare-se como não é feita menção a qualquer utensílio de cozinha.⁷⁴

Num outro registo manuscrito mais antigo, desta vez datado de 1894 e intitulado *Mobiliá, louças, panos e mais artigos pertencentes à Casa Real e existentes no Paço de Sintra*⁷⁵ é confirmado o quão parco o recheio deste espaço de confeção já era à época, levantando-se questões, inclusive, face ao seu estado de conservação. Segundo este manuscrito existiam na cozinha do palácio cinco mesas grandes de pinho, sendo que três estavam em mau estado; duas cadeiras, uma das quais de palhinha e com braços; um relógio redondo; uma mesa de pinho para lavagem de peixe; uma outra mesa, também de pinho, mas mais pequena; uma estufa grande e três outras pequenas, estas últimas também em mau estado. A imagem transmitida por esta descrição, de um espaço arquitetonicamente inigualável mas parcamente apropriado pelos seus habitantes, parece ter sido enriquecida no ano seguinte, 1895, quando por vontade da Rainha D. Maria Pia se forrou a azulejo branco uma considerável parte da superfície parietal da cozinha.

Ainda que não se consiga apurar com definitivas certezas o motivo pelo qual se deu esta aplicação azulejar, altamente depurada e tardia comparativamente com a restante existente no paço, não se pode descartar uma motivação higienista, condizente com as reformas sanitárias que vinham marcando o século XIX.⁷⁶ Em Portugal, o culminar das preocupações em torno do sanitarismo alcançou-se com a figura de Ricardo Jorge (1858-1939), e adquiriu consequência maior através da obra *Higiene social aplicada à nação portuguesa*, publicada em 1884.

As ideias higienistas que se compunham à época ter-se-ão visto repercutidas na fabricação azulejar portuguesa, tendo o azulejo adquirido um carácter mais utilitário, mobilizado em espaços de entrada, lojas e zonas de serviço dentro da habitação. Contudo, não é a cozinha principal do Palácio Real da Vila de Sintra o único espaço de confeção deste palácio munido de azulejos.

⁷¹ *Relação das obras projetadas para o Palácio Real da Vila de Sintra por ocasião de um jantar oferecido pela Rainha D. Maria Pia*, autor desconhecido, fevereiro de 1900. APNA 9.5.1 caixa 2, doc. 1.

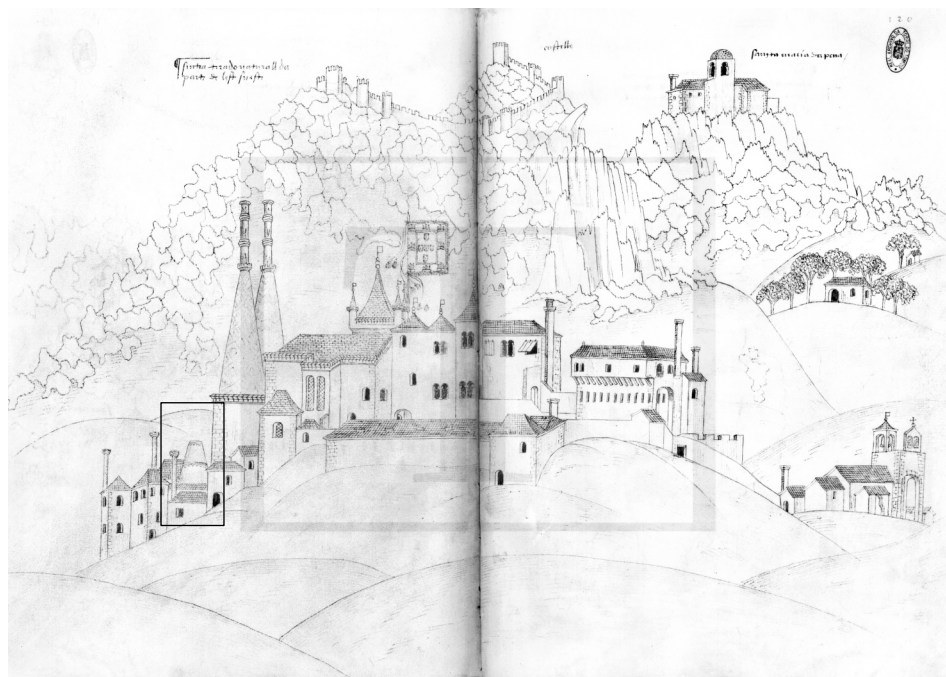
⁷² *Arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, fl. 143. ANTT, PT/TT/MF-DGFP/F/026/00001, Ministério das Finanças, Direção-Geral da Fazenda Pública 1840/1958, Repartição do Património, Relação dos bens pertencentes à extinta Casa Real Portuguesa, Arrolamento do Paço de Sintra.

⁷³ *Relação dos objetos que saíram da arrecadação do Tesouro para o Palácio Real da Vila de Sintra em julho e agosto de 1903* (inclui: mobília, tapetes, roupa, biombos, espelho para vestir, toalheiro, cestos para iluminação, bacia para cama, semicúpio, barraca de campanha, molduras, pote para água para aposentos da rainha, genuflexórios, balde de toilette, etc), autor desconhecido, 31 de julho de 1903. APNA 6.1.2, doc. 63.

⁷⁴ *Arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, fl. 143 e fl. 143 v.. ANTT, PT/TT/MF-DGFP/F/026/00001, Ministério das Finanças, Direção-Geral da Fazenda Pública 1840/1958, Repartição do Património, Relação dos bens pertencentes à extinta Casa Real Portuguesa, Arrolamento do Paço de Sintra.

⁷⁵ *Mobiliá, louças, panos e mais artigos pertencentes à Casa Real e existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, 1894. APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 34.

⁷⁶ Corria o ano de 1842 quando o reformista social inglês Edwin Chadwick (1800-1890) apresentou o seu relatório intitulado *The Sanitary Condition of the Labouring Population*, chamando a atenção para as questões da higiene e salubridade e da discrepância social na sua aplicação.



[Fig. 47] Vista exterior do Palácio Real da Vila de Sintra (editado), Duarte de Armas (1465-?), 1509-1510. © ANTT, PT/TT/CF/159_m0135, Códices e documentos de proveniência desconhecida, n.º 159.

[Fig. 48] A cozinha secundária do Palácio Real da Vila de Sintra, fotografia da autora, 2022.

“Em posição inferior a esta cozinha [principal] existe uma outra designada por ‘cozinha antiga’. [Fig. 44, Fig. 47 e Fig. 48] É-lhe atribuída uma origem anterior à das grandes cozinhas. Possui uma chaminé cónica de pequenas dimensões (...). Nos finais do século XIX devem ter sido realizadas obras nesta cozinha, uma vez que se se encontra forrada com azulejo industrial espanhol, de Valência.”⁷⁷

O seu posicionamento e a proximidade ao corpo manuelino e às câmaras que, por alturas de 1901, serviam os membros da Família Real, induz o pensamento de se tratar de um espaço de confeção apropriado à época como cozinha de aposento. Esta aceção parece ser comprovada pelo descrito no arrolamento do paço que menciona a existência de uma *Cozinha do Infante D. Augusto*, nas imediações do pátio do elevador [Fig. 44] [Planta 4 19]. Todavia, e de acordo com este documento, os itens existentes nesta cozinha não parecem indiciar que a mesma se encontrasse em atividade:

“Nove caixas de casquinha, pintadas de cinzento e dois caixotes contendo fragmentos d’azulejos encontrados em várias partes do palacio, durante o periodo de obras. (...) Um fogão de sala com frente de mármore sem tampa, em mau estado. (...) Uma estufa velha e um bahu velho.”⁷⁸

Ainda assim, não deixa de ser notório que esta cozinha secundária –, ao que tudo indica, mais tarde apropriada como cozinha de aposento do Infante D. Augusto –, tenha chegado até aos dias de hoje. Desta forma, o Palácio Real da Vila de Sintra é o único palácio de entre os exemplos em estudo no qual permanecem visitáveis, em ocasiões especiais, as arquiteturas de não apenas um, mas de dois espaços de confeção.



[Por todo o lado há movimentações. A hora da refeição aproxima-se, estando prevista a chegada do Comboio Real à Estação de Sintra por volta do meio-dia.⁷⁹ O ‘consommé’ continua ao lume, as galinhas de Bresse ainda estão no forno e o pudim é, agora, desenformado.⁸⁰ No fogão grande, em diversas caçarolas, reduzem-se alguns molhos, atentamente provados de quando em vez. Sobre uma mesa, um ajudante de cozinha testa a consistência da ‘mousse’⁸¹, parecendo desiludido com o resultado. Há que esperar.]

Para além das cozinhas principal e secundária entretanto mencionadas, há que ressaltar a existência de outras duas, isto por alturas de 1900 e de acordo com o levantamento desenhado de J. A. d’Abreu Victal: uma primeira, de reduzidas dimensões, implantada nas imediações do Pátio do Leão [Planta 4 13], e uma segunda, certamente a uso daqueles que laboravam nas cavaliças, por se situar por cima destas [Planta 1 15]. Por ambas se localizarem nas proximidades de aposentos de pessoal afeto ao paço ou ao serviço da Família Real, considera-se tratarem-se de cozinhas de aposento, formulando, juntamente com a cozinha principal do paço [Planta 2 17] e a cozinha secundária [Planta 4 4], o conjunto de espaços de confeção da rede alimentar do Palácio Real da Vila de Sintra nos inícios do século XX.

⁷⁷ Pereira, A. M. (2006). *Cozinhas. Espaço e Arquitetura*. Edições Inapa, p. 29. É possível visualizar a chaminé desta cozinha num dos desenhos elaborados por Duarte de Armas, ilustrativos do Palácio Real da Vila de Sintra: *Vista exterior do Palácio Real da Vila de Sintra*, Duarte de Armas, 1509-1510. ANTT, PT/TT/CF/159_m0135, Códices e documentos de proveniência desconhecida, n.º 159 [Fig. 47].

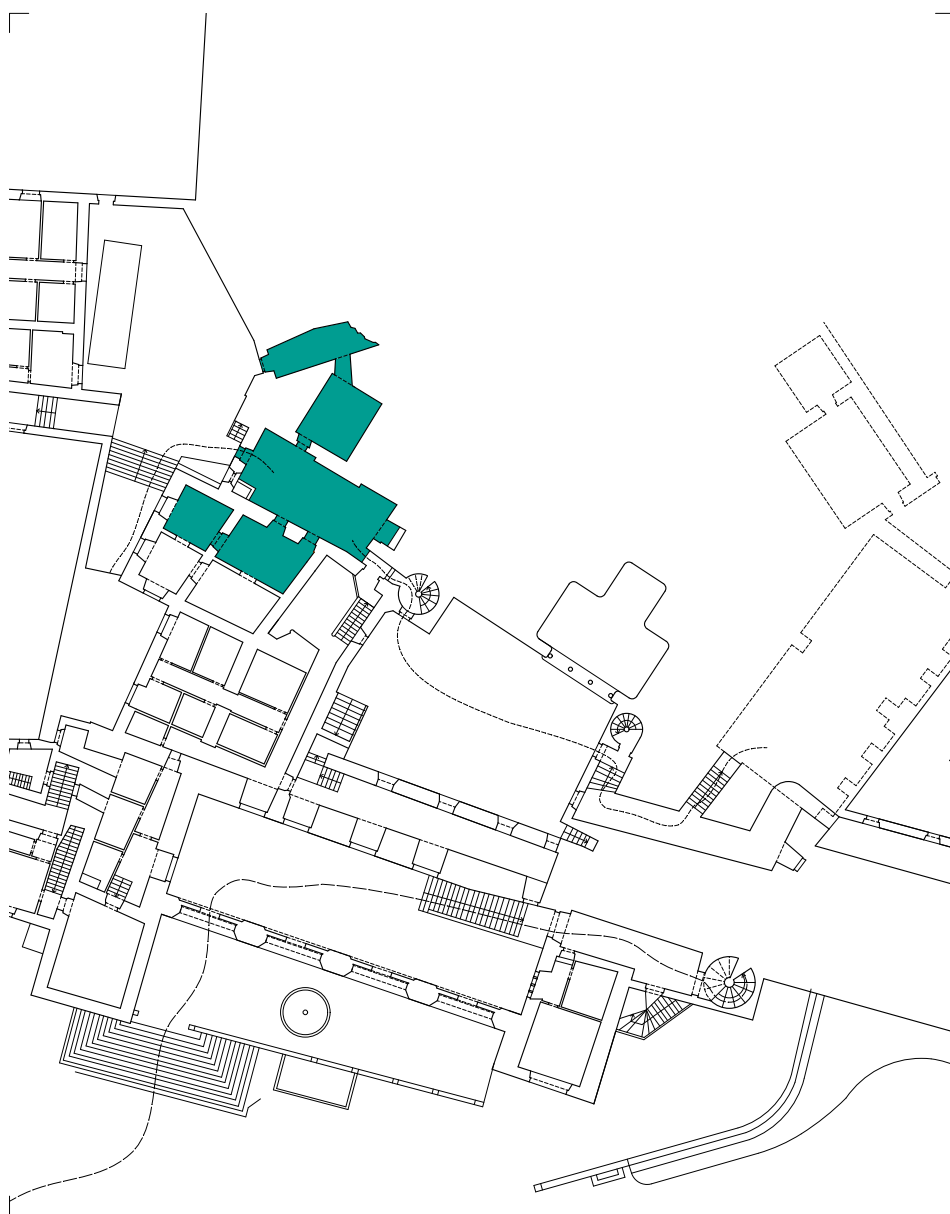
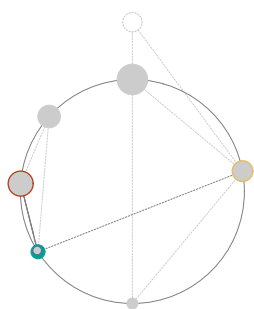
⁷⁸ *Arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, fl. 89 v. e fl. 90. ANTT, PT/TT/MF-DGFP/E/026/00001, Ministério das Finanças, Direção-Geral da Fazenda Pública 1840/1958, Repartição do Património, Relação dos bens pertencentes à extinta Casa Real Portuguesa, Arrolamento do Paço de Sintra.

⁷⁹ Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905*. Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., p. 45.

⁸⁰ De acordo com o menu do jantar de 24 de março de 1905 [Fig. 54] (AHFCB, NNG 3705/1), foram servidos ‘Consommé Chancelière’, ‘Poulardes de Bresse sauce Périgord’ e ‘Pouding à l’Écossaise’.

⁸¹ De acordo com o menu do jantar de 24 de março de 1905 [Fig. 54] (AHFCB, NNG 3705/1), foi servida ‘Mousse de foie-gras à la Reine’.

..... Percurso dos fornecedores
 Percurso dos funcionários
 Percurso dos comensais



[Fig. 49] Planta parcial do piso à cota do Pátio do Leão do Palácio Real da Vila de Sintra (c. 1905), desenho da autora, 2024.
 Escala 1/500.



3.4 UMA REFEIÇÃO ENTRE RAINHAS

3.4.4 A sorte na arte de bem localizar



[24 de março de 1905, pelo meio-dia: da mantearia sai, com passo apressado mas cuidado, um jovem rapaz com uma caixa de madeira na mão. Num ápice sobe a pequena escada em direção à sala de jantar de D. Maria Pia. Lá em cima já a rainha percorria, com olhar atentíssimo, as três salas onde ia consumir-se o almoço, neste momento praticamente prontas para receber a convidada de honra e o seu séquito.]

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeção
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

A evolução espacial do Palácio Real da Vila de Sintra ao longo dos seus cerca de mil anos de história viu-se acompanhada por mutações na lógica de apropriação dos seus espaços, tanto por força das alterações ao construído, como por consequência das mudanças nas práticas do habitar. Assim, ao atentar-se no posicionamento da mantearia [Fig. 49] e outros espaços de apoio às salas onde se consumiam refeições, há que ter em mente que a apropriação em causa reflete uma época, um modo de agir perante o espaço e, acima de tudo, um entendimento particular da rede alimentar.

Por alturas da visita da Rainha Alexandra de Inglaterra ao paço, o mesmo encontrava-se apropriado, até certo ponto, ao gosto e segundo a vontade da Rainha D. Maria Pia, sua habitante principal. Os principais espaços de consumo que adiante se explorarão localizam-se no piso nobre, para os lados do oeste, impondo a lógica que também nessa zona do palácio se alocassem as arrecadações dos itens que iam à mesa real. Claro está que, como bem demonstra este estudo, nem sempre parecem ser a lógica, a otimização e o bom senso os factores determinantes na construção de uma rede alimentar, encontrando-se quase sempre constrangimentos espaciais. Todavia, no que respeita a relação entre mantearia e salas equiparadas, e os principais espaços utilizados aquando do consumo da refeição, ressalva-se o caso do Palácio Real da Vila de Sintra como um exemplo de astuto apropriamento por parte dos seus últimos habitantes, nomeadamente a Rainha D. Maria Pia.

Ao instalar a sua sala de jantar [Planta 2 11] na divisão onde se crê ter funcionado, outrora, o Quarto de D. Sebastião, a monarca pôde usufruir de um acesso facilitado às divisões do piso abaixo, as quais se viram utilizadas, pelo menos por volta de 1902, como mantearia e

82 (página 42) Em boa verdade, o único espaço verdadeiramente apropriado como espaço de consumo numa base regular seria a sala de jantar da Sainha D. Maria Pia. A Sala das Pegas e a Sala dos Cisnes apenas seriam apropriadas como espaços de consumo esporadicamente. Ainda assim, e por facilidades de discurso, refere-se o conjunto destas três salas como espaços de consumo, neste contexto.



[Fig. 50] Pátio do Leão, porta de acesso à mantearia (à direita) e escadaria de ligação ao piso nobre, fotografia da autora, 2024.

arrecadação da louça [Fig. 45]. A circulação dos bens entre este piso inferior e o piso nobre onde se localizavam os espaços de consumo⁸², poderia ser feita de três formas distintas: através de uma pequena escadaria exterior, adossada à fachada do paço no Pátio do Leão [Fig. 50]; recorrendo a um elevador do género passa-pratos⁸³, posicionado no interior da câmara maior da mantearia [Planta 3 3] ou através da escadaria helicoidal com ligação ao Pátio do Esguicho [Planta 2 19]. Ao passo que a primeira e segunda opções permitia alcançar a Casa de Trinchar [Planta 2 13], a terceira encaminharia os itens para a Sala das Sereias [Planta 2 12].

Desconhece-se se esta apropriação das divisões do paço para nelas alocar uma sala de jantar [Planta 2 11], mantearia [Planta 3 2] e arrecadação da louça [Planta 3 4] aconteceu no imediato após a cedência do usufruto do palácio à Rainha em 1892, ou se a mesma foi posterior. Um documento manuscrito – *Relação da mobília, louças, panos e mais artigos pertencentes à Casa Real e existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*⁸⁴ – datado de 1894, dois anos após a concessão, refere a localização de uma mantearia na continuidade da Casa das Luzes [Planta 3 6] e, no seu seguimento, a existência de diversos quartos, alguns deles intitulados *quartos do Leão*. Esta referência ao termo *leão* leva a que se pondere a possibilidade de, por esta altura, a mantearia já se encontrar posicionada na sua localização de 1902 [Fig. 45] ou, pelo, menos, nas imediações. De acordo com este documento, existiam no interior da mantearia cinco mesas de pinho compridas, uma mesa pequena, uma outra forrada de zinco e um aparelho para limpar facas. Já em 1910, e de acordo com o arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra, encontravam-se na mantearia sete mesas de casquinha com seis pés cada e, por baixo, prateleiras; um armário de casquinha com duas meias portas; um segundo armário, também em casquinha e com duas meias portas, mas desta vez pintado de amarelo e uma máquina para limpar talheres.⁸⁵ Não se consegue ter a certeza absoluta, a partir da leitura e comparação destes dois documentos, que o espaço onde se implantava a mantearia referida fosse, efetivamente, o mesmo. Contudo, como também no arrolamento de 1910 são referidos no seguimento da mantearia os quartos do leão, deduz-se que tal coincidência espacial seja provável. É igualmente possível que, ao não ser elencada uma *arrecadação da louça* em nenhum dos dois manuscritos consultados, a mesma ainda não existisse com tais moldes em 1892 ou, mais provavelmente, tivesse sido lida por quem redigiu estes documentos como parte integrante da mantearia e, portanto, não considerada a título individual.

No fim da refeição, e aquando da necessidade de lavar os itens que atenderam à Mesa Real poderia ser mais prático fazê-lo – pelo menos em termos da distância a percorrer – nas imediações do espaço de consumo do que na cozinha. Isto parece ser verdade para o caso do Palácio Real da Vila de Sintra. Aquando de refeições quotidianas consumidas com recurso a louças, vidros e pratos guardadas na mantearia e/ou na arrecadação da louça do palácio – ou até mesmo na Sala de Santar da Rainha D. Maria Pia⁸⁶ – entende-se como muito mais prático efetuar a limpeza destes itens sem ter de os deslocar até à cozinha principal do paço⁸⁷. Se os mesmos fossem limpos na mantearia – onde se sabe ter até existido um aparelho para limpeza de talheres⁸⁸ –, facilitava-se muito a sua gestão. Também poderia acontecer que, aquando de ocasiões de exceção, serviços e demais objetos fossem trazidos de outros paços, nomeadamente do Palácio Real da Ajuda.

“Pouco tempo antes do almoço, e como era hábito na Corte portuguesa, a rainha fizera vir para o Paço da Vila um grande número de objetos para assegurar as funções sequenciais que aí teriam lugar. Para além do almoço das três Rainhas, ali deveria decorrer também o almoço oferecido ao Imperador da Alemanha. Assim, ao serviço Théodore Haviland (identificado como ‘Haviland Limoges’ e ‘A la Paix Paris’ nos inventários de época), que já se encontrava ali, juntam-se o serviço de mesa de Estado

⁸³ Este elevador de carga seria em casquinha pintada e teria como dimensões cerca de 145 centímetros de largura e 53 de profundidade. Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905.* Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., p. 53.

⁸⁴ *Relação da mobília, louças, panos e mais artigos pertencentes à Casa Real e existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, 1894. APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 34.

⁸⁵ *Arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, fl. 123 v. e fl. 124. ANTT, PT/TT/MF-DGFP/F/026/00001, Ministério das Finanças, Direção-Geral da Fazenda Pública 1840/1958, Repartição do Património, Relação dos bens pertencentes à extinta Casa Real Portuguesa, Arrolamento do Paço de Sintra.

⁸⁶ “Conhece-se uma fotografia de época que revela que as paredes do atual ‘Quarto D. Sebastião’ (Sala de Santar da Rainha D. Maria Pia) chegaram a estar parcialmente ocupadas por armários que guardariam alguns dos serviços de louça e vidro pertencentes a D. Maria Pia, talvez os destinados às refeições do quotidiano (...).” Montesinos, F. *Op. Cit.*, p. 100.

⁸⁷ Repare-se que apesar de existirem duas escadas que estabeleciam, com alguma rapidez e facilidade, ligação entre a mantearia e o piso nobre, achou-se por bem posicionar neste espaço de apoio um elevador, de forma a poder facilitar-se o transporte dos itens que iam à Mesa Real. Imagine-se, por conseguinte, a dificuldade que seria transportar louças, pratos e vidros – objetos frágeis e valiosos – até à cozinha para que estes fossem lá lavados e, findo este processo, retornados à outra ponta do palácio para serem novamente guardados.

⁸⁸ Tanto o manuscrito de 1894 como o arrolamento de 1910 mencionam a existência, no espaço da mantearia, de um aparelho para limpar talheres.



[Fig. 51] *Generalife Palacio, Granada, Espanha*, autoria presumível de Charles Clifford (1820-1863), c. 1860. © RCT, RCIN 2923357.

[Fig. 52] *Pátio do Leão do Palácio Real da Vila de Sintra*, Ernesto de Sousa (1921-1988), c. 1970. © AML, PT/AMLSB/ESO/000603.

Pillivuyt (‘Nº 4’), e o serviço de “Louça de Alcântara” (‘Nº 8’), em faiança fina, com as armas reais portuguesas sustentadas por uma serpe alada, certamente destinado às segundas e terceiras mesas do Paço de Sintra, abaixo da Mesa de Estado.”⁸⁹

Apesar de vindos de fora, não se encontra razão para que estes objetos não beneficiassem do mesmo cuidado no seu acondicionamento, deduzindo-se que pudessem ser igualmente arrumados na mantearia ou arrecadação da louça do paço até à sua utilização. Visto que seriam retornados à origem assim que a sua missão em Sintra estivesse cumprida, era de todo conveniente que o transporte para fora do complexo palaciano fosse o mais direto possível. Portanto, e após lavagem e limpeza, louças, vidros, pratos e toda a restante parafernália vinda de empréstimo, poderiam ser encaminhados para o exterior do edifício através da escadaria⁹⁰ que, partindo do Pátio do Leão, estabelece ligação com o Pátio da Entrada [Fig. 49].

A coincidência de funções no espaço da mantearia, isto é, a possibilidade de aqui ter operado também uma casa de lavagem, poderá estar sugerida no desenho de levantamento de 1902 de J. A. d’Abreu Victal (-) [Fig. 45]. Ao atentar-se na representação da câmara maior da mantearia repara-se na existência daquela que parece ser uma pia, potencialmente de pedra, posicionada num dos cantos da divisão. Não existem dúvidas de que esta era uma zona do palácio munida de canalizações de água, como bem aponta a *Planta das Minas e Encanamentos de Água do Almojarifado de Sintra*, copiada por J. A. d’Abreu Victal em 1901 [Fig. 2]. Não será descabido, consequentemente, ponderar-se a hipótese de esta ter sido uma divisão munida de uma pia com acesso a água, na qual pudessem ser lavados diversos itens após o seu uso na Mesa Real.



[Muitíssimo atento, António Duarte (-), Chefe da mesa de Estado, percorre a Sala das Pegas, sem tirar os olhos da mesa. Já todos os copos haviam sido colocados, cinco por cada conviva, e por toda a superfície haviam sido espalhadas jarras repletas de camélias e violetas⁹¹, que nos seus cativantes tons, dialogam sem pudor com a azulejaria mourisca desta divisão. Na Sala dos Cisnes, ali ao lado, a Rainha D. Maria Pia passa agora a pente fino a decoração, tirando de onde a onde qualquer vestígio de flor ou planta que tenha entretanto caído dos belíssimos arranjos. Desde as dez horas da manhã⁹² que não pára, atenta a todos os detalhes, sempre amável nos reparos que vai fazendo.]

A propósito da água – elemento que salpica transversalmente a arquitetura do paço através de tanques, fontes e esguichos [Fig. 51 e Fig. 52] – é inegável a beleza e delicadeza do seu apontamento no Pátio do Leão, que também poderia denominar-se pátio da mantearia. O lago, como lhe chama o Conde de Sabugosa, não tem bordas e a sua água é escoada para o Jardim da Preta [Planta 3 22] e para outros tanques sitos a uma cota inferior.⁹³ A presença deste lago enriquece profundamente o pátio, convidando a sentar num dos bancos forrados de azulejo, numa atitude de plena contemplação. Desconhece-se, todavia, se tal chamamento para o ócio conviria àqueles que exerciam funções no paço, em especial na mantearia e na arrecadação da louça. Ou se, numa atitude inversa, as águas límpidas daquele lago convidariam ao trabalho e a que nelas fossem mergulhadas – ainda que com todo o cuidado – as muitas porcelanas sujas de Sua Majestade.

⁸⁹ Correia, C. N. (2019). Lunching with flowers. Porcelanas nos almoços reais da Primavera de 1905, em Sintra. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905.* Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., pp. 121-122.

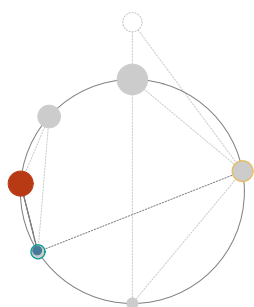
⁹⁰ De acordo com o Conde de Sabugosa, esta escadaria terá sido construída no século XVIII. Sabugosa, C. (1903). *O Paço de Sintra: apontamentos históricos e archeológicos do Conde de Sabugosa.* Imprensa Nacional, p. 176.

⁹¹ Burnay, M. J. (2019). Os melhores vidros para as grandes ocasiões: serviços da Rainha D. Maria Pia. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *Op. Cit.*, p. 253.

⁹² Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *Op. Cit.*, p. 44.

⁹³ Sabugosa, C. *Op. Cit.*, p. 175.

..... Percurso dos fornecedores
 Percurso dos funcionários
 Percurso dos comensais



[Fig. 53] Planta parcial do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra (c. 1905), desenho da autora, 2024. Escala 1/500.



3.4 UMA REFEIÇÃO ENTRE RAINHAS

3.4.5 Aqui também se come!



[24 de março de 1905, pela uma da tarde: na magnífica Sala dos Cisnes, com vista para a verdejante serra àquela hora resplandecente de frescura, a comitiva conversa animadamente enquanto diversos ‘valés-de-pied’ vão servindo os ‘hors-d’oeuvre’, como anotado no menu [Fig. 54]. A Rainha D. Maria Pia, feliz e encantada, vai circulando por entre os convivas, sempre amável e delicada, deliciada com a receção e com o jeito como a sua amada casa de Sintra ganha vida nestas ocasiões. As flores estão perfeitas, assim como o estão todos os panejamentos, as peças de mobiliário meticulosamente escolhidas e posicionadas, o odor perfumado que preenche a atmosfera de festa. Discretamente, dirige-se à Sala das Pegas para garantir que tudo está pronto para receber os, para si tão queridos, convidados.]

A longínqua história do Palácio Real da Vila de Sintra torna inevitável que aqui, mais do que em qualquer outro dos paços em estudo, tenham sido concretizadas no espaço diversas mutações associadas à lógica do consumo alimentar que marcaram a evolução da vida cortesã europeia. Se sobre a morfologia do paço árabe de Sintra pouco se sabe, desconhecendo-se, portanto, quais os possíveis meandros espaciais das refeições nesta época⁹⁴, o mesmo não se pode dizer aquando do reinado de D. João I (1357-1433). Nesta altura, em plena Idade Média, é reconhecido o uso multifacetado de espaços como o ‘hall’, modificando-se a sua vocação através da utilização de mobiliário.⁹⁵

“A nível histórico, durante a segunda metade do século XIV, vemos grandes mudanças ocorrerem sob a influência da corte cosmopolita dos duques de Borgonha, uma corte que soube amalgamar as influências flamengas, germânicas e italianas, e substituir os simples preceitos de cortesia e regras de etiqueta. (...)”

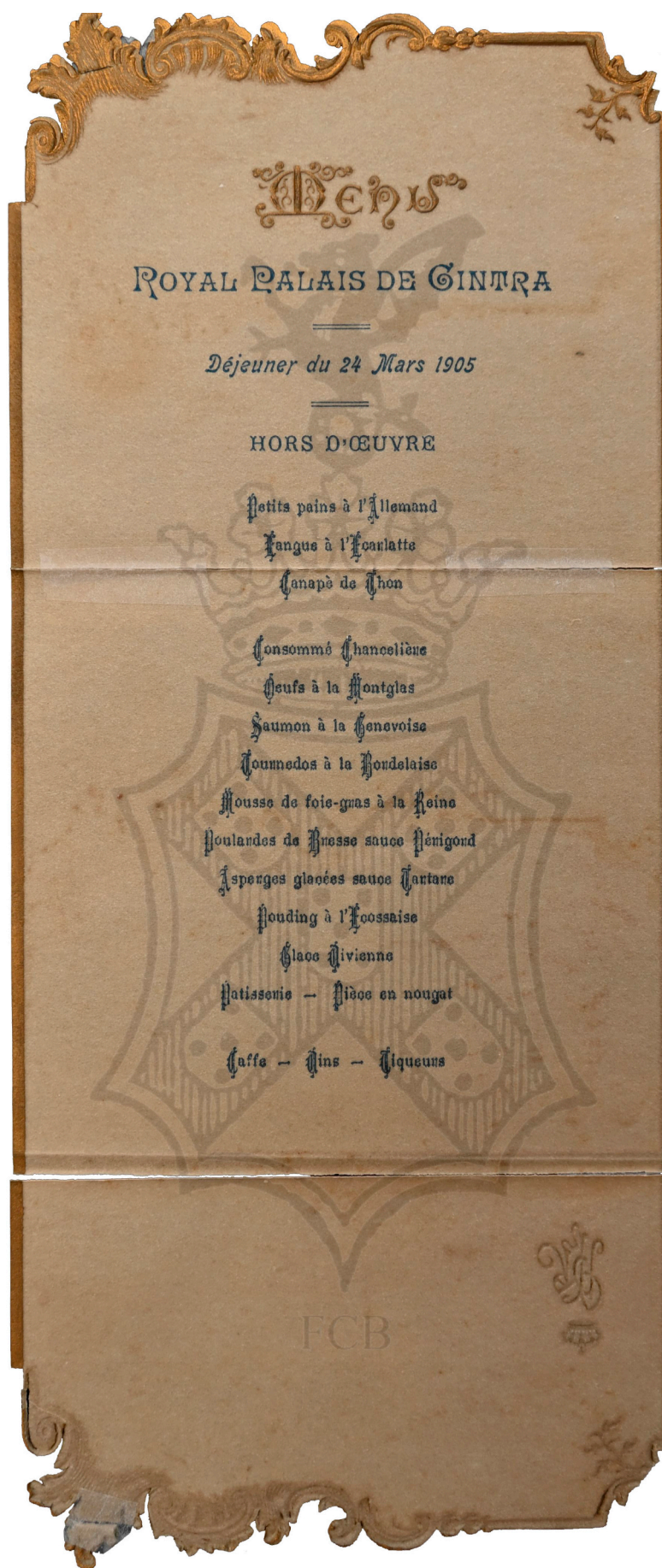
Nos castelos, nos dias de festa, a grande sala servia de sala de jantar; A mesa era ali colocada sobre estacas, ou cavaletes, em frente à lareira, para a qual os convidados ficavam de costas.”⁹⁶

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeitação
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

⁹⁴ Poderá deduzir-se, ainda assim, que o seu ritual alimentar incluiria, pelo menos para uma parte dos comensais, o sentar ao nível do solo. “Mesas e cadeiras constituem móveis próprios e praticamente exclusivos da civilização ocidental e chinesa, onde, todavia, persistiram dois modos diferentes de estar sentado: ao nível do chão, ou em cadeiras. Braudel chamou a atenção para o facto de coexistirem essas duas variantes no Ocidente, ligadas sobretudo a uma diferenciação de género, em que as mulheres se sentavam em almofadas sobre estrados. Sabemos actualmente que se trata de uma herança islâmica, tipicamente ibérica (...).” Sá, I. G. (2011). O rei à mesa entre o fim da Idade Média e o Maneirismo. In A. I. Buescu e D. Felismino (Coord.), *A mesa dos reis de Portugal*. S. I.: Círculo de Leitores, p. 201.

⁹⁵ Ennès, P.; Mabile, G. e Thiébaud, P. (1994). *Histoire de la Table. Les arts de la table des origines à nos jours*. Flammarion, p. 21. Tradução da autora.

⁹⁶ “Em 1565, já no principal paço lisboeta [da Ribeira], durante as celebrações do casamento da infanta D. Maria (...) sobrinha de D. João III, com Alexandre Farnese, o embaixador do príncipe foi recebido por D. Sebastião na principal sala do paço – a Sala Grande –, a mesma onde depois decorreu o banquete. No topo da sala foi colocada a cadeira real sob dossel (...).” Martinho, B. A. (2011). Pôr a mesa no Paço da Ribeira. Espacialidades e encenações da refeição no interior do palácio régio. In A. I. Buescu e D. Felismino (Coord.). *Op. Cit.*, p. 118.



[Fig. 54] Menu do almoço consumido no Palácio Real da Vila de Sintra a 24 de março de 1905. © AHFCB, NNG 3705/1.

Não existindo, na época retratada, câmaras unicamente dedicadas ao consumo da refeição, montava-se a mesa⁹⁷, ou mesas, em espaços diversos, consoante a ocasião. Aquando de um banquete ou festim seria utilizada uma das grandes salas do paço, reservada para momentos solenes. Mas tal flexibilidade no espaço da refeição permitiria, de igual modo, o consumo alimentar intimista, não sendo raras as vezes em que o monarca optaria por comer na sua câmara pessoal.

Atentando-se no Palácio Real da Vila de Sintra sob este prisma, compreende-se a importância que câmaras como a Sala dos Cisnes⁹⁸ [Planta 2 7] [Fig. 57] e a Sala das Pegas [Planta 2 10] [Fig. 55 e Fig. 56] – ambas integrantes da campanha de obras joanina – terão tido na época medieval, e antevê-se a justificação para que, séculos mais tarde, ainda fossem consideradas propícias a albergar o momento da refeição.

*“Já no século XV, notáveis do reino e embaixadores estrangeiros eram recebidos no Paço de Sintra para audiências régias, concretamente na ‘câmara das Pegas’, dependência onde, de acordo com os costumes medievais, também podiam ser servidas, em privado, as refeições diárias do Rei. Esta função específica, associada ao consumo de refeições numa divisão fixa do Palácio, iria alcançar uma progressiva afirmação no decorrer do século XIX, com mobiliário próprio adequado à função e encomendado para o efeito, espelhando a adoção de um novo modo de servir à mesa.”*⁹⁹

A adoção da Sala das Pegas como espaço de consumo de eleição, isto no século XIX, é revelada por relatos como aquele do Príncipe Felix von Lichnowsky (1814-1848), que visitou Portugal no ano de 1842 e, a convite da Rainha D. Maria II e do Rei D. Fernando II, jantou no paço da vila. De acordo com as suas memórias, na Sala dos Cisnes reuniam-se os convidados e a corte, servindo de casa de jantar, à época, a Sala das Pegas.¹⁰⁰ A mesma parece ter mantido esta vocação de espaço de consumo durante o reinado de D. Luís, já que no ano de 1885 aqui foi celebrado um jantar solene em honra dos exploradores de África¹⁰¹:

“Corria o ano de 1885. A Europa tinha já os olhos postos na África, e a atenção geral, curiosa, interessada, e inquieta vigiava a nossa atividade, que tendo sido de descobrimento e conquista nos séculos XV e XVI, se estava mostrando de exploração científica nos tempos modernos. (...)

O país moveu-se. Lisboa recebeu-os entre festejos e aclamações no dia 16 de setembro de 1885, uma quarta-feira. El-Rei D. Luiz foi pessoalmente ao arsenal recebê-los [aos exploradores]. (...)

Em seguida mandou-os convidar para um jantar na segunda-feira, em Cintra, jantar que se realizou na Sala das Pegas do Palácio. (...)

*O quadro é sugestivo e o momento solene, em que naquela sala, obra de D. João I, que por Ceuta entrou em África, o Rei de Portugal e a sua Corte festejam os dois heróis que acabam de atravessar esse misterioso continente, onde ficara posto por eles mais um padrão da glória portuguesa.”*¹⁰²

A morte do Rei D. Luís em 1889 alterou a dinâmica de apropriação dos espaços do Palácio Real da Vila de Sintra por parte da rainha viúva, D. Maria Pia. Se à Sala das Pegas esteve reservada, até então, a função de sala de jantar para a mesa de Estado, a partir desta data tal uso parece ter-se alternado com o de sala de estar de cariz familiar e intimista.¹⁰³ Datada de 1894, uma relação da *Mobiliária, louça, panos e mais artigos pertencentes à Casa Real existentes neste Real Paço* informa que na Sala das Pegas existiam um armário de carvalho com portas de vidro e três colunas, um relógio grande de sala, um grupo de duas figuras de alabastro, seis placas douradas

⁹⁷ “O local onde era posta a mesa para a refeição quotidiana, fosse ela pública ou íntima, estava (...) sujeito a várias ordens de razões, entre as quais os princípios estruturais da organização interna do palácio régio.” Martinho, B. A. (2011). *Pôr a mesa no Paço da Ribeira. Espacialidades e encenações da refeição no interior do palácio régio*. In A. I. Buescu e D. Felismino (Coord.), *A mesa dos reis de Portugal*. S. I.: Círculo de Leitores, p. 119.

⁹⁸ “Na dita Sala grande (...)’ atualmente designada Sala dos Cisnes, (...) chamada por D. Duarte apenas de ‘sala grande’ porque era, sem dúvida, a maior de todas as do paço de Sintra, dando bem ideia (...) da novidade do projecto desenvolvido por D. João I. Por outro lado, importa insistir no facto de ela se estruturar de forma totalmente autónoma, ficando isolada de todas as outras dependências (...)”. Silva, J. C. da. (2002). *Paços Medievais Portugueses*. IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, p. 209.

⁹⁹ Montesinos, F. (2019). *O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila*. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905*. Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., p. 52.

¹⁰⁰ “Quando voltámos da Pena, estava já a meza posta para jantar no palácio de Cintra. As pessoas convidadas, e a corte reunem-se em uma sala comprida, em cujo teto estão pintados em molduras separadas 27 cysnes coroados (...). Serve de casa de jantar a conhecida, e muitas vezes descripta ‘salla das pegas’. O tecto, e os frisos das paredes estão cheios de pegas pintadas, que tem no bico um bilhete em que se leem as palavras ‘Por bem’ (...).” Lichnowsky, F. (1845). *Portugal. Recordações do anno de 1842*. Imprensa Nacional, p. 127.

¹⁰¹ “(...) oficiais do exército e heroicos exploradores de África que haviam ligado por terra as costas de Angola e Moçambique: o vice-Almirante Hermenegildo Capelo, futuro ajudante de campo dos reis D. Luís e D. Carlos, e o capitão de fragata Roberto Ivens, futuro oficial às ordens e ajudante de campo de D. Carlos.” Montesinos, F. *Op. Cit.*, p. 53.

¹⁰² Sabugosa, C. (1903). *O Paço de Sintra: apontamentos históricos e archeológicos do Conde de Sabugosa*. Imprensa Nacional, p. 145. Grafia atualizada.

¹⁰³ Montesinos, F. *Op. Cit.*, p. 53.



[Fig. 55] *Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra*, aguarela de Enrique Casanova (1850-1913), 1889-1895. © MN, Inv. 55450/16.

com pingentes de cristal para velas, quatro quadros a óleo, um tapete grande e um reposteiro.¹⁰⁴ Coexistiam com estes objetos diversas outras peças de mobiliário e decoração, desta vez pertença pessoal da Rainha D. Maria Pia, como atesta um outro documento datado do mesmo ano de 1894, mas intitulado *Mobiliá, louça e mais artigos pertencentes a Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia*¹⁰⁵. Segundo este, e para além do referido, preenchiem a Sala das Pegas, entre outros itens, três aparadores e doze cadeiras de carvalho, um divã, uma poltrona, um biombo em estilo chinês, uma mesa elástica de centro, redonda e também de carvalho, uma estante de ferro bronzeado, onze cadeiras douradas com assento de palha, assim como diversos bancos e assentos. Também a descrição do existente na Sala das Pegas, integrante do arrolamento do Palácio Real da Vila de Sintra elaborado em 1910¹⁰⁶, auxilia na construção da imagem do interior desta sala destacando-se “uma mesa grande¹⁰⁷ em noqueira italiana, apoiada em quatro pés com figuras, estilo renascença (...)”, para além das referências a um armário de pau-santo, a quatro colunas de carvalho, a um biombo de seis corpos e outro de quatro, diversas molduras, um aparador, uma estante, um bufete, um contador e diversas poltronas e assentos, entre outros itens.



[Não havia tempo a perder. Já praticamente a meio do serviço do almoço, naquela que estava a ser uma refeição bem ritmada e cronometrada, eis que entram pela Sala das Pegas adentro as maravilhosas galinhas de Bresse, a nadar num decadente molho de tonalidade castanha escura¹⁰⁸. Pelas mãos dos diversos ‘valets-de-pied’, as aves já devidamente trinchadas são rápida e eficazmente distribuídas pelos comensais, agora com as narinas divididas: ou se concentram no aroma floral que emana da mesa, ou na fonte daquele odor a assado com pele estaladiça que se lhes está a ser colocado sobre o prato acabado de trocar. Nem se fale do molho! Ali perto, na Sala das Sereias e na Casa de Trinchar, reina o maior silêncio, apesar de ninguém estar parado. Os talheres besuntados já havia sido encaminhados para a mantearia e as louças e travessas retornadas à cozinha.]

Em março de 1905, mês profícuo em visitas de estado a Portugal, serviu a Sala das Pegas como espaço principal na receção oferecida à Rainha Alexandra de Inglaterra no Palácio Real da Vila de Sintra. Após a chegada ao palácio, e um momento de animada conversa na Sala dos Cisnes – que poderá ter envolvido alguma comida –, imagina-se que os comensais tenham sido encaminhados para a Sala das Pegas, espaço de consumo onde havia sido disposta a mesa de Estado para quarenta talheres [Fig. 58]. Na câmara contígua, utilizada pela Rainha D. Maria Pia como sala de jantar particular, e atualmente conhecida como Quarto de D. Sebastião, foi posta uma segunda mesa para nove comensais, perfazendo-se um total de quarenta e nove participantes nesta refeição.

“Tendo em consideração a dimensão da Sala das Pegas, o elevado número de convidados e os tempos do almoço (pouco mais de uma hora), é admissível pensar que o serviço dos ‘hors d’oeuvres’ e até do ‘consommé’ tenham tido lugar na Sala dos Cisnes, numa tentativa de simplificar a própria logística do almoço. As normas de etiqueta da época permitiam-no e os ricos serviços de porcelana disponíveis no Paço da Vila – nomeadamente o serviço Haviland Limoges ‘Florinhas’ para 60 pessoas – tinham peças suficientes e próprias para necessidades específicas. Por exemplo, os ‘pratos com tres divisões’ (...), fáceis de manusear para quem oferecia os aperitivos, e as ‘tigellas d’almoço’

¹⁰⁴ *Relação da mobília, louças, panos e mais artigos pertencentes à Casa Real e existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, 1894. APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 34.

¹⁰⁵ *Relação da mobília, louça e mais artigos pertencentes a à Rainha D. Maria Pia: Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, 1894. APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 28.

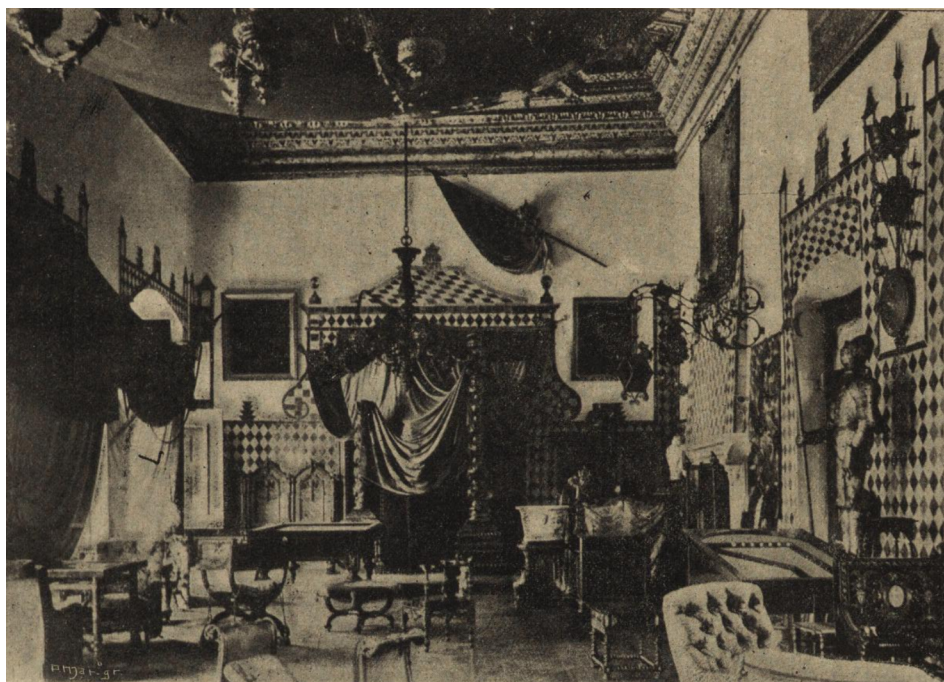
¹⁰⁶ *Arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, fl. 33 a fl. 37 v.. ANTT, PT/TT/MF-DGFP/F/026/00001, Ministério das Finanças, Direção-Geral da Fazenda Pública 1840/1958, Repartição do Património, Relação dos bens pertencentes à extinta Casa Real Portuguesa, Arrolamento do Paço de Sintra.

¹⁰⁷ Em 1888, a Rainha D. Maria Pia encomendou, à Maison Kriger A. Damon & Cie., mobília para a ‘Salle à Manger Particulière de Sa Majesté le Roi’ – a Sala das Pegas. De entre as peças que foram entregues no Palácio Real da Vila de Sintra em maio de 1889 destaca-se uma mesa com quatro extensões, com pés de noqueira entalhada. Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905*. Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., p. 87.

¹⁰⁸ De acordo com o menu do jantar de 24 de março de 1905 [Fig. 54] (AHFCB, NNG 3705/1), foram servidas ‘Poulardes de Bresse sauce Périgord’.

¹⁰⁹ (página 52) Montesinos, F. *Op. Cit.*, pp. 66-67.

¹¹⁰ (página 52) Na década de 1950 terão sido adquiridas cem cadeiras de braços, através da Comissão para a Aquisição de Mobiliário, para a mesa de banquetes existente na Sala dos Cisnes. Esta informação revela que após a Implantação da República e a incorporação deste imóvel no Património do Estado, esta sala terá sido apropriada como espaço de consumo. Informação acedida em: «http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6135», consultado a 12/02/2024.



[Fig. 56] Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, anterior a 1898. © AHFCB, UI 0072.

[Fig. 57] Sala dos Cisnes do Palácio Real da Vila de Sintra, autor desconhecido, anterior a 1905. Imagem obtida em Juromenha, J. A. L. e Cunha, A. A. R. (1905). *Cintra Pinturesca ou Memoria descriptiva das villas de Cintra e Collares e seus arredores*. Empreza da historia de Portugal, p. 169.

*e 'pires das ditas' (...), suficientemente grandes para o 'consommé', eventualmente servido antes de se entrar na sala da mesa de Estado, beneficiando os criados de travessas de diferentes formas e tamanhos para o serviço.*¹⁰⁹

Através das informações recolhidas conclui-se assim que, possivelmente, terão sido utilizadas aquando deste almoço de 24 de março, três salas do paço da vila: a Sala dos Cisnes, a Sala das Pegas e a sala de jantar da Rainha D. Maria Pia. Se às duas últimas estava já associada uma vocação como espaço de consumo, à primeira parece ter sido reservado tal fim apenas em momentos de exceção, quando o número de participantes na refeição e as condições nas quais a mesma se deveria desenrolar o justificavam¹¹⁰.

Atentando na sala de jantar da Rainha D. Maria Pia [Fig. 59], outrora terceira sala do paço de D. João I (1357-1433) e de D. Filipa de Lencastre (1360-1415), verifica-se que à mesma têm sido atribuídas nomenclaturas distintas, reflexo das suas diferentes utilizações ao longo dos séculos. Na obra do Conde de Sabugosa (1851-1923) sobre o paço de Sintra, editada em 1903, esta casa surge nomeada como Sala dos Leões ou sala de jantar¹¹¹, concordante com a lógica de utilização do paço no período em que foi redigida. Já na obra de Raul Lino (1879-1974) *Os Paços Reais da Vila de Sintra*, publicada inicialmente em 1948, este espaço é, por sua vez, denominado por Câmara do Ouro ou Câmara de D. Sebastião, em possível alusão ao seu revestimento nos séculos XV e XVI¹¹² e ao facto de aqui ter dormido o jovem monarca¹¹³ aquando das suas visitas a Sintra¹¹⁴. As opções aplicadas atualmente ao Palácio Real da Vila de Sintra no que respeita a sua musealização levaram a que esta última denominação se mantivesse, sendo o espaço da antiga sala de jantar atualmente conhecido por Quarto de D. Sebastião¹¹⁵. O seu aspeto interior nos dias de hoje, em termos do tipo de mobiliário e da sua disposição, em nada se assemelha – claro está – àquele moldado pelos gostos de D. Maria Pia, sendo parcas as representações visuais ilustrativas dos tempos em que ali funcionou uma sala de jantar.

A única imagem que se conhece, que toma a forma de um postal da década de 1910, revela que o espaço se encontrava preenchido com uma mesa – ao que tudo indica elástica –, e um biombo, estando a sua parede norte preenchida com um armário para arrumação. De acordo com a relação de mobília, panos, louça e outros artigos pertencentes à Rainha D. Maria Pia elaborada em 1894, mas desta feita relativa à sala de jantar, constata-se que na mesma existiam, por esta altura, uma mesa elástica de madeira de carvalho com pés entalhados de fantasia, um aparador do mesmo material com três prateleiras montadas em quatro pés encruzados, um biombo forrado de couro lavrado, também em madeira de carvalho com pregos amarelos dividido em quatro partes, doze cadeiras de carvalho com costas baixas forradas de couro lavrado com dragões e pregos amarelos e um tapete grande de riço que servia de alcatifa.¹¹⁶ Uma vez mais, também o arrolamento de 1910 dá a conhecer os itens que preenchiam esta sala no final da monarquia, identificando-se algumas correspondências com o existente em 1894. Segundo este documento, a sala de jantar estava guarnecida, entre outros bens, com uma mesa de jantar elástica em nogueira com cabeceiras arredondadas, dois aparadores também em nogueira, dois trinchantes no mesmo material com tampo de mármore, uma mesa elástica pequena em carvalho, uma estante, um biombo de quatro corpos, três reposteiros e diversas cadeiras.¹¹⁷

Na contiguidade da sala de jantar, e focando agora os espaços de serviço que se articulavam com esta e com a Sala das Pegas (e até com a Sala dos Cisnes), existem duas divisões de relevo: uma primeira, localizada a norte; e uma segunda, de mais reduzidas dimensões, posicionada a este. Na maior funcionaria, isto de acordo com o levantamento de J. A. d'Abreu Victal (-) de 1902, a Casa de Trinchar [Fig. 46] [Planta 2 13], espaço que se entende comportar uma vocação semelhante à de uma copa. No século XV, todavia, esta câmara estaria dividida em

¹¹¹ Sabugosa, C. (1903). *O Paço de Sintra: apontamentos históricos e archeológicos do Conde de Sabugosa*. Imprensa Nacional, p. 124.

¹¹² “O nome ‘câmara do ouro’ poderá estar relacionado com a decoração do tecto ou, provavelmente, com o revestimento parietal de azulejos com reflexos dourados. Poderia ainda estar relacionado com a sua função de depósito do tesouro que devia fazer parte dos bens da casa do rei (...)” Silva, J. C. da. (2002). *Paços Medievais Portugueses*. IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, p. 210.

¹¹³ O relato das dormidas do Rei D. Sebastião (1554-1578) nesta sala recai sobre a figura do Padre Amador Rebelo (1532-1622), que havia ensinado o monarca a ler. Lino, R. (2014). *Quatro Palavras sobre os Paços Reais da Vila de Sintra*. D. L... (1.ª ed. de 1948), p. 98.

¹¹⁴ Também D. João I (1357-1433) havia utilizado esta câmara como quarto de leito, alternando a sua função com a de sala de receção. Informação acedida em: «<https://www.parquesdesintra.pt/pt/parques-monumentos/palacio-nacional-sintra/recantos/camara-ouro/>», consultado a 12/02/2024.

¹¹⁵ Não se deve confundir a nomenclatura apresentada por Raul Lino (1879-1974) e adotada atualmente para a antiga casa de jantar particular da Rainha D. Maria Pia (Quarto de D. Sebastião [Planta 2 11]) com aquela da divisão no seguimento da Sala dos Cisnes anotada no levantamento desenhado de J. A. d'Abreu Victal em 1902 [Fig. 46], *Sala de D. Sebastião* [Planta 2 8]. Esta última parece ter sido implantada no pátio hoje conhecido como da audiência, na altura reduzido a um pequeno saguão [Planta 2 9]. A sua demolição, possivelmente aquando da campanha de obras encabeçada por Raul Lino e levada a cabo entre os anos de 1930 e 1940, permitiu a ampliação deste pátio.

¹¹⁶ *Relação da mobília, louças, panos e mais artigos pertencentes à Rainha D. Maria Pia: sala de jantar do Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, 1894. APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 20.

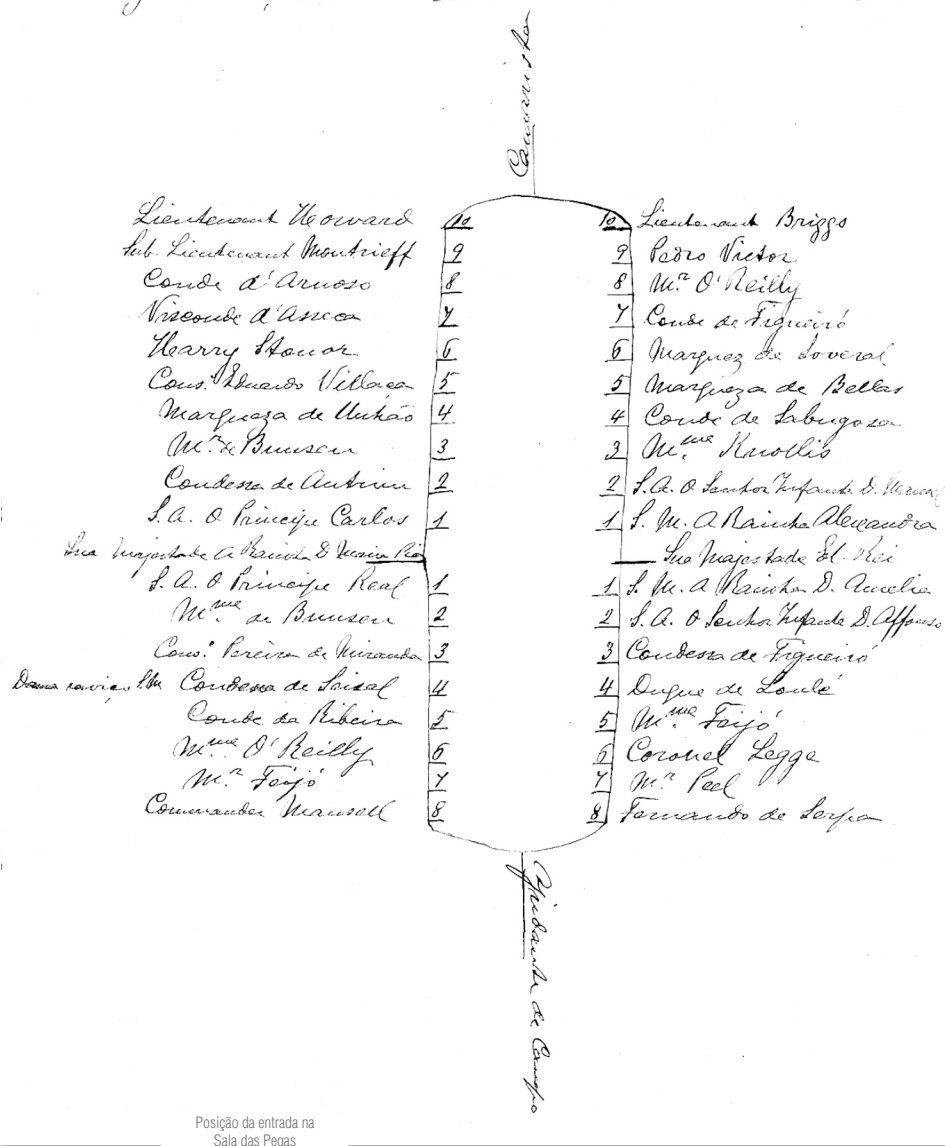
¹¹⁷ *Arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, fl. 37 v. a fl. 39 v.. ANTT, PT/TT/MF-DGFP/F/026/00001, Ministério das Finanças, Direção-Geral da Fazenda Pública 1840/1958, Repartição do Património, Relação dos bens pertencentes à extinta Casa Real Portuguesa, Arrolamento do Paço de Sintra.



24. 3º 905

9.2.1.1998

1.ª Mesa. Almoço em Sintra em honra de S. M. a Rainha Alexandra



[Fig. 58] Planta da mesa de Estado disposta na Sala das Pegas do Palácio Real da Vila de Sintra aquando do almoço oferecido à Rainha Alexandra de Inglaterra a 24 de março de 1905. Imagem obtida em Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905. Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., p. 60. Original patente em BA, 9.1.1., caixa 2, doc. 79c (consulta do original não permitida à data desta investigação).

três compartimentos que apoiariam o guarda-roupa – referido no seguimento –, tendo tais divisórias sido anuladas no século XVIII e passado este espaço a designar-se Camarim.¹¹⁸ Junto à Casa de Trinchar, acessível a partir da casa de jantar da Rainha D. Maria Pia, situa-se um outro espaço de serviço desta rede alimentar. Este, transversalmente conhecido por Sala das Sereias ou Guarda-Roupa [Planta 2 12], deve a sua nomenclatura à decoração do seu teto e ao facto de aqui terem sido guardados, outrora, os bens de aparato de D. João I e de D. Filipa de Lencastre.

Nas relações de mobília, louça, panos e mais objetos consultadas, elaboradas em 1894 e que se vêm convocando, não é feita menção a nenhum destes espaços de serviço, tendo-se de recorrer ao arrolamento de 1910 de forma a construir uma ideia sobre a apropriação destas salas. Ainda assim, neste, é apenas mencionada a Sala das Sereias, desconhecendo-se a razão pela qual não foi arrolado o conteúdo da Casa de Trinchar. Segundo o arrolamento, existiam na Sala das Sereias um pequeno trinchante em madeira de carvalho, com tampo também em madeira; um aparador em vinhático com três portas, três prateleiras e três gavetas; dois trinchantes em madeira de vinhático polida com duas prateleiras e duas gavetas; uma mesa elástica oval em carvalho; uma mesa de jogo em vinhático; mais dois trinchantes em madeira de vinhático, distintos dos anteriores; uma mesa simples e um armário grande, ambos de casquinha; um segundo, já velho, adaptado a estufa e destinado a aquecer comida, e onze cadeiras de cerejeira.¹¹⁹ Para além destes elementos existia um outro cuja índole justifica um atentar especial: “*um elevador de casquinha, pintado, fixo à parede com duas portas, duas roldanas, corda e duas cabines para comida*”¹²⁰. Duvida-se, todavia, que a sua função fosse esta descrita.

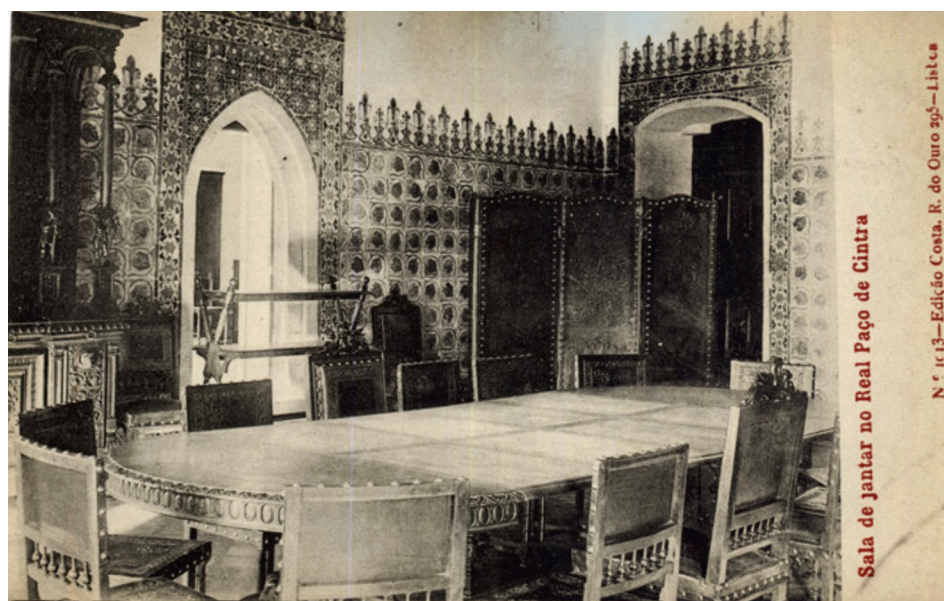
A articulação entre a cozinha principal do paço e os habituais espaços de consumo – sala de jantar da Rainha D. Maria Pia e Sala das Pegas – era, claro está, mediada pelos dois espaços de serviço entretanto mencionados: a Casa de Trinchar e a Sala das Sereias. Para chegarem aqui, os alimentos e outros bens provenientes da cozinha saíam desta e, através de um percurso interior que implicava percorrer um pequeno corredor e a subida e descida de alguns lanços de escada, alcançariam o Pátio do Esguicho [Planta 2 19]. Este seria, por sua vez, atravessado – algo que poderia ser feito em cerca de trinta segundos – ingressando-se novamente no interior do palácio através de uma porta existente no extremo noroeste do pátio. De imediato acedia-se a uma escada em caracol que permitia ascender à Sala das Sereias no piso superior, e a partir desta à Casa de Trinchar e aos espaços de consumo referidos.

A existência de um pequeno elevador do género passa-pratos na Sala das Sereias implica que o mesmo apenas pudesse descender, visto não existir piso algum sobre esta sala. Ao fazê-lo, o elevador entraria numa sala de pé direito mais elevado [Planta 3 7], acessível somente através da descida de um lanço de escadas que parte do piso onde se implantam a mantearia e a arrecadação da louça – abaixo do piso nobre. Assim, e para neste ser transportada comida, era necessário que a mesma, ao entrar no palácio após o atravessamento do Pátio do Esguicho, fosse direcionada para o percurso da esquerda e que aqueles que a transportavam descessem o lanço de escadas referido de forma a alcançar o elevador. Ao invés da subida da escada em caracol numa distância correspondente à altura de um piso, a comida faria o percurso inverso, descendo, para depois, no elevador, subir dois pisos até à Sala das Sereias. Não se reconhecem, assim, grandes vantagens na utilização deste passa-pratos para o transporte de alimentos, ficando-se com a ideia de que a sua utilização para este fim traria mais dificuldades do que vantagens. Imagina-se, contudo, que em momentos esporádicos, e se por alguma razão a geometria da escadaria em caracol não se coadunasse com a volumetria, dimensão ou peso dos itens a transportar pudesse, efetivamente, ser feito uso do elevador. Questiona-se, ainda assim, se nestas situações o mesmo, pelas suas reduzidas dimensões, estaria apto a tal tarefa. A hipótese que se entende ser mais verosímil é aquela de que este elevador terá servido a casa das luzes, no

¹¹⁸ Até recentemente, a atitude museológica aplicada ao paço levou a que a tal câmara fosse atribuída a denominação de Sala de César – tal como acontece em *Os Paços Reais da Vila de Sintra* de Raul Lino (1879-1974) –, por conta de ter como elemento principal uma tapeçaria quinhentista alusiva à vida de Júlio César. Uma renovação da museografia fez com que, em 2021, esta sala retomassem a sua nomenclatura passada, voltando a ser designada por Camarim.

¹¹⁹ *Arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, fl. 39 v. a fl. 41. ANTT, PT/TT/MF-DGFP/F/026/00001, Ministério das Finanças, Direção-Geral da Fazenda Pública 1840/1958, Repartição do Património, Relação dos bens pertencentes à extinta Casa Real Portuguesa, Arrolamento do Paço de Sintra.

¹²⁰ *Arrolamento dos bens existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, fl. 41. ANTT, PT/TT/MF-DGFP/F/026/00001, Ministério das Finanças, Direção-Geral da Fazenda Pública 1840/1958, Repartição do Património, Relação dos bens pertencentes à extinta Casa Real Portuguesa, Arrolamento do Paço de Sintra.



[Fig. 59] *Sala de jantar da Rainha D. Maria Pia no Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, c. 1910. Postal ilustrado número 1013, Edição Costa, Rua do Ouro, 295, Lisboa. Coleção particular. Imagem obtida em Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905*. Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., p. 56.

[Fig. 60] Levantamento desenhado de J. M. dos Santos Simões de exemplos de azulejaria relevada com motivo de parras presentes no Palácio Real da Vila de Sintra. Imagem obtida em Simões, J. M. S. (1969). *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI: introdução geral*. Fundação Calouste Gulbenkian, p. 45.

Na sala de jantar da Rainha D. Maria Pia, a rotação dos próprios azulejos e, por consequência, do motivo em relevo, transparece dinamismo e movimento, traduzindo a sensação de se estar envolvido por uma latada num dia de brisa.

piso inferior, e a arrecadação da louça [Planta 3 4], no piso abaixo do nobre, auxiliando o transporte entre estes dois pisos e o andar nobre (Sala das Sereias) de candeeiros, velas, luminárias e outros itens afetos à iluminação das salas do paço, assim como das louças para a refeição. Simultaneamente, a utilização do elevador existente ao fundo da principal câmara da mantearia permitiria a agilização do transporte de bens entre este espaço de apoio – e quiçá, também, a arrecadação da louça – e a Casa de Trinchar, evitando-se a utilização da escada em caracol que se vem mencionando.

Conclui-se, portanto, que dado o seu posicionamento e acessos, a Sala das Sereias funcionaria como uma rótula de distribuição dos itens advindos da cozinha e, possivelmente, da arrecadação da louça e da casa das luzes, sendo coadjuvada pela Casa de Trinchar. Esta articulação entre os principais espaços de apoio, serviço e consumo, e, ainda que a uma maior distância, o de confeção principal, apresenta-se deveras bem conseguida no Palácio Real da Vila de Sintra, especialmente tratando-se de um edifício continuamente apropriado de formas distintas, não tendo existido na sua génese e processo evolutivo um pensamento inerente que contribuisse para o eficaz funcionamento da sua rede alimentar na viragem do século XIX para o século XX.

Por esta altura, e de acordo com o levantamento de J. A. d'Abreu Victal em conjugação com o disposto no arrolamento de 1910, sabe-se terem existido diversas outras salas do paço apropriadas como espaços de consumo secundário. Um destes é a casa de jantar da família [Planta 1 10], compartimento ao qual se acedia, a partir da cozinha, ascendendo a escadaria em caracol posicionada, desta vez, no extremo nordeste do Pátio do Esguicho. Apesar de nos desenhos de levantamento referidos não serem anotadas outras salas de jantar, o arrolamento de 1910 mostra ter existido ainda neste palácio outro espaço desta índole, a casa de jantar dos oficiais da guarda, embora, estranhamente, não seja mencionado neste documento a casa de jantar da família, assim nomeada no levantamento de 1902.

Para contactar com uma versão da apropriação deste edifício originadora de uma rede alimentar munida de maior quantidade de espaços de consumo secundários há que recuar ao ano de 1894 e recorrer, uma vez mais, à *Relação da mobília, louça, panos e mais artigos pertencentes à Casa Real existentes neste Real Paço*. De acordo com esta, e para além da Sala das Pegas e da sala de jantar da Rainha D. Maria Pia, existiam uma casa de jantar da família¹²¹ – quiçá distinta da anterior – e uma casa de jantar dos particulares¹²², não sendo possível, através deste documento, situar as mesmas no espaço com precisão.



[Na mesa restam somente migalhas, reminiscências de pastelarias finas e bocadinhos perdidos de ‘nougat’ abandonados pelos já satisfeitos comensais.¹²³ Os pratinhos sujos, tão delicados que até dá pena vê-los engordurados, começam a ser levantados para a Sala das Sereias e, depois, para a cozinha, atravessando-se com toda a rapidez – e elegância! – o Pátio do Esguicho. Tomara não se parta nada no trajeto... A toalha é varrida, os cristais são retirados com a maior veemência, as pratas recolhidas. Os convidados, esses, alheios às mundanices do serviço, vão saindo para a Sala dos Cisnes, onde os espera o último momento do almoço, ou o início da digestão. Jovialmente, ao som da banda instalada no pátio que entretanto recomeçou a tocar, comenta-se o magnífico discurso proferido há momentos por D. Carlos.¹²⁴ A Rainha D. Maria Pia não podia estar mais deliciada. Que momento maravilhoso!]

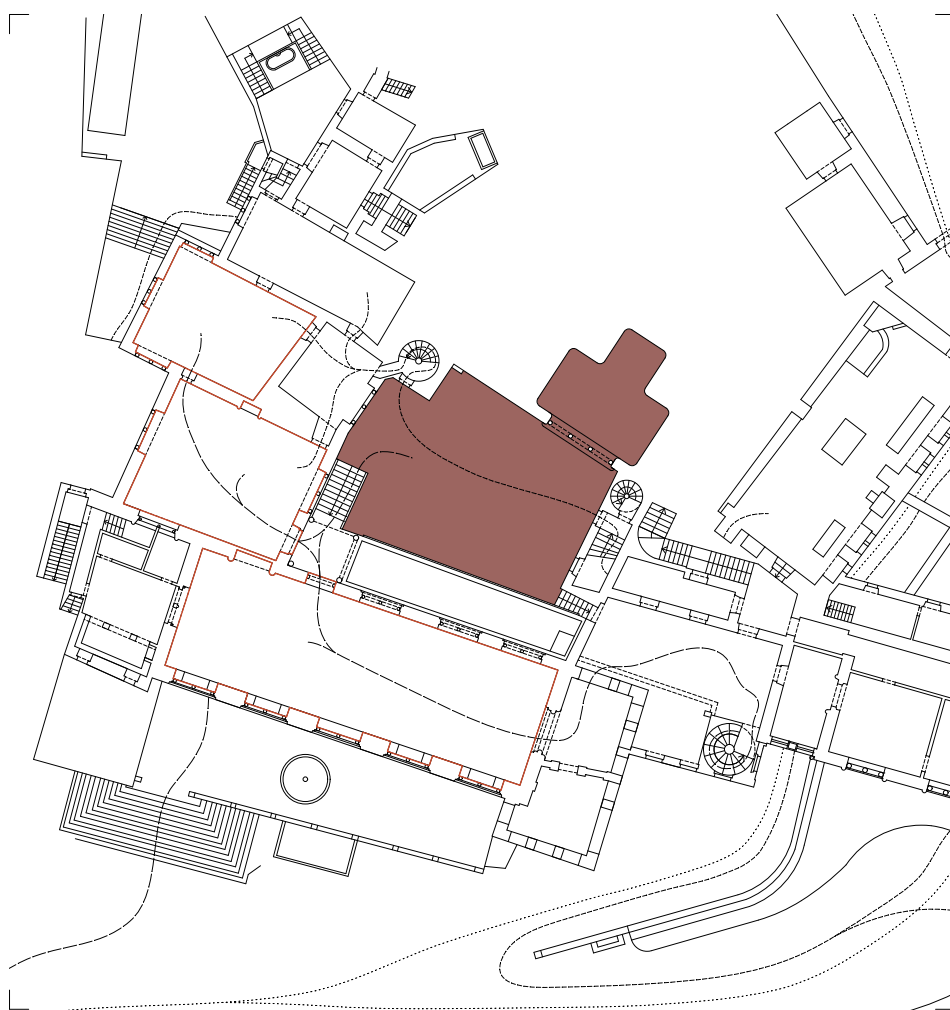
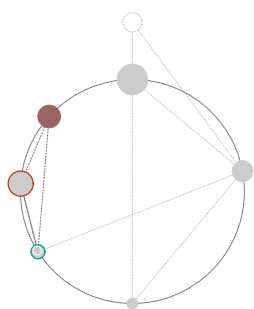
¹²¹ *Relação da mobília, louças, panos e mais artigos pertencentes à Casa Real e existentes no Palácio Real da Vila de Sintra*, autor desconhecido, 1894. APNA 9.5.1 caixa 1, doc. 34.

¹²² *Idem, Ibidem*.

¹²³ De acordo com o menu do jantar de 24 de março de 1905 [Fig. 54] (AHFCB, NNG 3705/1), foram servidos ‘Pouding à l’Écossaise’, ‘Glace Vivienne’, ‘Pâtisserie’ e ‘Pièce en nougat’.

¹²⁴ “Sinto-me muito feliz por poder n’este momento agradecer a Vossa Magestade, em nome de minha Mãe, o grande prazer que ella teve, e para mim honra, de aqui ter vindo; e aproveito esta ocasião para expressar a Vossa Magestade todo o nosso reconhecimento pela visita que nos fez. Vossa Magestade deve ter adquirido a convicção do muito que por todos nós é amada. Pelos vossos encantos, pelas vossas qualidades e pela vossa graça, soubestes conquistar todos os corações, e deveis ter apreciado também o muito que o vosso Rei soube captivar os portugueses; e mais do que as minhas palavras, todos estes sentimentos os deveis ter reconhecido nas manifestações com que tão jubilosamente tendes sido aclamada. E é por isso que, com entusiasmo, bebo à saúde de Vossa Magestade.” Discurso proferido por D. Carlos transcrito em Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905*. Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., p. 68.

..... Percurso dos fornecedores
 Percurso dos funcionários
 Percurso dos comensais



[Fig. 61] Planta parcial do piso nobre do Palácio Real da Vila de Sintra (c. 1905), desenho da autora, 2024. Escala 1/500.



3.4 UMA REFEIÇÃO ENTRE RAINHAS

3.4.6 Pelo pátio, pelo tanque. Ou por toda a Sintra



[24 de março de 1905, pelas duas e um quarto da tarde. Do Pátio do Esguicho retira-se a banda do Corpo de Marinheiros e de Caçadores ¹²⁵. Pouco depois começa a sair da Sala dos Cisnes, em direção ao mesmo pátio, a comitiva régia presidida pelas três rainhas. Não se pode dizer que está um dia mau. Não há sol, mas, ainda assim, a temperatura deste dia de março é agradável, principalmente tendo em conta de que se trata de Sintra. No pátio, esperam os comensais os fotógrafos Joshua Benoliel, António Novais e Salgado ¹²⁶, com o entusiasmo latente de quem sabe que vai registar algo especial, porventura único.]

- Espaços de abastecimento
- Espaços de confeção
- Espaços de apoio
- Espaços de consumo
- Espaços de serviço
- Espaços de digestão

A implantação e morfologia do Palácio Real da Vila de Sintra potenciam o diálogo entre edifício e paisagem, permitindo uma quase constante interação com o exterior, mesmo dentro de portas. Vistas de mar e de serra penetram nas salas do palácio como se de pinturas vivas se tratassem, emolduradas pela arquitetura, enriquecendo o usufruto do construído e permitindo às atividades do quotidiano, como a refeição, o adquirir de um pano de fundo cénico inigualável.

Ainda que a Sala das Pegas – espaço onde se alocou a mesa de Estado no almoço de 24 de março de 1905 – usufrua visualmente do exterior através de duas janelas orientadas a oeste e a sul ¹²⁷, reconhece-se ser na Sala dos Cisnes que a arquitetura do espaço, pela sua geometria e dimensão, melhor interage com a paisagem sintrense. Munida de cinco vãos de janela de consideráveis dimensões abertos para sul, e de outros tantos orientados a norte, esta é uma sala atravessada em todo o seu esplendor pela verdejância da serra, que quase consegue penetrar até ao pátio do esguicho.

“O almoço terminou entre as 14h e as 14h15. As pessoas reais e comitivas passaram então para a Sala dos Cisnes. Todos eles com raminhos de violetas ou camélias na ‘boutonnière’.” ¹²⁸

Apesar da documentação existente não permitir aferir com certeza que o momento final da refeição – composto pela toma de café, de vinhos e de licores –, tomara lugar na Sala dos

¹²⁵ Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905.* Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., p. 69.

¹²⁶ *Idem, ibidem.*

¹²⁷ Na altura, esta janela sul estaria aberta para um saguão [Planta 2 9], contíguo à Sala de D. Sebastião.

¹²⁸ Montesinos, F. *Op. Cit.*, P. 69



[Fig. 62] Registo do Cruzeiro pelo Mediterrâneo da Rainha Alexandra de Inglaterra com fotografia da comitiva no Pátio dos Cágados do Palácio Real da Vila de Sintra, Rainha Alexandra de Inglaterra, 1905. © RCT, RCIN 2513352.b..

[Fig. 63] Sala do Banho do Palácio Real da Vila de Sintra, António Passaporte (1901-1983), datação desconhecida. © AML, PT/AMLSB/PAS/001112.

Cisnes, deduz-se que tal tenha acontecido tendo por comparação o programa do almoço servido neste paço ao Imperador alemão Guilherme II, a 29 de março do mesmo ano de 1905.

A Sala dos Cisnes, com a sua amplitude, as suas vistas e a magnífica ambiência de frescura por estas despoletada e intensificada pelo revestimento azulejar parece ser, sem se querer diminuir os demais espaços de consumo utilizados, o cenário arquitetónico ideal ao derradeiro momento da refeição. Não se deve, de igual modo, desvalorizar a sua relação para com o Pátio do Esguicho [Fig. 61], implantado contigualmente face ao seu extremo norte.

Uma das mais interessantes e notórias características deste espaço aberto, vedado à interação com o exterior pelo construído do palácio, é o facto de possuir um reservatório mimético de um espelho de água, quase à cota do pavimento da Sala dos Cisnes, denominado Tanque dos Cágados [Planta 2 20]. A delicadeza e engenhosidade deste dispositivo revelam um pensamento altamente estético e com propósito de enaltecimento da fruição, permitindo a quem está nesta sala o usufruto de uma paisagem natural – a da serra de Sintra – e de uma outra, uma paisagem fabricada, na qual se convoca artificialmente a água. Na impossibilidade de com o olhar se alcançar o oceano, algo permitido a partir de outros pontos do palácio, no Pátio do Esguicho esse elemento é (re)produzido pelo Homem, trazendo a memória do mar para o interior do complexo palaciano, enriquecendo a experiência de quem utiliza a Sala dos Cisnes, e convidando a que se explore de mais perto o tanque.

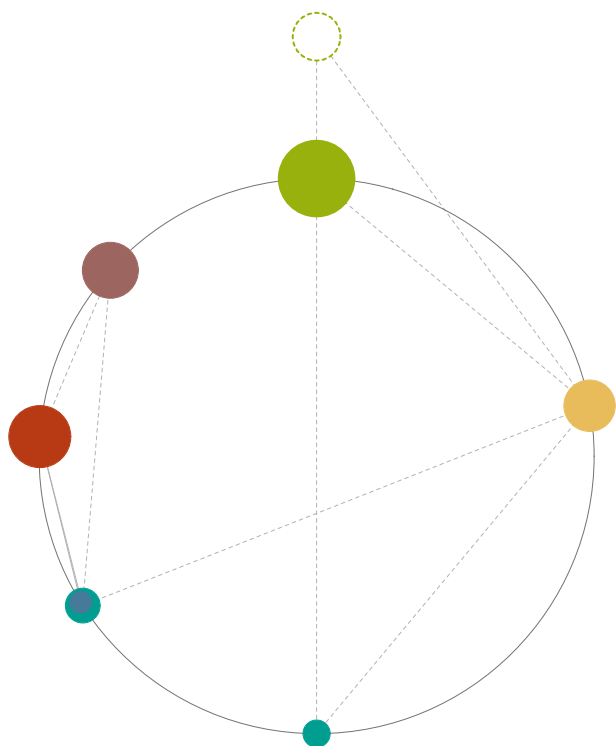
No Pátio do Esguicho, hoje em dia denominado Pátio Central, reuniu-se toda a animada comitiva, como se haveria de fazer dias mais tarde na presença de Guilherme II, e muitas outras vezes quando a ocasião o justificava, e o tempo meteorológico o permitia. Por entre fotografias [Fig. 62], poses e brincadeiras, naquele espaço rebaixado envolto em ladrilhos, quase de índole panótica, Família Real e convidados trocaram as últimas impressões. À Rainha Alexandra foram ainda mostradas algumas das salas do palácio, antes do séquito sair para a vila, e rumar serra acima, em direção ao palácio da Pena, de acordo com um protocolo semelhante ao da chegada.



[Do que os fotógrafos não esperavam é que também Sua Majestade El-Rei, a Rainha Alexandra, o coronel Legge (1841-1918), a condessa de Seisal (-) e um oficial do iate real britânico viessem munidos de câmaras, deliciando-se a captar imagens de tão belo momento.¹²⁹ Pelo pátio espalharam-se algumas cadeiras, que vão servindo de assento àqueles que, a bem da digestão e do descanso do estômago, procuram também aliviar as pernas. As conversas fluem por entre risos e gargalhadas, expressões delicadas, olhares animados. Aqui e ali alguém acende um charuto, e o pátio, por momentos, parece encher-se com a neblina sintrense. Os príncipes estavam a adorar o momento, movimentando-se de forma afoita de um lado para o outro, numa excitação que parecia não ter fim. Já tinham posto as mãos na água do tanque, que beleza, que frescura! Que bela ideia lhes surgiu! “Venha Sua Majestade, ver a Sala de Banho [Fig. 63]! É já aqui, na casa de fresco! Já viu? Que beleza tamanha! Os azulejos azuis, as cenas galantes!” E num instante, heis que das dezenas de minúsculos esguichos camuflados por entre os azulejos começa a brotar água, que molha sem cerimónia a ilustre convidada e umas quantas outras pessoas que vieram atrás.¹³⁰ A gargalhada foi geral, e os príncipes, mais divertidos do que nunca, desataram a correr em direção à avó, para relatarem a brincadeira.]

¹²⁹ Montesinos, F. (2019). O passeio a Sintra da Rainha Alexandra em 1905. Em torno do almoço no Paço da Vila. In M. J. Burnay; F. Montesinos; C. N. Correia; I. Ferro (Dir. ed.), A. N. Pereira (Dir. ed.), et al. *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905.* Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A., p. 69.

¹³⁰ *Idem, ibidem.*



3.5 A IMPRESSÃO ESPACIAL DA REFEIÇÃO DE 24 DE MARÇO DE 1905

A imagem final da interação entre os espaços alimentares do Palácio Real da Vila de Sintra, tal como operaram no dia 24 de março de 1905, é tradutora de um usufruto equilibrado do palácio aquando da refeição, isto em termos da localização, no complexo, das câmaras implicadas. A cozinha principal, edificada de raiz com o propósito de servir de principal espaço de confeção do paço, dialoga de modo próximo com os demais espaços apropriados como alimentares. O que esta representação não ilustra – apesar de o indiciar através da anotação dos percursos com traço interrompido –, é o carácter misto de alguns dos trajetos de comunicação que, ao se desdobrarem entre o interior e o exterior, dificultando o trabalho ao pessoal de serviço, são o garante da harmonia na distribuição.